

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Flaviane Rodrigues Eugênio

As mulheres que falam do futebol de mulheres: uma análise de projetos de mídia esportiva alternativa brasileiros

BELO HORIZONTE

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Flaviane Rodrigues Eugênio

As mulheres que falam do futebol de mulheres: uma análise de projetos de mídia esportiva alternativa brasileiros

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina
Vimieiro

Dossiê apresentado para a obtenção do título de mestre do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais

BELO HORIZONTE

2023

301.16	Eugênio, Flaviane Rodrigues.
E87m	As mulheres que falam do futebol de mulheres
2023	[manuscrito] : uma análise de projetos de mídia esportiva alternativa brasileiros / Flaviane Rodrigues Eugênio. - 2023. 128 f. Orientadora: Ana Carolina Soares Costa Vimieiro .
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Comunicação – Teses. 2. Futebol – Teses. 3. Mulheres - Teses. 4. Interseccionalidade. (Sociologia) - Teses 5. Jornalismo esportivo - Teses. I. Vimieiro , Ana Carolina II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS FACULDADE DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"As mulheres que falam do futebol de mulheres: uma análise de projetos de mídia esportiva alternativabrasileiros."

Flaviane Rodrigues Eugênio

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profª Ana Carolina Soares Costa
Vimieiro - Orientadora
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Tatiane
Hilgemberg
FigueiredoUFRR

Profª Soraya Maria
Bernardino Barreto Januário
UFPE

Belo Horizonte, 10 de novembro
de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Soares Costa Vimieiro, Professora do Magistério Superior**, em 13/11/2023, às 10:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto](#)

[nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Soraya Maria Bernardino Barreto Januário, Usuária Externa**, em 17/11/2023, às 08:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tatiane Hilgemberg Figueiredo**,
Usuário Externo, em 17/11/2023, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília,
com fundamento no art. 5º do [Decreto nº10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código
verificador **2743303** eo código CRC **2703FD4B**.

Referência: Processo nº 23072.265126/2023-84

SEI nº 2743303

/

A todas as mulheres que não tiveram suas
histórias contadas e foram invisibilizadas no
futebol.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi uma tarefa fácil, mas, sempre estive ao lado das melhores pessoas que me fortaleceram para que eu pudesse terminar esta dissertação e me tornar, enfim mestre. Somos feitos também pelo outro e acredito fielmente nisso, por isso, valorizo tanto os que passaram na minha vida e principalmente os que permaneceram. Gostaria de começar agradecendo por aí, aos amigos e familiares que se mantiveram comigo e entenderam minhas ausências. Desistir nunca foi uma opção, mas, tê-los me encorajando ou ao meu lado, tornou minha caminhada menos difícil, mais prazerosa, mesmo em momentos que pensei que este não era o meu lugar.

Agradeço também ao meu avô, que me incentivou a ser professora, ainda que ele não tenha vivido para ver, me tornei não só professora, mas também pesquisadora. E tenho muito orgulho disso. A minha avó, que nos deixou em 2021, e levou um pedaço de mim que jamais voltará, mas, me ensinou sobre ser forte e continuar mesmo quando tudo parece difícil demais. O que me lembra de agradecer a Yasmine, uma amiga muito querida do mestrado, que no momento mais difícil esteve comigo durante a caminhada. Sem o seu apoio não sei se teria continuado. Sou grata a todas as mulheres fortes que são colocadas em minha vida, sem elas, não seria 1% do que sou.

A minha família, que são exemplos em minha vida e contribuem com a minha caminhada, o melhor de mim nunca será os títulos alcançados, mas sim os valores que eles me passaram. A minha mãe, que sei que acredita cegamente em mim e em onde poderei chegar, sei que seu apoio e orações são fundamentais. Assim como das minhas madrinhas, padrinho, e da Rosa, uma amiga muito especial. Aos amigos que acreditaram em mim e fizeram desta caminhada mais leve. Menciono aqui os amigos do Coletivo Marta, sem dúvidas o mais importante do mestrado são os amigos que fazemos e compartilhar esta caminhada com eles, não há preço. Pesquisar é solitário, no entanto, encontrei no Marta o apoio e o grupo que precisava.

Agradeço ainda a Carol, minha orientadora, que tenho como exemplo de pessoa e profissional. O mestrado não é uma tarefa fácil, mas, Carol facilita com sua paciência, compreensão e profissionalismo. Compartilho com Carol muitas coisas em comum uma delas é o Clube Atlético Mineiro, o Galo, a quem também agradeço. Sempre soube que trabalharia com esporte por conta deste time e essa minha certeza se conclui ao me afirmar enquanto pesquisadora de esporte. Além disso, atribuo a minha resiliência ao fato de torcer para este time, e sem ela, não estaria aqui.

A Melissa, minha primeira afilhada e que me motiva mesmo sendo tão nova, quero construir um futuro melhor para ela e isso por si só é um grande incentivo. Sou a primeira mestre da minha família, fui a primeira a entrar em uma universidade Federal. Cheguei em um lugar nunca antes ocupado pelos Rodrigues e pelos Eugênio, mas, sei que esse é só o começo e torço para que o caminho fique aberto para os que vierem depois de mim.

Agradeço ainda todos os professores da linha de pesquisa de Processos Comunicativos e Práticas Sociais, principalmente os que passaram pela minha formação contribuindo de alguma forma com esta pesquisa. Por fim, agradeço a FAPEMIG, que durante boa parte da minha trajetória no mestrado, financiou a pesquisa e me deu subsídios para enfim estar em Belo Horizonte.

*Nossa ênfase precisa ser
uma transformação cultural;
destruir o dualismo, erradicar
os sistemas de dominação.
Nossa luta será gradual e prolongada.
bell hooks*

RESUMO

Esta dissertação analisa projetos de mídia esportiva alternativa, produzidos por mulheres e que se dedicam a cobrir o futebol de mulheres no Brasil. Partimos de um diagnóstico que grande parte da literatura sobre mídia esportiva foca na análise da cobertura do futebol masculino e em veículos de mídia tradicionais (FORTES, 2011; 2014). Mesmo os trabalhos que se dedicam a explorar a cobertura do futebol de mulheres não costumam se dedicar a projetos alternativos e analisam relatos jornalísticos da mídia hegemônica que são, também, produzidos em sua maioria por homens (SALVINI & MARCH JR, 2013a, 2013b, 2013c; FERRETI ET AL, 2011; VON MUHLEN & GOELLNER, 2012). Já a literatura que analisa projetos de mídia alternativa, tocados por torcedores também têm focado em iniciativas lideradas ou compostas em sua maior parte por torcedores homens e que tem foco no futebol masculino (VIMIEIRO, 2014). Nesse sentido, este projeto busca preencher algumas lacunas, particularmente a falta de pesquisas sobre mídias esportivas alternativas com cobertura dedicada ao futebol de mulheres e produzidas por mulheres. Nesta análise objetivou-se compreender como são os projetos produzidos, quais são suas características, como os domínios de poder e, conseqüentemente, a interseccionalidade emergem. A fim de responder os questionamentos propostos, um mapeamento de iniciativas feitas por mulheres e sobre o futebol de mulheres foi realizado. A partir disso, selecionamos iniciativas que contemplassem todos os requisitos propostos, chegando a um total de 48 iniciativas. Após a seleção, que foi realizada a partir do Instagram, uma primeira etapa de análise, quantitativa, a respeito das iniciativas foi feita. Depois, uma segunda etapa foi realizada, ainda quantitativo, somente com as iniciativas que possuem blogs, totalizando 1.116 notícias analisadas, com categorias como cobertura, esporte, modalidade, domínios de poder e interseccionalidade. Por fim, houve uma última etapa, que se consistiu em uma análise qualitativa com foco em como a interseccionalidade e os domínios de poder emergiram nas iniciativas. Como resultado, ficou evidente que as iniciativas são diversas e utilizam-se de diversas mídias sociais para comunicar sobre a modalidade feminina. E os blogs escritos pelas mulheres possuem diversas especificidades. Além disso, os domínios de poder e a interseccionalidade não são acionados recorrentemente nas iniciativas que analisamos. Quando emergiram o principal domínio é o estrutural, através de reflexões sobre a estrutura da modalidade feminina. Já a interseccionalidade emergem, principalmente, por meio de figuras importantes da modalidade, como Cristiane, Formiga e Marta.

Palavras-chave: Futebol de mulheres; interseccionalidade; domínios de poder; iniciativas de mídia; jornalismo esportivo.

ABSTRACT

This dissertation analyzes alternative sports media projects, produced by women and dedicated to covering women's football in Brazil. We start from a diagnosis that much of the literature on sports media focuses on analyzing the coverage of men's football and in traditional media vehicles (FORTES, 2011; 2014). Even the works that are dedicated to exploring the coverage of women's football do not usually dedicate themselves to alternative projects and analyze journalistic reports from the hegemonic media that are also mostly produced by men (SALVINI & MARCH JR, 2013a, 2013b, 2013c ; FERRETI ET AL, 2011; VON MUHLEN & GOELLNER, 2012). The literature that analyzes alternative media projects run by fans has also focused on initiatives led or composed mostly of male fans and that focus on men's football (VIMIEIRO, 2014). In this sense, this project seeks to fill some gaps, particularly the lack of research on alternative sports media with coverage dedicated to women's football and produced by women. This analysis aimed to understand how the projects are produced, what their characteristics are, how the domains of power and, consequently, intersectionality emerge. In order to answer the proposed questions, a mapping of initiatives carried out by women and about women's football was carried out. From this, we selected initiatives that covered all the proposed requirements, reaching a total of 48 initiatives. After the selection, which was carried out using Instagram, a first quantitative analysis of the initiatives was carried out. Afterwards, a second movement was carried out, still quantitative, only with initiatives that have blogs, totaling 1,116 news articles analyzed, with categories such as coverage, sport, modality, domains of power and intersectionality. Finally, there was a last movement, which consisted of a qualitative analysis focusing on how intersectionality and domains of power emerged in the initiatives. As a result, it became evident that the initiatives are diverse and use different social media to communicate about the women's sport. And blogs written by women have several specificities. Furthermore, domains of power and intersectionality are not frequently activated in the initiatives we analyzed. When they emerged, the main domain was structural, through reflections on the structure of the female modality. Intersectionality emerges, mainly, through important figures in the sport, such as Cristiane, Formiga and Marta.

Keywords: Women's football; intersectionality; domains of power; media initiatives; sports journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Meninas em uma das festas esportivas da época.....	28
Figura 2: Capa da revista Placar de 1984.....	35
Figura 3: Recorte da enquete feita pela revista Placar em 1981	35
Figura 4: Recorte de algumas respostas da enquete na Revista Placar em 1981.....	36
Figura 5: Etapas da análise.....	76
Figura 6: Mosaico das mídias sociais do <i>Dibradoras</i>	81
Figura 7: Mosaico das mídias sociais do <i>Fut das Minas</i>	84
Figura 8: Mosaico mídias sociais <i>Rainhas do Drible</i>	86
Figura 9: Mosaico mídias sociais do <i>FFF</i>	90
Figura 10: Mosaico das mídias sociais do <i>Futebol por elas</i>	92
Figura 11: Mosaico mídias sociais <i>Peppas na língua</i>	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Mapeamento de iniciativas alternativas produzidas por mulheres	71
Tabela 2: Tipos de cobertura e características.....	73
Tabela 3: Iniciativas com site analisadas	74
Tabela 4: Domínios estruturais e como são acionados	107
Tabela 5: O domínio cultural de poder e como é acionado nas postagens	111
Tabela 6: A interseccionalidade nos posts analisados	113
Tabela 7: Ecossistema comunicativo das mídias analisadas	119

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	17
2.O APITO INICIAL DO JOGO: O FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL..	21
2.1- Meiga, gentil e frágil - Os ideais de feminilidade como norteadores das práticas esportivas feitas por mulheres	23
2.2- A inserção das mulheres no futebol em alguns estados e cidades brasileiras..	25
2.3- A proibição do futebol de mulheres a partir do decreto nº 3.199	32
3- MÍDIA ESPORTIVA	39
3.1 As representações femininas no ambiente esportivo: a mídia impressa	43
3.2 As representações femininas no ambiente esportivo: os sites esportivos.....	49
3.3- As representações femininas no ambiente esportivo: a televisão	53
3.4- A mídia esportiva e as mulheres jornalistas.....	54
4. OS ESTUDOS DE GÊNERO: ALGUMAS CONCEPÇÕES	59
5- METODOLOGIA.....	68
5.1- Problema de pesquisa	68
5.2 Objetivo geral	69
5.3- Definição de pesquisa	69
5.4- Escolha do corpus e mapeamento das mídias alternativas	70
5.5- Primeira etapa de análise: os aspectos quantitativos das iniciativas	73
5.6- Segunda etapa de análise: os aspectos quantitativos das iniciativas com sites	74
5.7- Terceira etapa de análise: investigação qualitativa com foco nos domínios de poder e marcadores interseccionais das iniciativas com sites	75
6- ANÁLISES	76
6.1- Primeira etapa da análise: investigação quantitativa das iniciativas mapeadas..	76
6.2- Apresentação das mídias com sites	80
6.2.1- Dibradoras	80
6.2.2- Fut das Minas.....	83
6.2.3- Rainhas do Drible	86
6.2.4- Planeta Futebol feminino.....	89
6.2.5 Futebol por elas.....	92
6.2.6- Peppas na língua	94
6.2.7- Galo Delas	97

6.3 Segunda etapa da análise: investigação quantitativa das iniciativas com sites	100
6.3.1 Os domínios e poder das iniciativas analisadas.....	102
6.3.2 Marcadores interseccionais.....	104
6.4- Terceira etapa de análise: investigação qualitativa das iniciativas com site...	105
6.4.1- O domínio estrutural de poder e a prevalência sobre os demais.....	106
6.4.2- O domínio cultural e a relação com as transmissões dos jogos.....	110
6.4.3- O domínio disciplinar e a regulação das mulheres no ambiente futebolístico.....	111
6.4.4- O domínio interpessoal e a reflexão sobre a mulher no futebol	113
6.4.5- Poucos marcadores para além de gênero	115
6.4.6 - Os sites e o ecossistema comunicativo.....	118
7. O APITO FINAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DESTE TRABALHO	121
REFERÊNCIAS.....	126

1. INTRODUÇÃO

Franco Júnior (2007) sintetiza que o futebol emergiu como um esporte de bachareis, mesmo em um país com enorme desigualdade social, um esporte de brancos, em uma sociedade que é marcada pela diversidade racial. Além de ter sido associado ao progresso e industrialização, apesar de a economia ser essencialmente agrária na época. Mesmo com as divergências, Franco Júnior (2007) sugere que o futebol desde o início se tornou um importante elemento para debater a modernização do Brasil e a construção da identidade nacional. Um exemplo disso é que a inserção da mulher no esporte se deu através da modernização das cidades e da reconfiguração que este processo exigiu (BONFIM, 2019; SILVA, 2015). Sendo assim, as mulheres (brancas) passaram a participar da vida pública. Em se tratando da identidade nacional, o futebol é tido por muitos literatos da área como a paixão nacional, premissa defendida por Guterman (2009). Entretanto, Silva (2015) argumenta que é o futebol de homens que ocupa este imaginário social de paixão nacional.

A luz do que foi exposto, emerge uma questão considerável desta discussão, a origem elitista do futebol e a consequência para alguns grupos, como mulheres, negros, pobres, pessoas LGBTQIA+, entre outros grupos subalternizados. Apesar da constatação, é possível afirmar que o universo futebolístico não foi suficientemente pensado (FRANCO JÚNIOR, 2007). Por isso, ainda há diversas questões a serem analisadas e compreendidas, inclusive no campo midiático, já que a mídia é um objeto cultural capaz de influenciar e ser influenciado pela sociedade (MOURÃO; MOREL, 2005). É a partir dos processos comunicativos que este trabalho se configura, pois, o jornalismo esportivo, de acordo as pesquisas de Bonfim (2019), Goellner (2005) e Franzini (2005), historicamente, esteve alinhado a discursos hegemônicos, como o de que o futebol não era adequado às mulheres, noção bastante dominante na primeira metade do século XX.

Neste momento, é importante explicar sobre qual concepção entendemos a mídia alternativa. Para isso é necessário citar Gramsci (2002), que define hegemonia como a dominação intelectual, econômica e cultural de um grupo sobre o outro. É a partir dessa concepção que começamos a delimitar o que é mídia alternativa. Folleto (2018) argumenta que a mídia alternativa é fundamentalmente contra-hegemônica. Atton (2002), Downing (2002) e Kucinski (2003) dizem que os anos 1970 foi marcado por produção de mídias de trabalhadores,

de movimentos sociais, de publicações anarquistas, culturais e de grupos marginalizados, além de rádios comunitárias e jornais de resistência aos governos ditatoriais na América Latina. A partir disso, Atton (2002) propõe três formas de identificar mídias alternativas e que consideramos adequadas a este trabalho. A primeira diz respeito à introdução de mudanças sociais radicais na sociedade e reavaliação de valores tradicionais. A segunda engloba mídias que representam uma identidade que possui menos espaço nos grandes veículos, como as mídias feministas. Por último, trata-se de publicações culturais produzidas de maneira artesanal por fãs ou grupos de pessoas que discutem temas culturais e artísticos.

Chamamos então de iniciativas midiáticas, aquelas que não são produzidas nos grandes veículos de comunicação e que são organizadas a partir de outros arranjos econômicos, sem as pressões financeiras de anunciantes e outros parceiros, tendo menos impacto na linha editorial do veículo. Elas parecem, então, propensas a discutir aspectos culturais sob outras perspectivas que não as comumente veiculadas na grande mídia, por isso capazes de originar novos discursos. Nesse ínterim, as ideias hegemônicas no futebol são propagadas através da mídia tradicional, que noticia em detrimento dos grupos dominados. Desta forma, assuntos relevantes para a sociedade e que perpassam o futebol são menos noticiados, bem como o futebol de mulheres (ROWE, 2007). É esse espaço que a mídia alternativa preenche, pois, entende que culturalmente o futebol de homens é o popular, e assim, atua para a construção de novos discursos e novos símbolos culturais acerca da modalidade feminina.

Em se tratando de como a mídia esportiva se configura, o International Sports Press Survey, ISPS (2011), realizou uma pesquisa em alguns países, incluindo o Brasil, que aponta que as mulheres são minoria no jornalismo esportivo, já que, apenas 8% das notícias são escritas por elas e somente 15% são sobre modalidades femininas. Dados que são discrepantes, mas ilustram a realidade do jornalismo esportivo e do esporte de maneira geral, que são considerados espaços masculinos (GOELLNER, 2005) e, por isso, as mulheres ainda são preteridas neles. O início desta discussão apresentou que o futebol veio de um berço elitista, e que por isto, alguns grupos foram subjugados. Tal premissa foi e é pouco discutida na mídia hegemônica, que muitas vezes opta por comunicar pensando apenas nos eventos esportivos e nos atletas, sem refletir sobre as desigualdades no esporte (ROWE, 2007) e nos próprios veículos de comunicação.

Nesse viés, a mídia alternativa emerge como um espaço que pode contribuir com novas narrativas sobre o futebol de mulheres e também para a consolidação de mulheres que falam de futebol, seja como jornalistas, seja como torcedoras. Toffoletti (2017) entende que a mídia alternativa pode ser um ambiente menos masculino para as mulheres produzirem novos

discursos e assim criarem novas narrativas sobre as modalidades femininas e também sobre si. Vimieiro (2014) aponta que as mídias alternativas são utilizadas por torcedores para informar e serem informados sobre seus clubes, mas, há poucas investigações sobre cultura torcedora sob os enfoques da comunicação e dos estudos culturais. Além da ausência de pesquisas que se debruçam sobre as mídias alternativas na literatura da comunicação e esporte, que optam por analisar a grande mídia e os grandes eventos esportivos (FORTES, 2011, 2014).

Emerge agora outra temática desta pesquisa, a interseccionalidade, termo proposto por Crenshaw em 1989 (GUIMARÃES, *et al.*, 2018), mas ideia que já estava presente em outras falas e estudos de mulheres negras (LAGO; KAZAN, THAMANI, 2018). Para Crenshaw (1989), as questões de raça, gênero, classe, sexualidade e demais, são opressões interligadas, que não agem isoladamente, mas sim, de maneira intercruzada na sociedade. Collins e Bilge (2021) ainda destacam que a interseccionalidade ajuda a incluir mulheres negras nos estudos de gênero, já que determinadas abordagens as excluía. No futebol, a inserção da mulher no esporte se deu conforme as cidades iam se modernizando e a presença feminina passou a ser relevante. Apesar disso, discursos e ideais de feminilidade como graciosidade, delicadeza e beleza (GOELLNER, 2005) eram associados ao gênero feminino. Tais valores não contemplavam mulheres negras, que socializam de maneiras distintas naquela época, ocupando inclusive o mercado de trabalho. Nesse sentido, as mulheres negras estão em menor número dentre as mulheres que ocupam o jornalismo esportivo e o ambiente futebolístico de modo geral.

Estas questões fazem com que se reflita sobre como a mídia alternativa pode ser um ambiente propício para a reflexão destas opressões e também para a criação de novas narrativas. A partir do que foi exposto, esta pesquisa pretende analisar as mídias alternativas que as mulheres produzem sobre o futebol de mulheres sob a perspectiva dos domínios interseccionais de poder propostos por Collins e Bilge (2021), categorizados em estrutural, que se relaciona com estruturas que contribuem para relações desiguais; cultural, que diz sobre os símbolos culturais que contribuem para relações desiguais, relacionando-se inclusive diretamente com a comunicação; disciplinar, que são regras que controlam, ainda que não explicitamente, os corpos e conduta de determinados grupos; e interpessoal, que é como os grupos marginalizados se relacionam cotidianamente com essas estruturas de opressão. Nesse sentido, perceber quais são os discursos construídos em projetos de mídia alternativos, se há reflexões sobre as opressões e como é refletido sobre são interesses dessa dissertação. Desta forma, as seguintes proposições movem esta pesquisa: *Como se caracterizam os projetos de mídia esportiva alternativa produzidos por mulheres e que se dedicam a cobrir o futebol de mulheres no Brasil,*

e como os domínios de poder e a interseccionalidade são acionadas nessas iniciativas? Para responder esta pergunta, dividimos este trabalho em três capítulos teóricos que contemplam as discussões que foram introduzidas anteriormente. No primeiro: *O apito inicial do jogo: O futebol de mulheres no Brasil*, discutimos sobre a inserção da mulher no futebol, que se deu a partir da modernização das cidades. Falamos ainda da proibição da modalidade feminina e as dificuldades pós-proibição do futebol de mulheres.

O segundo, *Mídia esportiva*, fala sobre como se configura a mídia esportiva e como ela, por meio das representações da modalidade feminina, se mostra patriarcal e reproduz estereótipos, que inclusive sexualizam as mulheres no futebol. Ademais, discutimos também sobre como o jornalismo esportivo tradicional se isenta de discussões que são importantes. A fim de organizarmos o capítulo, o dividimos em representações femininas na mídia impressa, sites esportivos e televisão. Ainda neste capítulo, falamos da relação mídia esportiva e as mulheres jornalistas e como este ambiente ainda é um espaço de mulheres brancas.

O último capítulo teórico, *Os estudos de gênero, algumas concepções*, nos dedicamos a discutir algumas concepções importantes sobre os estudos de gênero e que perpassam este trabalho. Como o patriarcado, algumas postulações de femininas clássicas e, posteriormente, discussões do feminismo negro e da interseccionalidade.

Para finalizar o trabalho, o último capítulo, o de análises, é dividido em três etapas. A primeira apresenta a análise quantitativa das iniciativas de mídia que foram mapeadas, no total 48. A segunda etapa analisa os dados quantitativos das 7 iniciativas com blogs, a partir de categorias como acionamento de domínios de poder, interseccionalidade e tipo de cobertura. Na última etapa, focamos na parte qualitativa, esmiuçando como as categorias citadas anteriormente se apresentam nos blogs. Após estas etapas, muitas informações sobre as iniciativas de mídia sobre o futebol de mulheres emergiram. Primeiro, essas iniciativas são múltiplas e realizadas em diversas mídias sociais, ainda que tenhamos focado na análise nos blogs. Ademais, cada uma delas possuem especificidades que as caracterizam e as fazem serem diferentes umas das outras, formando o que chamamos de ecossistema midiático. Notamos ainda que a interseccionalidade e os domínios de poder são menos recorrentes, porém, aparecem em pelo menos uma vez nos blogs. Após a finalização deste trabalho, é possível dizer que a mídia alternativa feita por mulheres e sobre o futebol de mulheres possui similaridades com o que é feito na mídia tradicional, por exemplo, com a cobertura mais episódica que temática. No entanto, se diferencia em outros aspectos, como na tematização de assuntos que não estão na grande mídia como, por exemplo, discussão sobre a interseccionalidade e também sobre os problemas recorrentes da modalidade. Além disso, todas as iniciativas são importantes

para a modalidade feminina porque ajudam na divulgação da modalidade e na (re)construção das histórias que são contadas do futebol de mulheres.

2. O APITO INICIAL DO JOGO: O FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

“O Brasil é o país do futebol!”. Esta afirmação já foi tão exaustivamente repetida que nada nela se estranha. De fato, não há como negar que seja este nosso esporte nacional. No entanto, para quem, de alguma maneira, convive com o futebol feminino, algo nesta frase causa certo incômodo, já que nada nela define que o Brasil seja o país do futebol de homens” (Silva, 2015, p.1)

Para iniciar as discussões desta pesquisa, primeiramente discutiremos sobre o futebol de mulheres no Brasil. Para isso, um percurso acerca dos primeiros momentos da inserção da mulher no esporte e conseqüentemente no futebol será realizado. Outra discussão acionada nesta seção será a proibição de algumas modalidades esportivas, o que inclui o futebol de mulheres. A partir disso, ilustramos as dificuldades encontradas pelas mulheres, na prática esportiva.

Franco Júnior (2017) diz que o futebol no Brasil é tido por muitos pesquisadores como o esporte mais popular do país. No entanto, é necessário considerar que essa afirmação diz respeito ao futebol masculino, já que a modalidade feminina ainda não tem o apelo popular que a modalidade masculina possui e, por isso, tem-se no futebol e nas representações futebolísticas, uma hegemonia masculina. Nas palavras de Silva (2015):

No trabalho, no bar, no estádio, na família, na sala de aula, o olhar que se lança sobre a mulher que se posiciona com relação ao futebol é de estranhamento, como se algo tivesse fora do lugar. O futebol não é entendido como um espaço de possível afirmação da mulher. A própria prática exercida por mulheres é fruto de longa e intensa luta, mas vista, muitas vezes, como uma concessão de espaço feita pelos homens, donos da bola e do esporte. (Silva, 2015, p.1)

A partir desta afirmação, é possível pensar em como o ambiente esportivo ainda diz muito sobre as modalidades masculinas e não sobre as femininas, que foram permeadas de exclusões e pautadas por proibições de uma sociedade patriarcal, que via a mulher incapaz de certas práticas esportivas.

2.1- Meiga, gentil e frágil - Os ideais de feminilidade como norteadores das práticas esportivas feitas por mulheres

Goellner (2005) afirma que as mulheres conquistaram espaço no esporte a partir das primeiras décadas do século XX, especialmente por conta da participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos. Essa participação não se deu de maneira tranquila e houve resistência. Apesar disso, a presença feminina nos jogos Olímpicos garantiu às mulheres, maior visibilidade no ambiente esportivo, que naquela época era ainda mais masculino (GOELLNER, 2005).

Um dos argumentos para a não aceitação da mulher no ambiente esportivo é justamente a ideia de que a mulher não pertencia àquele ambiente, que era majoritariamente masculino e, por isso, os ideais de masculinidade ali impostos não eram adequados para as mulheres. Outro argumento utilizado para a exclusão feminina dos esportes se relacionava à biologia do sexo masculino e feminino.

[...] havia a concepção de que o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas a mulher, abrandariam os limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Além disso, poderiam desestabilizar a estruturação de um espaço de sociabilidade criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas. (Goellner, 2005, p.144)

A partir da explanação de Goellner (2005), fica evidente que a mulher não era considerada apropriada para o ambiente esportivo. Os argumentos principais partiam dos pressupostos biológicos, que colocavam a mulher como inferior ao homem. E também das concepções que a sociedade tinha, e ainda tem, de que a mulher não pertence a alguns lugares. Esta percepção faz com que a mulher seja invisibilizada em determinados espaços, como o futebol. Parte dessa não aceitação advém dos ideais de masculinidades e feminilidades que pautavam a sociedade da época e que ainda vigoram.

A feminilidade é um conceito criado dentro de uma cultura patriarcal para normatizar o que é ser mulher. O termo se apoia no imaginário social, cultural e midiático utilizado para homogeneizar mulheres e suas atitudes, de acordo com os interesses culturais (BERALDO, 2015). Connel et al., (2013) discorrem que a feminilidade perpassa também pela aceção de masculinidade hegemônica, que para as autoras são uma série de práticas, como a socialização

e o mercado de trabalho, outros, que permitem que homens dominem as mulheres. O conceito de masculinidade hegemônica contribuiu em diversos âmbitos, nos estudos da educação, de gênero e também da criminologia. Além de também se relacionar ao conceito de feminilidade enfatizada, ou hegemônica, como é atualmente denominada. Tais representações podem ser reconfiguradas, especialmente pelas mulheres mais jovens e de acordo com determinadas culturas. Tanto a masculinidade hegemônica quanto a feminilidade se desenvolvem a partir de uma ordem patriarcal de gênero. Para Saffioti (2004), o patriarcado é a dominação-exploração que os homens exercem sobre as mulheres. Já Adelman vai dizer que:

A ‘verdadeira feminilidade’ da meiga, gentil e fisicamente frágil mulher doméstica da cultura vitoriana, padrão hegemônico nas diversas sociedades ocidentais até o início do século XX, vinculava-se a um status social de elite, enquanto os diversos grupos de mulheres trabalhadoras careciam de qualquer oportunidade de proteção, ou de se poupar de trabalho físico duro. Mas, como modelo hegemônico da feminilidade, impunha-se com grande força, como norma que delimitava o campo das práticas femininas socialmente aceitas. (Adelman, 2003, p.446)

Adelman (2003) discute sobre a feminilidade hegemônica imposta sobre a mulher que associa adjetivos como meiga, gentil e frágil ao sexo feminino. Esta feminilidade hegemônica contribuía com os argumentos de que alguns esportes não eram para mulheres, visto que colocaria em risco a graciosidade feminina que era tão desejável frente aos ideais da época. Entretanto, tal como Adelman (2003) ressalta, a feminilidade hegemônica era imposta somente às mulheres ricas, já que as mulheres menos abastadas e majoritariamente negras trabalhavam em ambientes em que se exigia muito esforço físico. A ressalva feita pela autora evidencia ainda outra característica da inserção da mulher no esporte: ela aconteceu primeiro para as mulheres brancas de classe alta e só posteriormente para as demais mulheres. Sendo assim, para além das opressões de gênero, o ambiente esportivo ainda se mostra opressivo em termos de raça, classe, sexualidade e demais.

Fica exposto, portanto, que havia uma imposição da feminilidade e, por isso, havia vários impedimentos acerca do que poderia ser feito, ou não, pelas mulheres, a fim de manter esse padrão feminino hegemônico. Havia diversas formas de controlar o corpo feminino, e o esporte, sem dúvidas, ultrapassava os limites do que era considerado seguro para as mulheres e, portanto, considerado inadequado. Pairava sobre as mulheres a responsabilidade de serem femininas, responsáveis pelos afazeres domésticos e, principalmente, serem capazes de serem boas mães e de terem filhos saudáveis (ADELMAN, 2003).

Naquele momento, tanto a socialização quanto as atividades que as mulheres podiam realizar giravam em torno do que era considerado adequado, que era justamente os afazeres domésticos e a maternidade. Tais atividades eram tão impostas às mulheres, que havia muitas discussões em torno da prática esportiva feminina. No entanto, algumas discussões da época apontaram para alguns exercícios que manteriam a feminilidade e também contribuiriam para o fortalecimento do corpo. Um exemplo de esporte que passou a ser recomendado foi a ginástica. O que evidencia que a normatização em torno do que era aceitável para a mulher estava muito presente na sociedade (ADELMAN, 2003).

A mulher precisou então disputar o ambiente esportivo e romper com a ideia que o corpo feminino era incapaz de realizar determinadas atividades (OLIVEIRA, 2004 apud ADELMAN, 2006). As mulheres da época precisaram ultrapassar os ideais de feminilidade impostos para conseguirem entrar no esporte. Pois, o acesso a este ambiente era limitado pelas narrativas em torno da feminilidade e da masculinidade ideais (ADELMAN, 2006).

2.2- A inserção das mulheres no futebol em alguns estados e cidades brasileiras

Até este momento, é possível inferir que até a inserção feminina no esporte de fato acontecer, a mulher era condicionada às atividades do lar e só depois foi encorajada a praticar atividades que os especialistas recomendavam. Porém, quando se faz tal panorama sobre as mulheres e o esporte, fala-se de mulheres brancas, de classes privilegiadas. As demais mulheres socializaram de maneira diferente, dada a condição social e a necessidade de realizar trabalhos que as mulheres brancas desconheciam.

Silva (2015) e Bonfim (2019) mencionam em seus estudos que o processo de socialização da mulher no esporte se iniciou primeiro com o próprio processo de socialização, urbanização e modernização das cidades. A mulher que até dado momento era vista menos recorrentemente nos espaços públicos, passou a fazer parte dos cenários das cidades no início do século XX. Bonfim (2019) associa diretamente a modernização do Rio de Janeiro com a ascensão do futebol. O que mostra que as novas configurações das cidades permitiram a vida pública e também a presença no esporte. No entanto, com as novas configurações, surgem também novos impedimentos e limitações para as mulheres, que queriam mais que só o convívio social e tinham o esporte como fonte de desejo.

Em se tratando da participação feminina no futebol, um dos estudos mais detalhados é o de Bonfim (2019), que esmiúça a relação feminina no esporte no estado do Rio de Janeiro. A autora pontua que é difícil precisar sobre as primeiras partidas de futebol entre mulheres.

Contudo, devido à popularização da modalidade no século XX, alguns pesquisadores, como Goellner (2005), consideram a inserção da mulher na modalidade, oficialmente, a partir do jogo entre “senhorinhas”, ocorrido na cidade de São Paulo em 1921.

Franzini (2005) explica que por trás da preocupação com a prática esportiva feminina, havia machismo, moralismo e um certo medo de que as mulheres invadissem um espaço considerado masculino. Apesar desta preocupação, a presença feminina nos estádios de futebol acontecia, desde que elas fossem como meras espectadoras.

As duas primeiras décadas do século XX marcaram a familiarização, segundo Pereira (2000:29), das “moças da mais fina sociedade” com a assistência ao futebol como torcedoras nas arquibancadas dos estádios brasileiros. Nesse mesmo ambiente esportivo, que privilegiou o encontro e a vivência pública, meninas experimentariam, ainda que timidamente e sem os mesmos estímulos recebidos entre os rapazes, os primeiros shoots a gol, brincadeiras de correr, composições de “teams femininos” e se vestiram dos uniformes de seus clubes de associação. (Bonfim, 2019, p.28)

Apesar da resistência de aceitar as mulheres no ambiente esportivo, no início do século XX, como dito anteriormente, as atividades físicas para mulheres eram recomendadas para uma possível maternidade. A fim de gerar filhos fortes e também para reforçar os discursos eugênicos que viam no corpo “forte” e “saudável” sinônimos de uma nação íntegra e forte (FRANZINI, 2005). Porém, nem todos os esportes eram recomendados, e o futebol era um deles porque colocava a integridade física, considerada inferior, e a feminilidade em risco. Este discurso, além de evidenciar a questão da feminilidade imposta, escondia ainda um certo receio de que a mulher se equipararia aos homens e, assim, a dominação masculina seria colocada em risco (GOELLNER, 2005).

Mesmo com este receio da sociedade patriarcal, as mulheres já participavam do ambiente futebolístico nas primeiras décadas do século XX como torcedoras dos clubes, para que o esporte ganhasse notoriedade como familiar. Enquanto atletas, as barreiras eram impostas e, como Bonfim (2019) enfatiza, elas eram menos estimuladas que os homens para as práticas esportivas. Apesar dos impedimentos, a participação enquanto torcedoras insere as mulheres na vida pública, fato que ainda não era tão popular. Contudo, as mulheres que assistiam e que foram inseridas na vida pública eram mulheres das classes altas. Diante dos fatos, fica evidente que a presença feminina nos esportes e mais especificamente no futebol, ocorria da maneira como a sociedade impunha. Sendo assim, o mais comum era vê-las como espectadoras e, ainda assim, mulheres brancas e de classes abastadas.

No Rio de Janeiro, o crescimento da cidade e a busca por modernização, através dos investimentos, obras urbanas, ampliação geográfica e cultural, fez emergir também as práticas esportivas e o lazer. As mulheres da época também estavam inclusas nessa modernização e, por conta disso, o convívio social delas crescera. Inclusive em centros esportivos, como torcedoras e embelezadoras do esporte, tê-las como espectadoras enriquecia o ambiente e o tornava mais familiar. Mas, apesar de as mulheres frequentarem estes ambientes, elas só o faziam com a autorização dos pais e maridos, ou seja, sob o crivo da aprovação masculina, que impunha sobre elas a feminilidade hegemônica já citada anteriormente. Além disso, o futebol mostrava-se extremamente elitista ao exigir de possíveis sócios, permissão de membros antigos, boa condição social, pagamento de mensalidades e um valor inicial para se tornar um associado (BONFIM, 2019).

É pertinente ainda mencionar, que com a modernização das cidades e a inauguração de transportes sobre os trilhos, mulheres menos endinheiradas também passaram a ocupar certos lugares na sociedade e nos ambientes esportivos. Reconfigurando discussões sobre o papel da mulher, que até aquele momento era o de mãe, esposa e dona de casa (BONFIM, 2019). Essa nova reconfiguração da cidade propiciou que de fato as mulheres experimentassem a vida pública:

[...] apesar das mulheres não comporem a centralidade das competições esportivas da época, elas foram incentivadas a sair, se divertir e até experimentar na prática algumas atividades físicas, consideradas ideais “para elas”. Nesses mesmos ambientes públicos dedicados ao lazer, onde promovia-se o futebol masculino da época, aconteciam programações de competições lúdicas e esportivas, e eram recorrentemente chamados na imprensa de ‘festas sportivas’. (Bonfim, 2019, p. 40)

Essa inserção na vida pública permitiu então que no Rio de Janeiro, as mulheres acessassem o espaço esportivo, enquanto atletas, nas chamadas “festas sportivas”. Essas festividades possuíam atividades lúdicas, tanto para homens quanto para mulheres e, posteriormente, esportes olímpicos como natação, ciclismo, corrida, futebol, entre outros (BONFIM, 2019).

Em 1917, de acordo com Bonfim (2019), as fotos da época (imagem 1) mostram que já existia participação feminina nas atividades, não só como espectadoras. Apesar disso, a autora acentua que as vestimentas ainda não eram ideais. Usava-se saias, vestidos, sapatilhas e não vestimentas confortáveis para o esporte. O que possivelmente era um recurso utilizado para manter a feminilidade tão importante para a época.

Figura 1: Meninas em uma das festas esportivas da época.



Fonte: Aira Bonfim (2019)

Ao contrário do que apontam os registros, há indícios de jogos que foram organizados antes de 1921, data que é citada como aquela que ocorreu o jogo precursor da modalidade. Nesse sentido, aponta-se que em 14 de junho de 1919, aconteceu um jogo em que as mulheres realmente foram a atração principal de um evento esportivo. Na data mencionada, a equipe da modalidade feminina do C.R do Flamengo disputaria uma partida que foi destaque e as competidoras eram mulheres de famílias ricas (BONFIM, 2019).

Em outro momento, o time Helios Athletic Club realizou uma partida entre as “senhorinhas”, como eram costumeiramente chamadas. No entanto, foi a partir de 1920 que a presença feminina no futebol passou a ser mais discutida, seja pelo aumento da modalidade em países estrangeiros, seja pelo interesse das mulheres no esporte. Em 1923, outra partida exclusivamente feminina chama a atenção, a então equipe do Sport Club Celeste promoveu uma partida exclusivamente feminina e com arbitragem de uma mulher (BONFIM, 2019).

Em 1929, ainda no Rio de Janeiro, os times Club de Regatas Vasco da Gama e São Christóvão Athletic Club realizaram uma partida em Laranjeiras, antes de um jogo das equipes masculinas de São Christóvão A.C e Bangu A.C (BONFIM, 2019). A pesquisadora fala

também do futebol de mulheres nos circos, no que era chamado circo teatro, que teatralizava modalidades esportivas tidas como diferentes, o que inclui o futebol de mulheres.

Há em comum aos dois setores cênicos - dos teatros de revista e dos circos - um espaço propício à transgressão do natural, do cotidiano. Por vezes associamos a proeza corporal como o primeiro componente atrativo na elaboração das séries apresentadas pelos repertórios oferecidos por esses empresários e artistas. Todavia, a transgressão dos corpos também é compreendida não só por proezas, mas por corpos que realizavam atos irreconhecíveis, improváveis e incomuns no cotidiano da época, ou seja, mulheres jogando bola publicamente nesses casos (Bonfim, 2019, p.87)

Sendo assim, ainda que a participação feminina no esporte estivesse crescendo e elas estivessem ocupando um lugar para além da arquibancada, ainda existia o estigma em torno do futebol de mulheres, que era visto como incomum para as mulheres. Voltando então para a discussão da feminilidade e da masculinidade hegemônica no futebol, proposta por Adelman (2005) e Goellner (2005) apontam que o corpo feminino era visto biologicamente como inferior ao masculino. E, incapaz de praticar determinadas modalidades, para não colocar em risco os ideais femininos que a sociedade impunha. Para finalizar a inserção do futebol de mulheres o no Rio de Janeiro, é na década de 1930 que há registros do futebol nos subúrbios. O esporte que até então era elitizado, ultrapassa as barreiras de classe e adentra os subúrbios. Passando a ser praticado por homens e também por mulheres, até o momento da proibição da modalidade feminina, que discutiremos posteriormente (BONFIM, 2019).

Já no estado de São Paulo, o processo se deu de maneira bastante parecida com a do Rio de Janeiro e as mulheres foram sendo incorporadas ao ambiente esportivo primeiro enquanto espectadoras, depois enquanto jogadoras (SILVA, 2015). Mas, antes da popularização do futebol, a sociabilidade também foi um ponto central para a inserção da mulher nos espaços públicos e nos estádios de futebol. A diferença é que nos primórdios da modalidade em São Paulo, as mulheres não eram incluídas nem enquanto torcedoras (SILVA, 2015).

No estado, antes mesmo da proibição da modalidade feminina do futebol, tal como nos outros lugares, os homens eram incentivados a praticarem diversas modalidades esportivas para manterem a natureza masculina. Ao passo que as mulheres ainda eram recomendadas a praticar ginástica, principalmente pela natureza repetitiva e monótona. E, posteriormente a dança, ao passo que para os homens, o futebol já começava a ser uma possibilidade, por conta de Charles Miller e também de Hans Nobilling. A partir deles, alguns clubes de futebol começaram a ser

fundados. No entanto, como se espera, sem a presença e a participação feminina, que só se inseriram como torcedoras e posteriormente como jogadoras muito depois (SILVA, 2015).

Em Salvador, assim como nos demais estados, o papel da mulher foi modificado para além dos espaços privados, quando elas começaram a frequentar clubes esportivos e estádios de futebol, no início do século XX (SANTOS, 2012). Se antes elas frequentavam os estádios, munidas da máxima que mulheres embelezavam o esporte, posteriormente, notou-se nelas o gosto que elas possuíam em acompanhar o futebol.

Para algumas moças a ida a um campo de futebol ou regata não servia apenas para encontrar amigos ou namorados, mas também para torcer pelo clube ou atleta favorito. (Santos, 2012, p.86)

As mulheres da capital baiana iam além de meras espectadoras, só que ainda não eram praticantes das modalidades esportivas, tampouco do futebol. As mulheres da cidade eram responsáveis por organização de festas e eventos beneficentes. Isso mostra que a presença nos jogos era de fato por gostarem do esporte, ainda que enquanto espectadoras, pois, naquele momento em Salvador ainda não era possível que elas participassem enquanto atletas. O que só ocorreu depois, devido às mudanças que iam ocorrendo na época: se antes o esporte não era visto como essencial para o avanço físico e moral, a partir dos anos de 1920 tal mentalidade foi incorporada e ampliada também as mulheres baianas, mesmo que muito lentamente (SANTOS, 2012).

A partir dos registros analisados por Santos (2012) é possível notar que em Salvador as mulheres se interessavam pela vida pública que o ambiente esportivo oferecia, especialmente o futebol e as regatas. As revistas da época, em especial a *Semana Sportiva*, recomendavam a prática para as senhorinhas baianas, porém, tal como nos outros estados, regulando quais esportes as mulheres poderiam participar. A fim de manter a feminilidade, a beleza e também procriar filhos saudáveis. Em Salvador, o futebol também era visto como danoso para as mulheres, além de colocar em risco o encanto e a graça que associavam ao sexo feminino. Os esportes que passaram a ser recomendados seguem o mesmo raciocínio das demais cidades: ginástica sueca, as danças clássicas e a natação (SANTOS, 2012).

O futebol, esporte que as senhorinhas baianas acompanhavam e eram entusiastas, era altamente desaconselhado a ser praticado por elas. Mais uma vez, a inserção no ambiente esportivo se dá através da urbanização e modernização, mas, enquanto espectadoras. Em se tratando da prática esportiva, o início também se dá pelos esportes que fortalecem o corpo

feminino para uma possível maternidade (SANTOS, 2012). Novamente, é importante destacar que as mulheres mencionadas são as mulheres de classe alta e na maioria das vezes, brancas. As mulheres negras ou de classes menos abastadas viveram de maneiras diferentes o processo de modernização das cidades e também da inserção no esporte, porém, ainda há poucos estudos que se debruçam sobre esta relação.

No estado de Santa Catarina, também no início do século XX, os clubes de remo eram os mais populares da sociedade catarinense, que se apoiava nas ideias eugenistas do melhoramento da raça e, assim, a prática de esporte era tida como importante. Dessa forma, a vida social em Santa Catarina movia em torno da referida prática esportiva, porém, somente os homens podiam praticar e cabia às mulheres assistirem. Quando elas eram atletas, eram tratadas como exóticas (MATOS, 2021).

Posteriormente, a prática de esporte se expandiu às mulheres, mas assim como nos outros estados, desde que a feminilidade não fosse colocada em risco. No estado, o esporte indicado às mulheres era a patinação, mas com horários restritos, sendo aconselhado a prática esportiva durante a manhã. Além disso, os registros apontam que assim como nos outros locais, as mulheres eram muito ativas nos clubes esportivos. Pois, elas organizavam festas, batizados de barcos, incentivavam os homens nas competições, entre outras atividades de organização. No entanto, enquanto praticantes, o acesso ainda era restrito, ressalta-se aqui o que já havíamos destacado anteriormente para as outras cidades e estados, as mulheres ativas nos clubes não eram mulheres negras ou menos favorecidas, muito pelo contrário, eram mulheres majoritariamente brancas e também endinheiradas (MATOS, 2021).

Matos (2021) aponta que enquanto praticantes de esportes, era nos colégios que outras modalidades podiam ser praticadas, já nos clubes o mais comum ainda era a patinação. Em 1910, em Santa Catarina, o futebol passou a ocupar também um lugar de destaque entre os homens e para além dos clubes elitizados. Entretanto, não era considerado adequado às mulheres e, mais uma vez, elas foram excluídas da prática e evidenciadas somente enquanto telespectadoras do esporte.

No ano de 1929, ocorreu em Santa Catarina um movimento parecido com o do Rio de Janeiro, o futebol circense, que contava com a modalidade feminina e promovia uma espetacularização do futebol praticado pelas mulheres. As mulheres que jogavam os jogos anunciados eram atrizes, que se apresentavam maquiadas, portanto, não rompiam com os códigos de feminilidade. Positivo ou não, o futebol nos circos foi um dos meios que possibilitou a prática posteriormente. Nesse sentido, em 1938, foi fundado o primeiro time feminino infantil na cidade, que estava diretamente relacionado às famílias ricas da época. A equipe não durou

muito tempo, mas foi um precursor para a prática feminina em Santa Catarina. A proibição da modalidade feminina impediu os avanços que a modalidade tinha na capital do estado, mas o esporte não parou de ser praticado em Santa Catarina e, após a liberação, diversas equipes femininas foram criadas (MATOS, 2021).

Nota-se que no estado, a vida pública também incentivou a socialização feminina e a presença delas nos clubes, seja nos esportes aquáticos, seja no futebol. Fato é que a presença enquanto espectadoras possibilitou de alguma maneira que as mulheres pudessem praticar os esportes que em dado momento foram considerados inapropriados, mas que por elas foram sendo apropriados aos poucos e a passos lentos.

Em outros estados, os registros sobre a mulher no esporte são menos detalhados, mas, muito possivelmente, ocorrera da mesma maneira que nos outros estados. Quando se fala do futebol no Pará, os jornais da época mencionam que, em 1924, aconteceu o primeiro jogo de futebol com equipes totalmente femininas. Já em Natal, Rio Grande do Norte, o primeiro time feminino que se tem registro é de 1920, o que configura a cidade como uma das mais antigas a ter uma equipe feminina de futebol (BONFIM, 2019). Mas, é provável que a socialização das mulheres ocorreu de maneira similar ao que já foi apresentado neste trabalho.

2.3- A proibição do futebol de mulheres a partir do decreto nº 3.199 e a sua extinção

Os registros encontrados mostram que a inserção da mulher no esporte aconteceu de maneira lenta e muito parecida em diferentes estados. Socialmente era quase que unânime a ideia que a mulher não era adequada para determinadas práticas esportivas e que o esporte deveria ser praticado para a manutenção de um corpo socialmente aceitável e que fosse capaz de aguentar a gravidez. Quando as mulheres ultrapassaram estes limites impostos, muitas discussões em torno da feminilidade e da capacidade feminina ficaram ainda mais evidentes. Mostrando que para a sociedade da época, o importante era que as mulheres embelezassem e dessem um certo status aos ambientes esportivos. É justamente por conta desse pensamento que enquanto atletas, as mulheres enfrentaram diversas restrições. O que ocasionou inclusive a proibição da prática feminina em algumas modalidades esportivas, após muitas discussões e apontamentos de que o esporte para as mulheres deveria ser somente para manter o corpo saudável e prepará-lo para a maternidade.

[...] o Decreto-Lei nº 3.199, outorgado por Vargas, em 1941, criado com o objetivo de disciplinar o desporto nacional, que se encarregou de indicar as diretrizes para o desenvolvimento esportivo no país. O decreto oficializou a

proibição de algumas práticas esportivas para mulheres, justificando tal medida a partir da ideia de preservação do corpo feminino - portador de uma “natureza frágil”. O futebol, assim como outras modalidades, apesar de não aparecer descrito no regulamento estava entre os esportes considerados inapropriados às mulheres. (Bonfim, 2019, p.111)

Goellner (2005) explica que havia discordâncias entre a mulher poder ou não praticar todas as modalidades esportivas, mas a normatização em torno da feminilidade, que se associava à beleza e à maternidade, impunha sobre a mulher a condição de praticar esportes tidos como moderados. Dentro desta perspectiva, alguns esportes eram vistos como violentos e inapropriados, porque transgrediram o hegemonicamente considerado como correto e da identidade feminina (GOELLNER, 2005). Tais discussões que levaram oficialmente à proibição de algumas modalidades se deram no governo Vargas e objetivavam “preservar o corpo feminino”.

A intenção do decreto era “proteger” a “natureza feminina”, além de acatar os apelos sociais de quem acreditava que as mulheres não poderiam praticar certas modalidades. O Conselho Nacional de Desportos (CND) instituiu quais esportes não poderiam ser praticados e quais poderiam, sugerindo a prática do tênis, do voleibol, do críquete, da natação e do ciclismo. Os esportes selecionados eram menos acessíveis e raramente alcançavam a classe média, fato que evidencia a exclusão de classe e raça que perpassa algumas modalidades esportivas (FRANZINI, 2005).

Todavia, mesmo com a proibição, na segunda metade dos anos 1950, é possível encontrar registros de partidas femininas beneficentes jogadas por vedetes na cidade de São Paulo, cujo objetivo era a arrecadação de dinheiro, que utilizava da imagem feminina no esporte para tal. Outro ponto a ser observado é que o futebol praticado por modelos e vedetes neste período eram organizados por empresários. Em 1957, havia também intercâmbio de equipes do futebol feminino estrangeiro promovidos por empresários. Mais uma vez, há indícios de que a modalidade feminina atraía público e também era rentável para quem organizava tais exposições. Ainda assim, o futebol, bem como as outras modalidades, manteve-se proibido (SILVA, 2015).

Um outro exemplo que evidencia que a modalidade feminina acontecia mesmo com a proibição da modalidade, foi que os anos de 1960 dona Isolina, diretora de uma escola, organizara uma partida beneficente, na cidade de Araguari, interior de Minas Gerais. O jogo foi um sucesso de público, tanto que as jogadoras foram convidadas para uma partida internacional, que foi barrado pelo Artigo 7º da Lei 3.199/41 (MORAES, 2012).

De acordo com Silva (2015), o decreto que proibia a participação feminina em algumas modalidades esportivas só teve fim em 1979. Em 1981, o futebol não era impedido por lei de ser praticado por mulheres, mas ainda havia dificuldades para a modalidade feminina. Uma das adversidades é que a modalidade não era regulamentada pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA) e, por isso, alguns clubes, como o Corinthians, foram impedidos de possuir uma equipe feminina. João Havelange, que foi presidente da Confederação brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e também gestor da FIFA, manifestou ainda em 1981 interesse em promover o primeiro mundial feminino. Contudo, as notícias evidenciam os estereótipos de gênero e de feminilidade atrelados a modalidade feminina.

A linguagem utilizada pela imprensa para referir-se a ele sempre reafirmava os estereótipos de feminilidade e do lugar da mulher na sociedade, assim como reforçava o público do futebol como masculino e heterossexual. Adjetivos como “graça”, “beleza”, “elegância”, “charme” e “delicadeza” eram constantemente utilizados nas reportagens que circulavam no período. Isso não quer dizer, contudo, que socialmente não se rotulasse de lésbicas as mulheres que praticavam o futebol. (Silva, 2015, p.81)

As explanações de Silva evidenciam que, mesmo após a regulamentação, os ideais de feminilidade permaneceram sendo reproduzidos e as mulheres mantinham-se sob as mesmas percepções. Esta postura exigia que elas fossem femininas, para assim, afastar uma ideia de homossexualidade. Para além dos ideais de feminilidade, mesmo com o fim da proibição, as modalidades femininas, não só o futebol, eram bombardeadas com opiniões. Essas opiniões eram tanto da mídia quanto de especialistas e de personalidades da época, que avaliavam a capacidade das mulheres de praticar alguns esportes. O que as colocava mais uma vez, em um espaço de incapacidade. Neste período, poucos jogadores apoiaram o futebol de mulheres, Reinaldo, jogador do Atlético Mineiro¹, foi um deles e por conta disso foi julgado pelos demais como progressista demais para a época (SILVA, 2010).

Para Silva (2020), além da falta de apoio das associações, o período pós-proibição teve também outras consequências para as mulheres esportistas. Pois, as opiniões midiáticas, que já eram contrárias a determinadas práticas esportivas, muniam-se de discursos estereotipados

¹ Reinaldo é um jogador importante não só para o Atlético Mineiro, como também para o futebol brasileiro, sem medo de represálias, o jogador defendeu seus ideais e lutou contra a discriminação racial e também contra a ditadura, imortalizando a comemoração de punho cerrado, em referência ao movimento dos Panteras Negras, nos Estados Unidos. (COUTO, E. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). Recorda: revista de história do esporte. UFRJ. Rio de Janeiro. Jun 2010. V.3.n1.)

e machistas para falar do futebol de mulheres. Um exemplo de tal situação é a revista *Placar*, uma das revistas esportivas mais influentes no Brasil, que além de capas machistas (imagem 2) publicava também enquetes (figura 3) para testar a opinião do público acerca do futebol praticado por mulheres (figura 4).

Figura 2: Capa da revista Placar de 1984



Fonte: Salvini e Marchi Júnior (2013)

Figura 3: Recorte da enquete feita pela revista Placar em 1981.

FALA, LEITOR!

PLACAR quer que você também participe desta discussão.
 Responda às duas perguntas abaixo, destaque o cupom e o endereço
 para Rua do Curtume, 635, caixa postal 2372, CEP 01000, São Paulo, SP

Você é a favor do futebol feminino?
 SIM NÃO

**Você chegaria mais cedo ao estádio
 só para ver uma preliminar entre dois times de mulheres?**
 SIM NÃO

Nome

sexo idade

Fonte: Salvini e Marchi Júnior (2013)

Figura 4: Recorte de algumas respostas da enquete na Revista Placar em 1981

Minha Opinião

■ É com imenso prazer que estou participando da discussão sobre o futebol feminino, promovida por **PLACAR**. E gostaria de — além de votar — dar também minha opinião sobre o assunto. Se o esporte foi feito para ambos os sexos, acho que cada um tem o direito de escolher o seu. Eu, por exemplo, gosto de jogar futebol e handebol, e adoro fazer Cooper. Apesar de jogar futebol, me considero muito feminina.

Quem diz que a mulher que joga futebol é homossexual está super enganado, pois nós somos tão mulheres como as que não o praticam. Respondam *sim* à consulta de **PLACAR**. Ajudem-nos a mostrar que o nosso futebol tem muita graça.
Carla Torres
 Brasília, DF
*É a opinião da Carla. Aproveitando, aí vai mais um cupom da pesquisa que **PLACAR** está fazendo. Fala, leitor!*

Fonte: Salvini e Marchi Júnior (2013)

De novo, a feminilidade era um dos argumentos utilizados para a não popularização do futebol de mulheres, que durante muito tempo foi marcado pelas exclusões, violências e também pela proibição. No pós-proibição, em meados de 1980, o futebol e a prática feminina ainda eram pautados por polêmicas e também pela necessidade de reforçar que o esporte é masculino. Nesse sentido, as mulheres que partilhavam deste ambiente deveriam ser bonitas e embelezar o esporte, mesmo que enquanto atletas. Contribuía para esta concepção a grande mídia, como a Rede Globo e a revista Placar, a emissora por retomar a prática de futebol com modelos e a revista por não só divulgar, mas também criar representações e fetiches em torno do futebol praticado pelas mulheres.

Em contrapartida, a necessidade das jogadoras de afirmarem e reafirmarem a feminilidade hegemônica contribuía para narrativas de que o futebol era um espaço masculino, mas que ainda assim, era possível manter a feminilidade (SILVA, 2015).

As futebolistas, ao afirmarem-se como mulheres legítimas porque muito femininas, conforme os elementos tradicionalmente entendidos como próprios do seu sexo- corpos menos musculosos, frágeis e delicados-

acabavam por dar espaço, conscientemente ou não, para esse tipo de manifestação da mídia. (Silva, 2015, p.93)

A partir das acepções da autora, fica evidente que as jogadoras de futebol precisaram lidar com a opinião social e midiática, para além disso, outras atletas de outras modalidades também julgavam as jogadoras como menos femininas. Por fim, a necessidade que as mulheres futebolistas possuíam de se afirmar enquanto femininas contribuía também para as noções de feminilidade, que limitavam a atuação em campo e dificultavam a expansão do futebol de mulheres.

Além das inúmeras dificuldades enfrentadas pela modalidade na época, ainda era necessário lidar com as disputas internas das federações esportivas, que se tornavam mais um impedimento para que competições ocorressem, inclusive o mundial desejado por Havelange, que só ocorreu de fato em 1991 (SILVA, 2015). A partir de 2017, o futebol de mulheres passou a ter mais destaque, visto que conquistou o ouro nos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro e também participou da Copa do Mundo que teve Marta, jogadora cinco vezes melhor do mundo, como destaque da competição (SOUZA; RAMALHO,2021).

No início desta pesquisa, mencionamos que era necessário ponderar a afirmação que o futebol é uma paixão nacional, para reiterar que é o futebol masculino que faz parte deste imaginário social. Nesse momento, a afirmação parece ainda mais verdadeira, quando se faz um apanhado da mulher no esporte e especificamente no futebol. Em 1991, o time masculino já havia sido campeão mundial três vezes e só a partir desta data as mulheres puderam disputar seu primeiro mundial. Esta informação evidencia o porquê de as modalidades femininas e masculinas ainda serem tão discrepantes. Dado que, as mulheres passaram por um longo período de restrição esportiva, se limitando a meras espectadoras e cercadas de preconceitos.

Neste capítulo, fica evidente portanto que o caminho percorrido pelas mulheres esportistas não foi fácil e tão pouco cedido, mas foi conquistado, devido à vontade que as mulheres tinham de serem mais que espectadoras. Os estados e as cidades brasileiras que exemplificam esta discussão, embora possuam especificidades no processo de inserção da mulher no esporte, possuem também muitas similaridades. Primeiro que o esporte era um ambiente utilizado para a propagação de ideias elitistas e eugenistas, por isso, ambiente de brancos e ricos.

Depois, as próprias mulheres frequentadoras eram também de classes privilegiadas e adentraram o espaço enquanto torcedoras. Só depois foi possível que as mulheres praticassem determinados esportes, mas, sob a condição de melhoramento do corpo para a maternidade.

Entretanto, pouco a pouco a mulher, detentora de privilégios, foi usando este espaço para se inserir também enquanto atleta e embora o futebol e demais modalidades tenham sido proibidos, as mulheres resistiram e hoje o futebol de mulheres vem ganhando destaque (FERREIRA, et al., 2018). Todavia, ainda há um longo caminho a ser percorrido, como, por exemplo, melhores condições de trabalho para as atletas, que muitas vezes preferem jogar em outros países em que serão mais valorizadas.

Apesar do que vem mostrando alguns resultados do futebol feminino, ainda existe uma grande falta de comprometimento com a modalidade por parte da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), para organizar campeonatos e tentar popularizar mais o esporte. Isso faz com que grandes atletas nossas sigam carreira fora do Brasil, em países que além do investimento na modalidade, há um comprometimento das entidades responsáveis em promover o esporte, como Estados Unidos, que a bastante tempo vem entre as melhores seleções do mundo e um dos campeonatos nacionais mais disputados. A Suíça e outros grandes centros do futebol europeu também vem investindo na modalidade. Como exemplo podemos destacar França, Espanha e Suécia. (Ferreira, et al., 2018, p. 113)

É necessário então investir da modalidade feminina para que esta evolua mais, no Brasil e em outros países também. Ademais, é preciso também romper com os ideais de feminilidade e masculinidade e principalmente com a concepção de que o esporte é um espaço masculino (GOELLNER, 2003), para possibilitar às mulheres um ambiente esportivo menos hostil, como atletas, torcedoras e demais profissionais do mundo esportivo.

Parte dessa mudança perpassa também pela mídia esportiva, mais precisamente a mídia hegemônica, que cobre as modalidades e que durante muito tempo fomentou discursos que impossibilitavam a presença feminina no esporte. A mídia esportiva e a cobertura midiática são justamente tema do próximo capítulo, que pretende explicar acerca das representações midiáticas ao longo da presença feminina no esporte.

3- MÍDIA ESPORTIVA

No capítulo anterior, discorremos sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres para se inserirem no esporte, visto que o ambiente esportivo em determinadas modalidades, como o futebol, era visto como um espaço majoritariamente masculino. Por conta disso, as mulheres demoraram a serem aceitas em alguns esportes e ainda que hoje não haja proibições legais, as modalidades femininas ainda carregam as consequências de uma inserção tardia e controlada pela sociedade. Uma dessas formas de controle é sem dúvidas através da mídia esportiva, que historicamente se apresentou como patriarcal. Nesse sentido, as representações femininas na mídia tradicional foram historicamente pautadas pelo machismo e pelo sexismo. No entanto, antes de nos aprofundarmos nesta premissa, é importante primeiro apresentar como se configura este ambiente esportivo.

Rowe (2005, 2006) relata que o jornalismo esportivo é um departamento importante de notícias, porém, não é uma das áreas jornalísticas com mais prestígio, isso porque os jornalistas esportivos e os demais profissionais da área, como o próprio autor insere, descrevem o jornalismo esportivo como “o departamento de brincadeira da mídia”. A partir da explanação de Rowe (2004), é possível fazer algumas inferências como, por exemplo, que possivelmente alguns jornalistas esportivos enxergam seu trabalho esportivo como menos importante que os demais segmentos da área de notícias.

Ao apresentar a mídia esportiva desta maneira jocosa, tira-se do jornalismo esportivo a responsabilidade de noticiar de maneira séria e também de propor discussões que são importantes no esporte, como machismo, racismo, homofobia, sexualidade, entre outros. Rowe (2007) ainda afirma que o jornalismo esportivo não deve ser isento das obrigações éticas da área, ou seja, ainda que as pessoas ou os próprios jornalistas vejam a cobertura esportiva como diversão, tal segmento jornalístico ainda possui obrigações éticas e, portanto, a cobertura midiática precisa ser feita com responsabilidade.

Em uma pesquisa mencionada por Rowe (2007) em países como Austrália, Áustria, Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Noruega, Romênia, Escócia, Suíça e EUA, os números mostraram que os eventos esportivos são os mais noticiados pelos jornais e artigos esportivos, por outro lado, temáticas como dinheiro, política e impacto social no esporte, não são centrais nas discussões esportivas. Em se tratando das mulheres, apenas 14% das notícias são sobre elas e somente 5% são escritas por mulheres, o que mostra a discrepância da mídia esportiva quando se trata das mulheres no esporte. Diante disso, é possível afirmar que o esporte é feito por homens e para os homens.

Um estudo mais recente, realizado em 2011 pelo International Sports Press Survey (ISPS) em cerca de 80 países, incluindo o Brasil, confirma a informação anterior, pois o resultado da pesquisa ilustra que o jornalismo esportivo é majoritariamente composto por homens. Os números são alarmantes, pois, cerca de 90% das mídias analisadas são feitas por homens e somente cerca de 8% escritas por mulheres. Os dados estatísticos descrevem muito bem a realidade das mulheres no esporte, em menor número e com menos oportunidades.

Um outro dado da pesquisa, que também é alarmante, aponta que somente 15% da cobertura de esportes é sobre as modalidades femininas, o que põe os homens em mais evidência e com mais importância que as mulheres atletas. Em relação ao esporte mais noticiado, o futebol é o que possui mais cobertura midiática na maioria dos países em que a pesquisa ocorreu. O tema das notícias analisadas mostra também que o assunto mais tematizado nas notícias são atletas e competições; política e outros assuntos sociais são temas menos recorrentes nas notícias (ISPS, 2011). Embora esporte e sociedade não sejam dissociados um do outro, vê-se que no esporte as temáticas sociais são menos presentes que em outras esferas jornalísticas.

Um exemplo de programa esportivo que se encaixa na descrição feita por Rowe (2007) do jornalismo esportivo é o Jogo Aberto, programa da emissora *Band* e que possui relevância no Brasil. Barros (2018) ao analisar o programa encontra características humorísticas nos comentaristas, principalmente na figura de Denilson, ex-jogador de futebol e hoje comentarista do programa. Sua função, além de comentar as reportagens feitas, é também ser engraçado, através da gesticulação, expressões faciais, falas e em alguns momentos até mesmo no figurino.

Barros (2018) enfatiza que a escolha de informar através do humor é um recurso que é usado em alguns programas esportivos e que a escolha não afeta a informação, mas modifica a maneira como ela é passada. No entanto, o tom humorístico poderia vir acompanhado de temas relevantes que envolvem esporte e sociedade, mas esses temas, como informado no relatório do ISPS (2011), são pouco veiculados na mídia esportiva. Ainda que o trabalho de Rowe discuta acerca do ISPS de 2005, os resultados são parecidos com os do ISPS de 2011, por isso, algumas discussões ainda são cabíveis para os dois relatórios:

Parece haver pouca preocupação com problemas além da rodada diária de esportes, com uma estreita gama de temas abordados e poucas fontes utilizadas para enriquecer a narrativa cotidiana do esporte. (Rowe, 2007, p.15)

Os dados apontam para uma mesma direção do jornalismo esportivo, a pouca preocupação com temas além dos campeonatos, como raça, gênero, sexualidade e outros, o que

torna o ambiente esportivo um espaço homogêneo e pouco disposto à reflexão. Oselame (2010) diz que o jornalismo esportivo perde um pouco da sua função social ao não incluir temas sociais que estão intrínsecos ao esporte. Assim como Rowe (2007), Oselame (2010) faz uma leitura bastante crítica do jornalismo esportivo e de maneira parecida com a do primeiro autor, já que os dois constataam que o jornalismo esportivo se aproxima do entretenimento e se afasta das funções sociais do campo jornalístico. Oselame (2010) ainda indica como mudança do jornalismo esportivo o “Globo Esporte”, programa da *Globo*, que antes tinha um caráter mais formal e parecido com os telejornais, mas que passou por uma reformulação e adotou um tom mais descontraído, humorístico e improvisado.

[...] e o próprio jornalismo esportivo durante muito tempo lutou para livrar-se do preconceito e da visão de que era uma área secundária. E justamente no contexto em que mais se faz necessário um jornalismo sério que trate de esportes, ele se afunda em uma crise sem precedentes muito em razão das características do que pode ser chamado Padrão Globo de Jornalismo Esportivo. (Oselame, 2010, p.65)

Oselame (2010) é ainda mais crítica ao tom do jornalismo esportivo e usa a reformulação do “Globo Esporte” como exemplo para discutir os novos padrões do jornalismo esportivo, que também é visto no *Jogo Aberto* e foi explanado anteriormente. Na análise da pesquisadora, as reformulações embora possam ser positivas, são também usadas para manter certas convicções acerca da mulher jornalista, que é colocada como embelezadora do ambiente, e também porque a informação fica em segundo plano e somente o que é considerado atrativo é informado e, assim, as próprias técnicas jornalísticas são subvalorizadas. John (2014) comenta que o jornalismo esportivo é bastante prestigiado no Brasil por conta da paixão pelo futebol, apesar disso, as mulheres são menos valorizadas no esporte que é visto como um espaço masculino.

O jornalismo esportivo é uma das áreas que mais conquista leitores, principalmente porque é o espaço onde se narra uma das principais marcas da identidade nacional – o futebol. Apesar de ser considerado paixão nacional, há um discurso latente no imaginário popular, nas representações sociais em todo o país, de que a mulher não entende de futebol, portanto não está qualificada para narrá-lo, comentá-lo ou praticá-lo. Em outros esportes, a presença feminina é um pouco mais efetiva, ainda assim, predomina uma cobertura majoritariamente masculina no mundo dos esportes. (John, 2014, p.499)

A autora reflete que a ausência de mulheres nos meios de comunicação esportivos contribui com a manutenção da hegemonia, porque não há espaços para que as mulheres

debatam sobre as diferenças de gênero no esporte e acessem este espaço com equidade. Ainda que a autora não mencione, o mesmo vale para homens e mulheres negros e pessoas LGBTQIA+, pois, o jornalismo esportivo é composto em sua maioria por pessoas brancas e heterossexuais. A pesquisa de John (2014) se deu especialmente no período dos jogos Olímpicos de 2012 e a autora identificou que as principais fontes da mídia esportiva, cerca de 75%, são masculinas. Em síntese, John (2014) discorre que as mulheres são invisibilizadas no discurso noticioso da mídia esportiva, como fontes, ou como jornalistas. Em contrapartida, no relatório do Observatório Marta (2021), os dados mostram que nas notícias analisadas sobre a modalidade feminina, o número de fontes femininas aumentou, chegando ao número de 55,2%. O que evidencia que em modalidades femininas, mulheres são mais ouvidas e que de 2014 para 2021 o cenário esportivo foi se modificando. Ainda no relatório, as autoras mencionam a importância de fontes femininas para possíveis modificações no ambiente esportivo, ou seja, para o rompimento da hegemonia masculina.

Outras pesquisas também evidenciam um panorama masculino no jornalismo esportivo. Pacheco e Silva (2020) ao explorarem o jornalismo esportivo em Belo Horizonte colocaram em exposição um ambiente desconfortável para as mulheres exercerem suas profissões. Colegas de trabalho, jogadores e comissão técnica comumente colocam as jornalistas em situações constrangedoras, para não dizer de assédio, o que reafirma que os homens ainda veem o futebol como masculino. Algumas jornalistas entrevistadas na pesquisa de Pacheco e Silva (2020) afirmam que precisam ter jogo de cintura para trabalhar em meio a tantos homens. Mais adiante, voltaremos a refletir sobre as mulheres jornalistas esportivas.

Brum e Caparo (2015) sintetizam que as mulheres são maioria nas redações jornalísticas do Brasil, mas, nas editorias do esporte, estão em minoria e o espaço vem sendo ocupado por mulheres pouco a pouco. Ainda assim, estas profissionais precisam noticiar de acordo com o que o jornalismo esportivo espera delas, portanto, em alguns momentos, elas também propagam discursos comumente associados à mídia esportiva.

Vê-se ainda que elas reproduzem modelos de notícia em que a atleta mulher é, não raramente, estereotipada, com valores de sensibilidade, fragilidade, beleza e à sombra das competições masculinas. Por suas respostas, percebe-se que, além de gênero não ser uma temática que permeie as escolhas do que é noticiável, inconscientemente, seguem produzindo matérias e reportagens que reforçam a imagem da “atleta, mas feminina”, contribuindo para a manutenção de um modelo de esporte em que a mulher é um elemento estranho. (Brum e Caparo, 2015, p. 969)

Sendo assim, ainda que as mulheres ocupem o jornalismo esportivo, não é incomum que as notícias assinadas por elas também remetam a uma feminilidade, visto que, é necessário seguir aquilo que é noticiável para o público. Vê-se, portanto, que o jornalismo esportivo se configura como um ambiente masculino que é produzido por homens, brancos, e que fala para os homens. As mulheres jornalistas ainda são afetadas pela estrutura que privilegia os homens e as atletas com as notícias estereotipadas, ou ausência de notícias que falem dos esportes que elas praticam. Adiante, mostraremos que em um ambiente que privilegia os homens, as notícias sobre mulheres reproduzem discursos que podem ser considerados machistas.

3.1 As representações femininas no ambiente esportivo: a mídia impressa

A partir das discussões do item anterior, é notável que a mídia esportiva se configura como um ambiente masculino, vide os dados do ISPS (2011), ou do trabalho feito por Rowe (2007). Por se tratar de um espaço feito por homens e que falam dos homens atletas, quando há notícias sobre as mulheres atletas, elas podem representar a estrutura patriarcal que mantém o esporte. No futebol, tal concepção é ainda mais evidente, pois, o imaginário social coloca somente os homens como legítimos daquele lugar (SILVA, 2015) e as mulheres são vistas como exóticas (BONFIM, 2019).

Começaremos então com a representação da Revista *Placar*, uma das mais tradicionais do país quando o assunto é esportes. Salvini e Marchi Júnior (2013) olharam para a revista em três momentos distintos, analisando a partir de 1980 até 2010, com foco no que o veículo fala sobre o futebol de mulheres. O primeiro corte temporal é de 1980 a 1990 e retoma um período pós-proibição da modalidade feminina no futebol e também das primeiras competições internacionais disputadas pelas atletas. Um dos itens analisados na revista é a seção de comentários dos leitores.

Fundada no início dos anos 1970 com o escopo de divulgar matérias de diferentes modalidades esportivas, tiragem semanal e circulação nacional, a revista *Placar* tinha uma sessão dedicada à opinião dos leitores. (Salvini; Marchi Júnior, 2013, p.98)

Esta seção, como o próprio nome sugere, destinava-se aos comentários dos leitores e suas opiniões sobre temas estipulados pela revista. Um dos temas perguntava ao público se eles eram a favor do futebol de mulheres e se eles assistiriam uma partida somente com times femininos. A revista proliferava os mesmos ideais da sociedade e reforçava também a feminilidade atrelada às jogadoras (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013).

Ainda que não houvesse nada explícito no corpo da revista, elementos que ligavam o futebol à "perda" da feminilidade vinham sendo impregnados na cultura e nas ações práticas dos agentes desde o princípio da década de 1940, fato que se materializava nas publicações esportivas. Percebemos também que a revista custou a divulgar explicitamente os "novos" rumos do futebol feminino no Brasil, e quando os fez, vinculou a figura da futebolista à feminilidade, como verificaremos na sequência. (Salvini; Marchi Júnior, 2013, p.101)

A afirmação dos autores é justificada a partir das primeiras notícias que foram veiculadas sobre a modalidade feminina, que afirmavam que as mulheres eram habilidosas, porém, femininas, ou através de imagens nos vestiários com pouca roupa, que induzia os leitores a inferir que aquelas atletas não eram masculinizadas. Salvini e Marchi Júnior (2013) discutem que a revista vendia uma ideia que reforçava a normatividade de gênero.

A necessidade de atrelar a feminilidade normatizada ao mundo do futebol está na escolha das palavras tanto na chamada quanto no corpo da matéria. Em "a graciosa realidade" ou em "o charme vai a campo" fica perceptível o intento de transpor palavras que remetem à graça e a sedução feminina a esse novo espaço esportivo. (Salvini;Marchi Júnior, 2013, p. 104)

Além de reafirmar a normatividade de gênero e a feminilidade das mulheres atletas, havia na revista também uma relativização do preconceito enfrentado pelas atletas, já que as notícias falavam que os xingamentos destinados a elas eram ignorados. Xingamentos esses que as chamavam de sapatão e similares. Em 1984, a primeira chuteira feminina foi notícia na revista *Placar*, no entanto, para a divulgação do material esportivo escolheu-se duas jogadoras que eram evidenciadas pela beleza física e feminilidade, valores acionados recorrentemente na época, como já discutimos aqui (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013).

A chuteira feminina foi o único material específico para as mulheres que foi comercializado e noticiado na mídia, porque acreditava-se naquela época, que a beleza física e a sensualidade estavam mais atreladas ao futebol que a habilidade esportiva. Um exemplo é que a equipe feminina do Internacional era noticiada em função da beleza física, ainda que esportivamente não apresentasse bons resultados. As globetes, atrizes e modelos contratadas para jogar futebol, recebiam na época mais que as atletas e, por isso, a presença delas nas capas da *Placar* era recorrente. Com roupas justas, maquiagem e poses sensuais, as Globetes reforçaram que a beleza física e a feminilidade eram os atributos mais desejados das atletas e não o futebol em si (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013). Característica esta que foi

alimentada pela *Placar* durante muitos anos, através das escolhas jornalísticas feitas pela revista.

Somente em 1985, ao noticiar sobre o time feminino do Radar, um dos mais tradicionais na época, que a revista enfatizou os aspectos relacionados à habilidade das atletas e não aos atributos físicos. A equipe feminina, que durante muito tempo foi o principal do país, incentivou que outras equipes fossem criadas, no entanto, em 1988, encerrou as atividades (SALVINI, MARCHI JÚNIOR, 2013). Diante os fatos expostos, subsidiados pelo estudo de Salvini e Marchi Júnior (2013), fica evidente que a década de 1880 até 1990 foi um período ainda muito marcado por ideias que envolviam a feminilidade e a sexualidade da época, nesse sentido, as notícias veiculadas na mídia impressa, exemplificada aqui pela revista *Placar*, ocupavam-se de manter os ideais mencionados.

Na década de 1990, com a crescente do da modalidade feminina e aumento de competições a serem disputadas, o tom da *Placar* passou por reformulações. Dessa forma, beleza física em detrimento das habilidades das jogadoras, ou da profissionalização da modalidade foi minimizada, assim, mais notícias dos resultados dos jogos começaram a ser noticiados. Apesar disso, ainda existia uma série de construções discursivas que inferiorizam a modalidade, como “habilidosa, porém feminina” ou ainda o “charme vai a campo”. Em agosto de 1995, uma das matérias ressaltou o amadorismo feminino, comparando-as aos homens. Em 1996, o foco foi vincular novamente a modalidade à beleza física, utilizando modelos para estampar as capas da revista (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013b).

Seguindo nessa abordagem, enfatizamos que a revista *Placar* assume uma nova linha editorial a partir da década de 1990, mais propriamente no ano de 1995 que tem como slogan “Futebol, Sexo e Rock’n roll” e é destinada ao público masculino. Nessa nova fase, a temática futebol feminino é abordada de diferentes formas, separando jogadoras esteticamente bonitas, ou as modelos das jogadoras com melhor desempenho esportivo ou ainda assuntos sobre a Seleção Feminina de Futebol. Tais apontamentos nos remetem ao entendimento de que as ações reais, cotidianas, fora do contexto da revista também se utilizavam dessa separação para entender o futebol feminino da época, ou seja, beleza e habilidade física eram vistas como dicotômicas no espaço do futebol feminino. (Salvini;Marchi Júnior, 2013b, p.151)

Nessa passagem, Salvini e Marchi Júnior (2013b) expressam a mudança editorial da revista, reforçando que esta passou a ser escrita para homens (se é que já não era). Após isto, a revista “separava” as modelos das atletas, mas ainda utilizava as modelos para estampar as capas e representar as jogadoras. Por isso, em determinados momentos, usava-se a beleza física das modelos, em outros discutia a profissionalização e falta dela no futebol de mulheres

(SALVINI, MARCHI JÚNIOR, 2013b). Notadamente, o aspecto físico ainda era um dos principais recursos editoriais da *Placar* para falar da modalidade feminina, ainda que o esporte estivesse crescendo e as mulheres estivessem ocupando ainda mais o seu lugar no esporte, já que foi um ano de competições importantes, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Na década seguinte, de 2000 a 2010, o discurso da revista manteve-se parecido ao que se constatou nos anos anteriores. Ainda havia uma tentativa de associar as mulheres à beleza física e à feminilidade, o que era inclusive reafirmado pelas atletas que diziam que eram femininas mesmo sendo jogadoras. No entanto, se na década anterior a beleza era colocada como prioridade frente às habilidades de jogo, entre 2000 e 2010, a habilidade e a beleza eram igualmente consideradas importantes (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013c). Ainda que houvesse uma mudança de mentalidade, a feminilidade ainda era uma característica tida como essencial para as jogadoras e obviamente fomentada pela revista *Placar*.

Os anos 2000 foi um período de competições internacionais para a modalidade feminina e também de ascensão de algumas jogadoras, como Marta, um dos principais nomes da Seleção feminina, que era frequentemente lembrada pela mídia.

Tendo em vista o reconhecimento midiático – e não financeiro – o futebol feminino brasileiro recebeu destaque na mídia local e mundial em decorrência de um talento individual, Marta. Eleita a jogadora do ano da FIFA de 2006 e Chuteira e Bola de Ouro Adidas no ano de 2007 pelo seu excelente desempenho no Mundial de Futebol Feminino de 2007, Marta foi premiada como melhor jogadora do ano FIFA por mais 4 vezes consecutivas. (Salvini;Marchi Júnior, 2013c, p. 62)

A relevância de Marta para a seleção é inegável. Na época em que despontou como uma atleta promissora, as notícias do futebol de mulheres foram vinculadas à jogadora, inclusive na *Placar*, que atribuía à Marta a liderança da seleção, que na década de 2000 foi bastante cobrada para ter bons resultados. Entretanto, o que também pode ser ressaltado é que mesmo em um período de diversas disputas internacionais, a mídia, por meio das notícias, não deixou de vincular as atletas à beleza física (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013c).

Salvini e Marchi Júnior (2013c) se debruçaram sobre a revista *Placar* e o modo que ela falou do futebol de mulheres ao longo dos anos. A revista, que é bastante popular no meio futebolístico, utilizava-se dos preceitos de uma sociedade patriarcal para noticiar o futebol de mulheres, por isso, a feminilidade, característica utilizada para fomentar discursos que o futebol não era para as mulheres, era constantemente acionada direta ou indiretamente.

Mourão e Morel (2005) também se encarregaram de investigar as narrativas sobre o futebol feminino na mídia impressa em um período de 1930 a 2000 em veículos como *O Globo*, *Ih Revista*, *Jornal dos Sports* e *O Dia*. Em 1930, período de inserção da mulher no esporte, o futebol de mulheres ainda era visto como algo exótico e noticiado como tal nos veículos de comunicação. Já em 1970 e 1980, já no pós-proibição da modalidade, os discursos da mídia impressa eram muito parecidos com o da *Placar*, através de manchetes que reforçam determinadas acepções quando associava a mulher jogadora aos afazeres domésticos: “O que se observa nas reportagens são metáforas polissêmicas e irônicas que ridicularizam a presença feminina em campo.” (Mourão e Morel, 2005, p.79).

Para além das ironias e ridicularizações, Mourão e Morel (2005) fazem observações muito parecidas às de Salvini e Marchi Júnior (2013) quando fortalecem que a mídia tentava modificar as ideias de que mulheres esportistas eram masculinizadas. Uma maneira disso ocorrer era através da associação das atletas às modelos, movimento que também é parecido com o que a *Placar* fazia. Outro ponto em comum com as constatações de Salvini e Marchi Júnior (2013) é o fato de a década de 1990 ser marcada pela valorização dos atributos físicos ao invés das habilidades necessárias para jogar futebol. Sendo assim, havia uma hegemonia na maneira como se falava da modalidade femininas nas mídias tradicionais.

Em 2003, um tema foi bastante divulgado pela mídia: a convocação de Milene - jogadora de futebol e ex-esposa de Ronaldo, também ex-jogador da seleção- como uma estratégia de marketing da Seleção feminina para atrair atenção, pois, Milene além de ser naquele momento esposa de um jogador famoso, era também mãe e sua aparência se enquadrava no padrão de feminilidade. *O Jornal do Brasil*, por exemplo, noticiou a convocação como algo positivo, pois o marketing em torno da jogadora era benéfico para o futebol de mulheres (MOURÃO E MOREL, 2005). Não há registros de jornais que questionem a convocação ou o fato de a Seleção feminina usar uma estratégia de marketing para estar em evidência.

A narrativa de jornais e revistas é um dos fatores construtores da identidade feminina e do futebol nacional. Entretanto, essa construção dimensionada pela mídia impressa tornou-se um divisor de águas do FF, atravessada por narrativas e imagens que exacerbam uma comparação cansativa com os jogadores profissionais e com o futebol masculino, como se o FF não tivesse vez na cultura esportiva brasileira. (Mourão e Morel, 2005, p.84)

A afirmação anterior ajuda-nos a entender a importância da mídia para a construção da imagem do futebol de mulheres e também para popularizar a modalidade feminina como uma

paixão nacional. Entretanto, até este momento, vê-se que a mídia impressa noticiou o futebol de mulheres durante muito tempo propagando perspectivas de gênero e que reforçam concepções de uma sociedade que entendia a mulher como inadequada ao futebol, por ser masculino demais. Ferretti *et al.*, (2011) analisam as notícias do jornal *Folha de São Paulo*, nos Jogos Olímpicos de Pequim. Os autores justificam a escolha do jornal pela popularidade do mesmo e a criação de uma coluna específica para a competição, denominada “Pequim”.

Quantitativamente, na coluna dos jogos de Pequim, o futebol de homens foi mais noticiado, com 52,1% de notícias veiculadas à modalidade e o futebol de mulheres um total de 40,9% de notícias. Os números não são discrepantes, apesar disso, o jornal passou a noticiar o futebol de mulheres somente na coluna criada para os jogos de Pequim, ou seja, uma cobertura momentânea. Martins e Moraes (2007) ao analisarem a cobertura midiática durante as Olimpíadas de 2004 também verificaram tal cobertura momentânea, já que as notícias cresceram cerca de 2000% no período Olímpico, entretanto, esses números não se mantêm no dia a dia após a competição. Ou seja, há um crescimento em grandes eventos, que diminui no cotidiano do futebol de mulheres.

Qualitativamente, Ferretti *et al.*, (2011) afirmam que as notícias e reportagens da coluna podem ser consideradas boas, porque aciona temáticas como o amadorismo do futebol de mulheres e falta de apoio das federações. A análise da *Folha de São Paulo* expõe então que o veículo possui pontos positivos e negativos na representação do futebol feminino nas temáticas do jornal. Ainda assim, reafirma outros preceitos dos demais veículos impressos, como a feminilidade das jogadoras e associação do futebol como um espaço viril, masculinizado e que mantém uma estrutura desigual.

A prática do futebol pelas mulheres não fez com que ocorressem mudanças na hierarquia de gênero ou de raça, a hierarquia permanece, sob novas formas, assim os discursos sobre o futebol feminino se alteram, mas não para libertá-las e sim para a manutenção da desigualdade. (Ferretti *et al.*, 2011, p. 125)

A vista do que foi exposto, fica perceptível que a mídia impressa possui um discurso parecido ao noticiar o futebol de mulheres e que este discurso é composto por narrativas de que o futebol é um lugar masculino, por isso, muitas notícias vinculam as mulheres à feminilidade, para reafirmar que elas são atletas, mas também femininas. Na seção seguinte, iremos olhar para os sites esportivos e em um período mais recente, para perceber se as representações na mídia se alteraram ao longo do tempo ou com a mudança do impresso para o online.

3.2- As representações femininas no ambiente esportivo: os sites esportivos

Com a popularização da tecnologia, os meios de comunicação também passaram por transformações para adequar-se ao público e as exigências do mercado, por isso, os jornais impressos ganharam também versões digitais e muitos portais foram criados para terem um domínio exclusivo na Internet. Arnt (2002) esclareceu muito bem a mudança do impresso para o online e as consequências para o jornalismo.

No primeiro momento, as novas tecnologias serviram tão somente para modernizar o processo industrial e dinamizar as redações (pela substituição de velhas máquinas de escrever por computadores), numa segunda etapa, a tecnologia vai facilitar a comunicação interna, entre os diversos setores do jornal. Quando os jornais começaram a fazer edições online não sabiam para onde iam, nem por que o faziam, mas tinham a intuição de que se não fizessem acabariam por desaparecer. Hoje, pode-se falar de um jornalismo digital, que amplia, redobra, multiplica o potencial do jornalismo impresso. A análise do impacto da tecnologia sobre as formas tradicionais da escrita, implica o vastíssimo campo do jornalismo e da literatura. O acesso a obras, informações e produções culturais, de todos os tempos, é a grande inovação na área da comunicação. Esta função muda a relação com a leitura, com a informação, com a história. (Arnt, 2002, p.2)

Arnt afirma que o jornalismo digital amplia o potencial do jornalismo impresso, por isso, as mídias digitais se tornaram aliadas das práticas jornalísticas e foram incorporadas aos diversos segmentos do jornalismo, do entretenimento ao esporte. No jornalismo esportivo, diversos sites foram criados exclusivamente para o meio digital, o que facilitou o acesso à informação. Vimieiro (2013) aponta que os recursos digitais são utilizados por torcedores para falar sobre os clubes, ou ainda, para informar-se sobre o dia a dia do time do coração. Nesse sentido, as mídias digitais se tornaram um importante meio de comunicação para o jornalismo esportivo; por isso, entender como tais sites noticiam a modalidade feminina também é necessário para que se possa compreender a mídia esportiva de maneira geral e os discursos que ela aciona para falar do futebol de mulheres.

Von Mühlen e Goellner (2012) analisaram o site *Terra*, e as notícias em torno de atletas também nos jogos de Pequim, focando nas feminilidades e masculinidades acionadas pelo portal. A escolha pelo veículo, de acordo com as autoras, perpassa pela facilidade que os portais possuem de noticiar em tempo real. Ao analisar o site *Terra*, as autoras categorizam as notícias em dois grandes temas, super atletas, em que se via percepções de masculinidade e feminilidade, e musas e musos, em que a beleza física era exposta.

Em uma primeira análise, percebemos uma forma padronizada e generalizada de representar o/a atleta olímpico/a, na qual questões relacionadas ao gênero não figuraram como marcadores principais. No entanto, ao deslocarmos mais atenção ao modo como essas palavras e imagens circularam no site, considerando sua posição e frequência, percebemos que, para além da construção de imagens de superatletas, representações de masculinidades e feminilidades foram tomadas para conferir maior ou menor visibilidade a determinados competidores/as. (Von Mühlen; Goellner, 2012, p.171)

De início, podemos dizer que apesar do veículo de comunicação ser diferente, pois, houve uma transição do impresso para o online, as representações ainda retomam ideias que já eram dominantes. Por exemplo, para as mulheres, a maternidade era uma característica essencializada pelo site, por isso, havia questionamentos de como as mulheres constituem famílias sendo atletas, ou como o rendimento físico poderia ser afetado. As mães competidoras foram chamadas de super mães, por exercerem a maternidade e também estarem em uma das maiores competições mundiais. Os filhos das atletas foram também destaques das notícias e as fotos utilizadas também focaram nas mães atletas e nos filhos (VON MÜHLEN E GOELLNER, 2012).

É interessante perceber o foco narrativo nas mães atletas, já que em outrora, o esporte era incentivado somente para fortalecer o corpo para a maternidade. Foi munido dessa concepção que alguns esportes foram proibidos (GOELLNER, 2005). No site *Terra*, a maternidade foi usada como um ponto importante das atletas mães, mas, exaltando-as por exercerem as duas funções, ainda que em alguns momentos, questionava-se como exercê-las. Este foco na maternidade não acontece com os homens, que não tem a paternidade exaltada e os filhos exibidos nas reportagens: “Chama atenção o fato de somente terem sido fotografadas mães com suas/seus filhas/os, e nunca pais.” (Von Mühler e Goellner, 2012, p. 173). Não há também dúvidas de como é possível ser pai e competir em alto rendimento, o que mostra, ainda que sutilmente, que a maternidade e a paternidade são vistas de maneiras distintas e esta distinção está presente na forma como o *Terra* narra a presença de mulheres e homens atletas no mega-evento.

A beleza também foi um dos pontos destacados por Von Mühler e Goellner (2012) nas notícias sobre os jogos de Pequim. As autoras constatarem que em algumas modalidades os atributos físicos são mais associados às atletas, como o vôlei. Já em lutas ou no próprio futebol, ainda que as competidoras estejam dentro do padrão considerado bonito pela sociedade, os aspectos físicos não são exaltados.

No caso do futebol feminino, por exemplo, não evidenciamos qualquer menção sobre os uniformes ou ainda, sobre o corpo e a beleza das atletas. Essa ausência revela a representação de que a beleza é um atributo feminino, e não de mulheres, pois, em algumas modalidades esportivas, tais como o fisiculturismo, o futebol e as lutas, mesmo que as atletas sejam belas, pouco se diz sobre sua beleza e feminilidade. São os detalhes técnicos que ganham visibilidade, conforme evidenciou o site em quase todas as reportagens que mencionavam tais modalidades. (Von Mühlen; Goellner, 2012, p.171)

A partir das análises das autoras, fica evidente que no site *Terra* as representações vão se complexificando, ainda assim, é possível notar que a forma de noticiar, as escolhas das fotos e os discursos em torno das notícias evidenciam que tal como em outros veículos de comunicação, a feminilidade é atrelada às mulheres e no caso das atletas do futebol feminino e outras modalidades consideradas masculinas, é como se as atletas não fossem femininas o suficiente. Por fim, é possível mencionar também que atletas homens e mulheres foram enquadrados como musas e musos pelo portal, mas, aciona-se valores diferentes para as duas atribuições, enquanto os homens são também reconhecidos pela esporte praticado, as mulheres são resumidas à beleza, sem destaque aos resultados obtidos no esporte (VON MÜHLEN; GOELLNER, 2012).

Já Januário (2017) investigou as notícias do mundial feminino em cinco portais de notícias brasileiros, *Globo Esporte.com*, *SporTV*, *Esporte Uol*, *Torcedores.com* e *ESPN*, desses cinco, somente o *Torcedores.com* é uma iniciativa alternativa, pois não pertence a um grande veículo e é feito com colaboração de diversos profissionais/torcedores do Brasil. Januário (2017) enfatiza que a seleção feminina era bem representada no mundial de 2015, mesmo sem investimentos suficientes das federações e do apoio da mídia e da sociedade, crítica comum de autores que trabalham a literatura de gênero e esporte. Naquele ano, jogadoras como Marta, Cristiane e Formiga, grandes nomes da seleção, disputaram o mundial, o que engrandece ainda mais a competição, pois, além de vencedoras com a camisa da seleção, os nomes são dos mais importantes do mundo esportivo. Mas, ainda que a seleção tivesse nomes de peso, o reconhecimento ainda foi/é muito aquém do merecido pelas atletas e pela modalidade.

Certamente, a cultura do machismo e o histórico de proibições e assertivas sociais que argumenta que “futebol não é coisa de mulher”, relacionando apenas a práticas masculinas, nos faz perceber que, mesmo uma sendo atleta de alta performance, isso não é o suficiente para uma mulher provar a sua capacidade e obter reconhecimento. Um exemplo disso é o caso da atacante Marta, camisa 10 da seleção brasileira, cinco vezes eleita a melhor do mundo pela FIFA, artilheira do Mundial Feminino com 15 gols, maior artilheira da seleção brasileira (masculina e feminina) com 100 gols e ídola no meio futebolístico. Apesar de todo o foco relacionado ao futebol feminino ser em

torno dela, a jogadora não chega nem perto de ter o reconhecimento e apoio de um jogador em ascensão no futebol masculino. (Januário, 2017, p.35)

A premissa posta por Januário (2017) ajuda-nos a entender o porquê de as mulheres não serem noticiadas da mesma maneira que os homens, seja quantitativamente, seja qualitativamente, pois a cultura do machismo, atrelada às proibições da modalidade e os ideais de feminilidade, contribuem para uma desvalorização das atletas, o que envolve também a mídia, vide os dados do ISPS (2011) que constata a discrepância de cobertura midiática de homens e mulheres atletas. Retornando ao estudo de Januário (2017), ao analisar os cinco sites, ela categorizou as notícias chegando ao seguinte conjunto: “Noticias padrão”, “Brasil de Marta”, “Destaque Marta”, “Crítica” e “Outras”. As “Notícias padrão” e “Outras” falam dos jogos em si, dos resultados, do técnico, ao passo que “Brasil de Marta” e “Destaque Marta” sobreleva a figura da jogadora em detrimento das outras atletas, o peso dos resultados recaem sobre ela, não sendo incomum comparações com jogadores homens, para afirmar a qualidade de Marta. Em “Crítica” Marta é em diversos momentos porta-voz da pouca visibilidade e apoio da modalidade feminina de futebol, já que é uma luta que a jogadora abraça (JANUÁRIO, 2017).

A análise de Januário (2017) mostra que há menos concepções de gênero presentes em notícias sobre o futebol feminino, todavia, ele ainda está presente, seja quando se compara Marta a jogadores homens, seja quando se noticia em menor número a modalidade.

É notória a falta de apoio da mídia em disseminar o esporte, há poucos portais realizando a cobertura dos campeonatos de futebol feminino e os que falam não dão importância a dar voz a outras jogadoras, se não Marta. O preconceito parece iniciar dentro das próprias instituições que regulamentam o futebol. Não há respeito com os torneios oficiais, o presidente não aparece nas cerimônias, não há esforço para divulgação, deixam as meninas jogarem em gramado sintético, etc. Isso reflete no conteúdo que a mídia passa e conseqüentemente na falta de patrocínio. E ainda, apesar da visibilidade conferida à jogadora, parece existir uma necessidade de subterfúgios de comparação ao universo masculino acabam por diminuir a importância do seu trabalho, como se o esporte feminino fosse uma reprodução do masculino. (Januário, 2017, p. 41)

Januário sintetiza diversas críticas pertinentes, primeiro às federações esportivas que não valorizam e investem no futebol de mulheres, que conseqüentemente passa a ser menos patrocinado e falado na mídia. E, posteriormente, a própria mídia, que noticia desvalorizando (ainda mais) a modalidade através do machismo, das comparações e da constante associação a

uma feminilidade imposta socialmente. A seguir, passaremos as notícias do âmbito televisivo, para entender de modo mais amplo, como as mulheres são noticiadas na mídia esportiva.

3.3- As representações femininas no ambiente esportivo: a televisão

Há poucos estudos sobre os discursos acionados pela televisão acerca do futebol feminino, seja nos programas esportivos, seja nas transmissões dos jogos. Alguns autores como Amorim e Marques (2021) e Araújo (2018) estudaram a recepção do público sobre as mulheres jornalistas e o lugar que a mulher ocupa nos programas esportivos, além disso, o discurso televisivo não foi muito analisado. Nesse sentido, é possível destacar o trabalho de Santos e Medeiros (2012) como um dos que se debruçaram sobre este tema.

Na televisão, local onde ocorre a transmissão dos jogos, os comentaristas reforçavam primeiro a forma física das jogadoras, adjetivos como “fortinha” eram relacionados às atletas e os comentaristas recomendavam inclusive “regime” às jogadoras durante a transmissão. Outro comentário era sobre os cabelos das jogadoras, destacados como uma característica feminina e como diferencial da modalidade (SANTOS; MEDEIROS, 2012).

Percebemos que narradores, comentaristas e repórteres, como agentes de um veículo midiático, que precisam manter o interesse do público (neste caso o telespectador), deslocaram a atenção do mesmo para outros aspectos do evento, pela ausência de elementos que pudessem trazer a emoção e tensão buscadas no esporte. Durante as transmissões, explorou-se outra dimensão do entretenimento: a curiosidade, o “extra” ordinário. (Santos;Medeiros, 2012, p. 188)

No caso analisado pelas autoras, o “extra” ordinário é justamente a forma física das atletas, o cabelo, o comportamento e a vaidade. Os lances futebolísticos são, em grande maioria, minimizados pelos comentários que priorizam primeiro aspectos estéticos às características do jogo das atletas. Essa ideia de que ao comentar e narrar os jogos da modalidade feminina é necessário abordar características físicas limita o esporte feminino, além de o colocar em um espaço de pouco atrativo tecnicamente. Outro recurso utilizado pelos comentaristas é a comparação com a modalidade masculina, que já vimos anteriormente ser também um comportamento da mídia impressa e online (SANTOS; MEDEIROS, 2012). As autoras finalizam o estudo pensando em maneiras de ressignificar as narrativas sobre o futebol feminino e como vimos neste trabalho, de fato, ela precisa ser modificada.

[...] é preciso atentar para o fato de que a ressignificação das narrativas do futebol feminino não deve se restringir aos meios de comunicação. Perpassa diferentes instâncias sócio-políticas e culturais para as quais ações peculiares devem ser mobilizadas. (Santos; Medeiros, 2012, p.194)

Começamos este capítulo discutindo sobre a configuração do jornalismo esportivo e como ele noticia, que atualmente é com um certo tom humorístico e com menos cobertura de assuntos sérios e pertinentes para a sociedade. Através do estudo de Rowe (2007) e dos resultados do ISPS (2011) ficou expresso que a mídia esportiva noticia sobre homens e também é feita por homens. Quantitativamente a cobertura midiática é masculina, qualitativamente veem-se diversos discursos sendo construídos ao longo do tempo que seguem a configuração de uma sociedade patriarcal. Seja no período de inserção da mulher no esporte, seja após a proibição e com uma agenda composta de competições internacionais. O que nos leva aos seguintes questionamentos: onde estão as mulheres jornalistas? E por que elas não ajudam a ressignificar a cobertura midiática do futebol feminino e sobre as mulheres atletas de modo geral? Responderemos tais questionamentos no tópico a seguir.

3.4- A mídia esportiva e as mulheres jornalistas

No começo deste capítulo, mencionamos que as mulheres são minoria no jornalismo esportivo e que mesmo ao ocuparem um cargo nas editorias de esporte, são vencidas pelas pautas que são noticiáveis (BRUM; CAMPARO, 2015). Além de estarem em menor número nas redações esportivas, as mulheres jornalistas vivenciam também os aspectos negativos de estarem em um espaço que é considerado masculino.

As mulheres são sistematicamente excluídas, invisibilizadas e sofrem violência física e simbólica nesse campo. Esses processos ocorrem por meio de práticas e discursos que produzem e reproduzem crenças e comportamentos que favorecem as masculinidades consideradas como hegemônicas frente a outros atores que interagem nesse meio (Pacheco; Silva, 2020, p.2)

Enquanto jornalistas, a estrutura que invisibiliza mulheres no esporte, mais especificamente naqueles considerados masculinos, não muda, por isso, enquanto profissionais, as repórteres, apresentadoras, comentaristas e narradoras seguem lutando pelo espaço dentro do jornalismo esportivo e quando o alcançam precisam lidar com as adversidades existentes no ambiente de trabalho. Pacheco e Silva (2020) fizeram um perfil da jornalista

esportiva na cidade de Belo Horizonte entrevistando 38 mulheres. A maioria destas jornalistas responderam ser solteiras, com idade entre 30 e 39 anos, brancas e heterossexuais.

O fato de as jornalistas estarem em uma faixa de idade específica, serem solteiras, brancas e heterossexuais descreve o jornalismo esportivo de Belo Horizonte, mas também dá um bom panorama de como a mídia esportiva se configura: como um lugar de mulheres jovens, bonitas, solteiras e heterossexuais, para assim, chamar a atenção dos telespectadores.

Ao contrário dos colegas de profissão, as profissionais que são recrutadas para trabalhar na televisão estão submetidas a normas de beleza, de boa aparência e padrões estéticos vigentes na mídia brasileira contemporânea. Independentemente da qualidade do trabalho como repórter, apresentadora ou âncora, as mulheres consideradas fora do padrão de idade e de beleza são identificadas como inapropriadas para ocupar esse espaço. (Chambers;Steiner; Flemming, , 2004, *apud* Pacheco; Silva, 2020, p.2)

Se para as jogadoras o gênero é acionado para as limitarem no campo esportivo, com as jornalistas algo similar acontece, porque elas são submetidas aos padrões de beleza para atuarem no campo esportivo. O fato de as mulheres se denominarem brancas também é um indício de que embora o jornalismo esportivo tenha evoluído, a pequenos passos, ele ainda é um espaço de mulheres brancas, além de magras e socialmente consideradas bonitas. A sexualidade também é um fator importante, porque evidencia que existe uma heterossexualidade compulsória até para as jornalistas e, assim, negar, esconder e omitir a sexualidade se torna um trunfo para serem aceitas enquanto profissionais (PACHECO; SILVA, 2020).

Ainda de acordo com a pesquisa de Pacheco e Silva (2020), as mulheres jornalistas enfrentam inúmeros constrangimentos dentro do espaço esportivo: o assédio vem dos colegas de trabalho, dos jogadores e das comissões e no dia a dia elas são obrigadas a se desvencilhar das inúmeras situações para continuar trabalhando. Algumas jornalistas não conseguem reconhecer as situações vividas como assediosas, principalmente as mais velhas, que se recusam a ocupar este espaço de minoria no esporte. Por isso, os casos isolados de sucesso são os utilizados como exemplo de carreira no jornalismo esportivo, o que também se configura como um problema.

[...] as interlocutoras se referem a mulheres que ocupam ou ocuparam posições de prestígio e chefia em diretoria de clubes, federações e emissoras. Essas narrativas apontam para um problema que Ross (2001) identifica no campo do jornalismo, que o sucesso individual nesse campo encobre as dificuldades vivenciadas por um número grande de mulheres. Essa

argumentação parece fazer sentido à medida que, nos depoimentos das jornalistas de Belo Horizonte, as exceções tornaram-se modelos para se atingir uma posição privilegiada, pois eram enumerados sempre os mesmos quatro ou cinco nomes de jornalistas consagradas como exemplos de que o espaço do jornalismo esportivo não discrimina mulheres e que seria possível ocupar posições de destaque (Pacheco; Silva, 2020, p.2)

No excerto anterior, é notório a negação do espaço de desigualdade de gênero, pois afirmar a diferença é se colocar como parte da situação e muitas jornalistas preferem focar nos exemplos de sucesso, ao invés de assumir o discurso de que o jornalismo esportivo é sim díspar para as mulheres. Outras jornalistas da mesma pesquisa assumem não serem ouvidas ao sugerir pautas, além de serem deslegitimadas enquanto profissionais e colocadas em um espaço de quem não sabe sobre futebol (PACHECO; SILVA, 2020).

Hardin e Shain (2005) apontam premissas parecidas as de Pacheco e Silva (2020), ao discutir dados baseados em uma pesquisa com jornalistas esportivas, quando diz que o jornalismo esportivo possui um ambiente mais hostil às mulheres e assim elas têm que enfrentar assédio, menos oportunidades de promoção, mais desconfianças por parte dos colegas e de quem acompanha o esporte, além de mais empecilhos como família, idade e aparência física. As autoras ainda levantam questionamentos e indagam se redações com mais mulheres necessariamente veiculam notícias sobre esportes femininos que sejam diferentes das que são feitas por homens e nem sempre isso acontece. Por isso, não é possível dizer que somente a presença feminina pode diminuir um ambiente hostil e machista para jornalistas esportivas.

Já Neves (2019) ao analisar mulheres no âmbito esportivo nota que Fernanda Gentil, jornalista, ex repórter e apresentadora de esportes da Globo, recebeu o título de musa na Copa de 2014, por portar justamente as características que são associadas à beleza feminina.

Fernanda foi uma das principais jornalistas responsáveis pela cobertura do evento, chegando a entrar ao vivo 17 vezes em um único dia, segundo reportagem da revista TPM de 21 de outubro de 2014. A cada entrada, novas manchetes e chamadas se favoreciam do carisma e simpatia de Fernanda diante do público para conceder-lhe o título de musa, muitas vezes comprometendo ou simplesmente deixando de lado a matéria-prima do jornalismo: a informação. (Neves, 2019, p.13)

Se ao falarem das mulheres atletas a feminilidade é acionada e muitas vezes evidenciada em detrimento das habilidades futebolísticas, com as jornalistas o processo não é diferente, ao colocarem as mulheres enquanto musas, a informação que deveria ser o mais importante na cobertura midiática é colocada de lado, para exaltar o aspecto físico de quem comunica. Outro

ponto importante é que as mulheres jornalistas ocupam menos espaços considerados de prestígio.

Quanto aos espaços legítimos e permitidos a serem ocupados, estes também são marcados por gênero. Tudo leva a crer que a mesa-redonda, a cabine de transmissão e a chefia de editoria são espaços de reserva masculina legítima e de interdição feminina [...] (Pacheco; Silva, 2020, p.7)

Assim como Pacheco e Silva (2020), Fiuza e Prado (2018) também reafirmam a premissa quando dizem que as mulheres ocupam muito mais o território esportivo como repórteres de campo ou apresentadoras e são comumente vistas sob o olhar da desconfiança acerca da capacidade que elas possuem. Fiuza e Prado (2018) analisam um programa da grade da *ESPN*, canal inteiramente esportivo, chamado *espnW*, que ao contrário das demais atrações era composto somente por mulheres jornalistas e possuía como atrativo a representatividade feminina. Apesar do programa seguir uma linha editorial diferente dos demais, a escolha por jornalistas e convidadas mulheres presume que o público será feminino, o que é de grande valia, visto as representações que analisamos neste trabalho.

É pertinente postular também que um programa inteiramente feminino e feito para um público feminino pode pressupor que mulheres falam para mulheres e homens para um público geral. Além disso, os temas escolhidos visam englobar o universo feminino e muitas vezes há reproduções de temáticas que contrastam com as ideias do programa (FIUZA; PRADO, 2018).

No entanto, em vários momentos das entrevistas e dos debates, a igualdade de gênero proposta (tanto no esporte, como na sociedade em geral) entra em tensão. Dentro dos próprios discursos ainda existe uma reafirmação de estereótipos ligados aos papéis sociais de gênero, reverberados não apenas na escolha de alguns temas, mas também no modo como são abordados, repletos de imposições e formas de controle social, muitas vezes mascarados por justificativas biológicas e, portanto, ditas como naturais ao debate. Esses momentos de tensão desencadeiam discussões nas quais fica notório o quanto nossa sociedade ainda é machista e como a cultura patriarcal está internalizada em nosso convívio social. (Fiuza;Prado, 2018, p. 15)

Fiuza e Prado (2018) através da análise do *espnW* elucidam que nem mesmo em um programa esportivo com mulheres apresentando e sendo convidadas o esporte deixa de se manifestar como um campo masculino, porque está enraizado neste espaço que o esporte é masculino e muitas discussões, ainda que indiretamente reproduzem esta ideia, mesmo quando são mulheres no comando. Ademais, respondemos ao longo dessa discussão que a presença de jornalistas mulheres é muito menor que a de homens e também que as questões mercadológicas,

como a audiência e a estrutura das editorias de esportes, muitas vezes impedem que as mulheres jornalistas rompam com pautas machistas e com discussões que só reforçam que a sociedade vê o esporte e a maioria das modalidades como um universo masculino.²

² Neste trabalho não nos aprofundamos nas representações femininas nos rádios, principalmente pela dificuldade de encontrar trabalhos sobre a temática. No entanto, entendemos a importância que o rádio possui para o jornalismo esportivo no Brasil.

4. OS ESTUDOS DE GÊNERO: ALGUMAS CONCEPÇÕES

Durante este trabalho, foram feitas algumas discussões que são caras para as proposições que aqui apresentamos. Iniciamos esta discussão falando acerca do futebol de mulheres e posteriormente de como a mídia esportiva fala sobre ele. Durante as exposições feitas, mencionamos algumas relações de gênero que entremeiam o esporte, e sobretudo o futebol. Como, por exemplo, discussões de feminilidade e as diferenças de gênero que perpassam a sociedade.

Neste capítulo, nos encarregaremos de destrinchar tais relações a partir de autoras que discorrem sobre o patriarcado. E, também, de concepções muito importantes, e ainda pouco exploradas nos estudos de gênero e esporte, advindas do feminismo negro como a de interseccionalidade. Para iniciar a discussão, é importante assinalar o porquê de compreendermos, e sobretudo pesquisar as relações de gênero, raça, classe e sexualidade.

O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalavam primeiro o compromisso do(a) pesquisador(a) com a história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses(as) pesquisadores (as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos (Scott, 1989, p.4).

Dessa maneira, discutir sobre gênero, raça, classe e sexualidade é sobretudo, uma tentativa de compreender e sistematizar as formas de poder e conseqüentemente as opressões que existem na sociedade. E, também, uma forma de proliferar estudos acerca dessas opressões, em uma tentativa de combatê-las. Já que, essas opressões contribuem com uma dominação hegemônica, que faz com que determinadas instituições operem contra determinados grupos considerados subalternizados. Nesse sentido, ao falar sobre as diferenças de gênero no esporte e de como a mulher era, e ainda é vista neste ambiente, as concepções de patriarcado emergem, porque é essa estrutura que dá luz as dominações que as mulheres são submetidas. Lerner (2019) diz que:

O patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2,500 até ser concluído. A princípio, o patriarcado apareceu como Estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que expressava e criava de modo incessante suas regras e valores. (Lerner, 2019, p. 261)

A partir do que a autora expõe, é notório que o patriarcado³ é uma estrutura antiga, mas que ainda vigora na sociedade. Por conta dessa estrutura, os homens, principalmente os brancos e ricos, dominam as instituições sociais, fazendo que os demais grupos, sejam marginalizados por tais estruturas excludentes. No entanto, entre 1960 e 1970, os movimentos feministas se tornaram mais populares. Logo, alguns debates sobre gênero começaram a se propagar de maneira mais incisiva na sociedade. Dessa forma, o conceito de patriarcado já existente, ganhou ainda mais força nos estudos feministas, fazendo com que a ideia de que os homens dominam as instituições sociais ganhasse mais notoriedade (SAFFIOTTI⁴, 2005).

A partir da difusão do conceito de patriarcado foi e ainda é possível perceber a dominação do homem perante a mulher e como isso se materializa socialmente. Beauvoir é uma teórica que fala sobre o patriarcado e não há como não a citar para nos ajudar a compreender sobre ele.

Com o advento do patriarcado, o macho reivindica acremente sua posteridade; ainda se é forçado a concordar em atribuir um papel à mulher na procriação, mas admite-se que ela não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador.” (Beauvoir, 1970, p. 29)

A partir deste trecho de Beauvoir, é possível compreender as discussões que perpassavam o início da popularização do futebol de mulheres, pois, naquela época, o sexo feminino era visto e preparado para a reprodução. Ainda que hoje as relações sejam diferentes, ainda é possível ver alguns vestígios dessa concepção patriarcal. Em outro momento da obra *O segundo sexo* (1970), Beauvoir continua a discorrer sobre o patriarcado e a centralidade do homem em diversas sociedades. A autora aponta como esta centralidade faz com que as religiões e os códigos sejam hostis com as mulheres, assim como dá ao homem o poder de ditar condutas, e a partir disso, fazer com que mulheres sejam subordinadas.

É notório que o patriarcado controla as mulheres de muitas formas, na sexualidade, na socialização e também na forma como a história é contada. Esta narrativa favorece então homens brancos e ricos, e a já hegemonia existente. Apreende-se então que o

³ Quando mencionamos acerca da sociedade patriarcal, estamos falando da estrutura de poder que ainda vigora na sociedade. Neste trabalho, não analisamos culturas que não sejam patriarcais. Ainda que seja importante pontuar que elas existem.

⁴ Embora Saffiotti seja estruturalista e o trabalho dialogue mais com teóricas feministas pós-estruturalistas, as preposições da autora sobre o patriarcado são caras a este trabalho, por isso optamos por utilizá-la.

funcionamento do patriarcado age para dominar as mulheres, seja de forma visível, seja de forma simbólica. Por isso, as mulheres em diversos momentos foram proibidas de realizar atividades que para os homens foram e são comuns. Um exemplo disso é o futebol de mulheres, proibido por muitos anos de ser praticado. Outro paradigma que pode ser associado ao patriarcado são as concepções de feminilidade e masculinidade que foram discutidas neste trabalho. Tais ideias eram, e permanecem sendo, meios para dominar e controlar as mulheres e seus comportamentos e condutas. Bem como fazem com que homens também precisem seguir certas normas para serem considerados viris, característica muito presente na masculinidade hegemônica.

A partir do que foi exposto, há questões importantes que envolvem a diferença de gênero e como o patriarcado é, em grande medida, responsável por isso. Ademais, é necessário ressaltar que o funcionamento do patriarcado é também alimentado pelas mulheres, que podem disseminar pensamentos e comportamentos machistas. Sendo assim, uma das maneiras de dominação do patriarcado é através do comportamento feminino, pois muitas mulheres não lutam contra esse sistema, alimentando os possíveis privilégios que possuem, seja de raça, seja de classe (LERNER, 2019).

A partir do que Lerner (2019) discorre, podemos inserir outra discussão importante ao trabalho, o de feminismo negro e interseccionalidade. Embora algumas autoras feministas sejam consideradas cânones para os estudos de gênero, algumas discussões propostas não incluem mulheres negras nas discussões, o que promove o apagamento dessas mulheres e de suas lutas. É nesse contexto que surge o feminismo negro e a concepção de interseccionalidade, para fazer com que todas as mulheres fossem incluídas nas tematizações sobre as desigualdades de gênero. Na próxima seção discutiremos sobre o feminismo negro e o viés interseccional.

4.1 O feminismo negro e a interseccionalidade

Na seção anterior, fizemos um panorama geral sobre trabalhos que discutiram sobre o patriarcado e como ele opera na opressão de mulheres. Compreender o patriarcado é essencial a este trabalho, e não só a ele. Porém, pontuar que tais discussões excluem algumas mulheres também é importante. Nesse sentido, o feminismo negro surge para, também, discutir sobre como a mulher negra é oprimida na sociedade. Collins (2019) diz que muitas autoras negras estadunidenses não tiveram suas obras vastamente publicadas e mencionadas, ainda que o trabalho delas fosse essencial para discussões sociais e

políticas. O que colabora com concepções que não pensavam nas mulheres negras ao teorizar sobre gênero. De acordo com a autora:

A sombra que obscurece essa complexa tradição intelectual das mulheres negras não é nem acidental nem benigna. Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua própria vitimização (Collins, 2019, p.32).

Vê-se então que embora os estudos de gênero tematizem sobre questões importantes, as mulheres negras pouco foram incluídas neles. E as produções de mulheres negras também foram invisibilizadas, mantendo então, a estrutura de poder que privilegia principalmente homens brancos e ricos, assim como mulheres com a mesma condição social. Em contrapartida a essas exclusões, o feminismo negro é uma teoria social crítica que tem como objetivo sobrepor as injustiças sociais e econômicas. Além de aprofundar em questões e vivências que também atravessam mulheres negras (COLLINS, 2019).

Collins (2009) cita o célebre discurso de Sojourner Truth⁵, ativista negra do século XIX, para evidenciar a exclusão de mulheres negras para a compreensão da feminilidade. No discurso, Truth provoca perguntando se não é uma mulher, já que as concepções de feminilidade e da ideia do que é ser mulher não a englobavam enquanto mulher negra. Collins (2019) a utiliza como exemplo não só para mostrar que ainda naquela época mulheres negras já articulavam sobre o distanciamento que as teorias feministas tinham sobre elas. Mas também para criticar o fato de que, por muito tempo, Truth não foi considerada uma intelectual. Collins expõe assim dois aspectos importantes: o primeiro envolve o conceito de mulher como algo construído socialmente e, por conta disso, outras feminilidades para além das hegemônicas são excluídas; o segundo é evidenciar que por Truth não ter sido uma mulher escolarizada e acadêmica, seus pensamentos e contribuições foram durante muito tempo marginalizados.

⁵ Trechos do discurso: “E eu sou não uma mulher?” Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? Disponível em: [E não sou uma mulher? – Sojourner Truth \(geledes.org.br\)](http://geledes.org.br)

Retomando o texto *E eu não sou uma mulher?* A explanação mostra que outras concepções de feminilidade são pouco debatidas na sociedade. Neste trabalho, discutimos alguns aspectos que envolviam a feminilidade e a proibição do futebol de mulheres. No entanto, quando nos referimos aos ideais impostos pela sociedade, explicamos que para as mulheres negras, outras formas de socialização e imposição ocorriam. Justamente porque há poucos estudos que retomem a mulher negra e a socialização no futebol. Collins (2019) diz que o discurso de Truth questiona os padrões do que é ser mulher, ao invés de somente aceitá-los.

Suas ações demonstram o processo de desconstrução- ou seja, a exposição de um conceito como ideológico ou culturalmente construído, e não como algo natural ou simples reflexo da sociedade. Ao desconstruir o conceito de *mulher*, Truth mostrou-se uma intelectual formidável, ainda que fosse uma ex-escravizada que nunca aprendeu a ler ou escrever (Collins, 2019, p.52).

A partir do que propõe Collins e suas reflexões sobre *E eu não sou uma mulher?* Vê-se que de fato as proposições de e sobre mulheres negras e outras formas de feminilidade foram por muito tempo ignoradas. Contudo, atualmente, há novas formas de olhar para tais proposições justamente porque há mais mulheres negras discutindo sobre elas (COLLINS, 2019).

Em um contexto brasileiro, Gonzalez (1984) expõe que as mulheres negras são associadas a diversas imagens, como a mulata, que é constantemente sexualizada, ou ainda, a de mulher negra forte. Nenhuma dessas concepções acerca da mulher negra estão incluídas nos padrões de feminilidade que já discutimos, como o de mulher meiga, gentil e frágil, advindo dos padrões vitorianos (ADELMAN, 2003). Neste trabalho tais questões são essenciais, porque queremos compreender como as questões de gênero e raça são acionadas nas iniciativas de mídia. E mais, como são entendidas tais questões a partir das intersecções entre elas, o que nos leva a outra discussão, que é a interseccionalidade.

O termo interseccionalidade foi cunhado por Crenshaw (1989). A autora, que possui estudos no campo jurídico, propôs a perspectiva para que as vivências e múltiplas opressões das mulheres negras fossem também discutidas, para além das questões de gênero já abordadas e que privilegiam mulheres brancas.

Defendo que as mulheres negras são por vezes excluídas da teoria feminista e do discurso político anti-racista, porque ambos são baseados

em um conjunto discreto de experiências, que muitas vezes não reflete com precisão a interação de raça e gênero. Estes problemas da exclusão não podem ser resolvidos simplesmente incluindo mulheres negras dentro de uma estrutura analítica já estabelecida. Como a experiência interseccional é maior do que a soma do racismo e do sexismo, qualquer análise que não leve em conta a interseccionalidade não consegue abordar suficientemente a maneira particular como as mulheres negras são subordinadas (Crenshaw, 1989, p.140).

A interseccionalidade é então uma maneira de analisar as múltiplas opressões que podem perpassar determinados grupos. Já que as questões de gênero até então formuladas não pensavam na vivência de mulheres negras, fato que a abordagem interseccional permite analisar, a partir do entrecruzamento das opressões. Collins e Bilge (2021) apontam que a partir do início do século XXI, o termo interseccionalidade passou a ser muito utilizado por acadêmicas e acadêmicos, militantes de políticas públicas e ativistas em diversos locais, para analisarem formas de opressão na sociedade.

Além disso, elas explicam também que a utilização da interseccionalidade como ferramenta analítica surge da necessidade e dos desafios existentes para entender a discriminação vivenciada por mulheres negras. Para as autoras, o termo pode ser compreendido como:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedade marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa-etária, entre outras, são-inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins e Bilge 2021, p.17).

Dessa maneira, assim como propõe as autoras, a interseccionalidade ajuda a compreender como as relações sociais são perpassadas por opressões e como elas podem estar interseccionadas, analisando-as de maneira conjunta. Tanto para Crenshaw (1989) quanto para Collins e Bilge (2021), o viés é imprescindível para a inserção de mulheres negras em discussões que até então eram marginalizadas. Essas preposições são essenciais para entender a sociedade, uma vez que as opressões estão presentes em diversas instituições sociais, impactando a vivência dessas mulheres. Ademais, tal perspectiva não engloba somente mulheres negras, mas permite a análise de opressões de

raça, gênero, sexualidade, entre outras, de modo que se olhe em conjunto para elas (PILAR, 2021).

A partir das autoras utilizadas, fica evidente que a interseccionalidade é essencial para olhar para as múltiplas opressões conectando-as a fim de entender as estruturas sociais. Crenshaw (1989) utilizou-a para entender o campo jurídico, e a partir de exemplos do seu ofício, evidenciar como ela funciona. Collins e Bilge (2021) falam que atualmente ela é utilizada como ferramenta analítica em diversas esferas, inclusive o futebol. Ambiente utilizado por elas, através da Copa do Mundo, para tematizar sobre a interseccionalidade, as autoras explicam que assim como em outros espaços, o futebol também apresenta opressões de gênero, raça, classe, sexualidade e demais. E o uso da interseccionalidade para a análise delas ajuda a compreender como as relações de poder são organizadas no futebol (Collins e Bilge 2021).

As autoras continuam a tematização do tema explicando que o investimento no futebol é desigual, pois as nações mais ricas são as que mais investem na modalidade. E que o próprio investimento em meninas e meninos é diferente, já que os homens recebem diversos investimentos desde crianças e as meninas, geralmente, não possuem estruturas adequadas de treinamento. O que contribui para as relações de poder que perpassam o futebol de mulheres e também de homens. Collins e Bilge (2021) dissertam também que analisar o futebol de mulheres somente pela perspectiva de gênero deixa escapar dimensões interseccionais importantes para o combate de injustiças sociais.

A fim de utilizar a interseccionalidade como ferramenta analítica, Collins e Bilge (2021) propõem o que elas chamam de domínios interseccionais de poder, classificados em estrutural, cultural, disciplinar e interpessoal. Começaremos explicando o domínio estrutural, relacionando com as explicações das autoras do ambiente futebolístico, tema central deste trabalho.

O domínio estrutural de poder se relaciona às estruturas fundamentais das instituições sociais, como mercado de trabalho, moradia, educação e saúde. Intersecções de classe (capitalismo) e nação (política governamental) são fundamentais para a organização do esporte (Collins e Bilge, 2021, p.20)

Este domínio, de acordo com as autoras, é o que irá organizar as opressões. Nele, analisa-se como as instituições, em diversos âmbitos e não só no futebol, são utilizadas para subordinar grupos marginalizados e reproduzir opressões de raça, classe, gênero, sexualidade, idade e demais. No esporte, fica evidente a atuação deste domínio, quando

se nota que esse ainda é um ambiente considerado masculino, e que a própria origem do futebol remonta para um esporte que foi criado por homens brancos e de classes abastadas. Tal configuração contribui com um ambiente ainda muito hostil com mulheres, negros, pessoas LGBTQIA+, ou quaisquer outros padrões considerados desviantes para a modalidade. Já o domínio cultural é caracterizado da seguinte maneira:

O domínio cultural de poder enfatiza a crescente importância das ideias e da cultura na organização das relações de poder. A Copa do Mundo Fifa é um excelente exemplo de como o poder das ideias, representações e imagens em um mercado global normalizam atitudes e expectativas culturais em relação às desigualdades sociais (Collins e Bilge, 2021, p.23).

Para além do exposto pelas autoras neste excerto, o domínio cultural relaciona-se ainda com a mídia e as mensagens culturais que são enviadas a partir dela. O domínio cultural justifica as opressões a partir do que é considerado hegemônico, bem como normaliza as desigualdades e opressões que existem nas instituições sociais. Pensando no ambiente futebolístico, o futebol de homens é mais divulgado que o feminino. Logo, mais comentado, patrocinado e aceito socialmente. Além disso, diversas opressões de raça, sexualidade, regionalidade perpassam o futebol sem que a mídia enfatize tais preconceitos. Collins e Bilge (2021) ainda explicam que o domínio cultural ajuda a fabricar e disseminar uma ideia de fair play, de que todos têm oportunidades iguais, ainda que na prática isso não se materialize.

O domínio disciplinar gerencia as opressões e diz como as regras e regulamentos são aplicadas para esse gerenciamento:

O domínio disciplinar de poder refere-se à aplicação justa ou injusta de regras e regulamentos com base em raça, sexualidade, classe, gênero, idade, capacidade e categorias semelhantes. Basicamente, como indivíduos e grupos somos “disciplinados” para nos enquadrar e/ou desafiar o status quo, em geral não por pressão manifesta, mas por práticas disciplinares persistentes. No futebol, o poder disciplinar entra em cena quando certos meninos e meninas são proibidos ou desencorajados de jogar, enquanto outros recebem treinamento de alto nível em instalações de primeira para aprimorar seus talentos (Collins e Bilge, 2021, p.26).

Neste domínio, temos no futebol um exemplo muito evidente de como se aplica, que é o decreto lei que proibiu a modalidade de ser praticada por mulheres. Inclusive sob

justificativas médicas, usadas para disciplinar e delimitar quais esportes poderiam ser praticados para a manutenção de um corpo saudável e que não colocasse a feminilidade em risco (VIMIEIRO, et al., 2020). Além disso, como Collins e Bilge (2021) sugerem, o domínio disciplina mostra como algumas meninas e meninos podem ser desencorajados de praticar futebol, enquanto outras/os terão inúmeras oportunidades para desenvolverem suas habilidades.

Vimieiro et al., (2020) explicam também que no esporte o domínio disciplinar também se materializa a partir do não acesso de mulheres a determinados espaços de torcidas organizadas e no próprio jornalismo esportivo, em que é mais comum ver mulheres como repórteres do que como apresentadoras, comentaristas e narradoras, embora nos últimos anos tenha aumentado a presença feminina nesses espaços. Esse domínio relaciona-se, então, no ambiente esportivo com a regulação do corpo feminino. Por fim, temos o que as autoras chamam de domínio interpessoal:

O domínio interpessoal de poder refere-se ao modo como os indivíduos vivenciam a convergência de poder estrutural, cultural e disciplinar. Esse poder molda identidades interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, nação e idade, que por sua vez, organizam as interações sociais (Collins e Bilge, 2021, p.28).

O domínio interpessoal, diz então sobre como alguns grupos se relacionam com as opressões que são submetidos. Além disso, é como cada indivíduo vivencia os preconceitos, já que eles são vividos de maneiras distintas pelas pessoas. Por exemplo, homens e mulheres vivenciam o racismo de maneira distinta. Assim como as diferenças de gênero são assimiladas de outras maneiras por mulheres brancas e negras. Esse domínio olha justamente para essas percepções e a consciência de cada indivíduo.

A partir das discussões apresentadas, temos aqui um panorama dos estudos de gênero a partir da concepção de patriarcado e também do feminismo negro e da interseccionalidade. Os estudos utilizados contribuem sumariamente para compreendermos as estruturas sociais e como elas são excludentes com determinados grupos. As concepções aqui apresentadas nos ajudarão a entender o ambiente esportivo alternativo e, por meio dos domínios de poder, operacionalizar a análise das postagens que são feitas pelas mulheres nos blogs analisados.

5- METODOLOGIA

5.1- Problema de pesquisa

O futebol, assim como diversas modalidades esportivas, possui um ambiente que ainda é excludente, isso se dá pelo fato deste esporte ser oriundo da elite Inglesa, logo, os praticantes eram os homens brancos e ricos (FRANCO JÚNIOR, 2007). Este fato ainda reverbera no ambiente futebolístico e isso o mantém machista, racista e homofóbico. Nota-se então uma série de problemas adjacentes deste ambiente excludente. No que se refere ao gênero, é possível notar que as categorias femininas e masculinas do futebol sequer são mencionadas igualmente pela mídia tradicional. Informação evidenciada pelo International Sports Press Survey (ISPS, 2011) que realizou uma pesquisa em alguns países, incluindo o Brasil, que aponta que somente 15% da cobertura midiática sobre modalidades femininas.

Em consequência a isso, a própria produção acadêmica sobre gênero e futebol torna-se limitada, o que permite que haja lacunas a serem preenchidas e analisadas, seja na produção acadêmica sobre o tema, seja sobre a participação de pesquisadores da comunicação nos estudos que envolvem mídia esportiva, conforme constaram Vimieiro et al.,(2021) e Fortes (2014) . Vimieiro (2014) também identifica que não há muitos estudos sobre torcedoras e torcedores que produzem mídias na internet sobre os clubes, logo, essa ainda é uma questão a ser explorada na área.

Vimieiro et al., (2021) ainda demonstram que a mídia tradicional é a mais recorrente nos estudos que analisam a mídia. Entretanto, a mídia alternativa, ou iniciativas midiáticas, como também chamamos aqui, é muito importante para romper com a hegemonia masculina no futebol. Nesse sentido, é essencial pesquisas que olhem para os torcedores enquanto produtores de mídia. Toffoletti (2017) investiga as mulheres produtoras de mídias e diz que a mídia alternativa é uma oportunidade para que estas criem suas identidades enquanto torcedoras e/ou criadoras de novas narrativas. Afinal, é nessas iniciativas de mídia, que temas e discursos ausentes na mídia tradicional podem ter mais visibilidade. Para além disso, observa-se também que a interseccionalidade é pouco trabalhada no âmbito dos estudos de gênero e esporte (VIMIEIRO, et al., 2021). Por isso, esta pesquisa pretende também abordar esta perspectiva como arcabouço teórico-metodológico, partindo dos domínios de poder propostos por Collins e Bilge (2021).

Ao fim desse trabalho, espera-se que haja um entendimento de como as mulheres utilizam a mídia alternativa em prol de uma temática voltada para a modalidade feminina do futebol. A partir do que foi exposto, a seguinte pergunta foi formulada: *Como se caracterizam os projetos de mídia esportiva alternativa produzidos por mulheres e que se dedicam a cobrir o futebol de mulheres no Brasil, e como os domínios de poder e a interseccionalidade são acionadas nessas iniciativas?*

5.2 Objetivo geral

A fim de responder nossa pergunta central da pesquisa, os seguintes objetivos norteiam esta pesquisa:

- Analisar projetos de mídia esportiva alternativa produzidos por mulheres e que se dedicam a cobrir o futebol de mulheres no Brasil

4.2.1 - Objetivos específicos

- Investigar quantitativamente as mídias utilizadas;
- Compreender os discursos produzidos por mulheres produtoras de mídia;
- Observar em que medida as opressões são percebidas por essas mulheres;
- Notar a presença dos domínios de poder nas postagens com reflexões acerca das opressões;
- Analisar as diferenças e as similaridades dos projetos produzidos por mulheres a nível regional, de clubes, nacional e global.

5.3- Definição de pesquisa

A metodologia deste trabalho se dá primeiramente pela revisão bibliográfica que foi realizada, a partir da utilização de estudos que discutiram as temáticas que são essenciais a este trabalho, como as mulheres e o futebol de mulheres, a mídia esportiva e a interseccionalidade. Lima e Miotto (2007) discorrem que a revisão bibliográfica é procedimento essencial nas pesquisas acadêmicas, pois, a escolha da bibliografia implica na condução da pesquisa, assim sendo, não pode ser feita de maneira desordenada. Tentamos com a revisão bibliográfica acionar algumas pesquisas importantes para as

áreas mencionadas, considerando também as dificuldades e lacunas da literatura que investiga gênero, esporte e comunicação. Entretanto, selecionamos estudos essenciais para as prerrogativas aqui propostas e, por isso, a revisão foi o primeiro passo desta metodologia. Ademais, esta pesquisa é quali-quantitativa, porque busca não só analisar o tema das mídias mapeadas e selecionadas, mas também quantas são, quem produz, quais são as temáticas, as especificidades e como e em que quantidade eles acionam os domínios de poder e a interseccionalidade.

5.4- Escolha do corpus e mapeamento das mídias alternativas

Ao longo desta explanação discorremos sobre temáticas que movimentam este trabalho, como a ausência de pesquisas que contemplem mídia alternativa (Fortes 2014) e também a ausência da interseccionalidade em estudos de gênero e esporte (Vimieiro et al., 2021). Por conta disso, o corpus escolhido para este trabalho contempla iniciativas alternativas que são feitas por mulheres e que falam de futebol feminino, temática que como vimos anteriormente é pouco recorrente nas pesquisas acadêmicas. A partir da definição da temática e do início da revisão bibliográfica, o segundo movimento se iniciou, que foi o mapeamento das mídias alternativas.

O mapeamento se iniciou pelo Instagram, aplicativo de compartilhamento de fotos e que possui algoritmos que facilitaram a captação dos dados. O perfil utilizado para mapear os projetos foi criado exclusivamente para isso em agosto de 2021 – o que é chamado de perfil *coldstarter* – buscando neutralizar o processo e, ao mesmo tempo, usar o algoritmo da própria plataforma a favor da pesquisa. Nesta etapa, alguns perfis foram seguidos para que o algoritmo compartilhasse iniciativas parecidas. No primeiro momento, seguimos perfis institucionais de clubes femininos, torcidas organizadas, iniciativas mais conhecidas, como o *Dibradoras*, ou que já eram conhecidas por nós através de outras mídias. Os primeiros perfis seguidos foram: *Galo Delas*, *Revista Marta*, *Mina no Estádio*, *Torcida Organizada Vingadoras*, *Santa Cruz Feminino*, *Gold Girls*, *Dibradoras*, *Onze Minas* e *Minas do Timão*. Depois desta sequência, o próprio aplicativo começou a sugerir perfis.

Na etapa de seguir perfis feitos por mulheres ou que falassem do futebol de mulheres, chegamos em um total de 126 perfis. No entanto, somente 48 eram elegíveis para este trabalho, pois os demais eram perfis institucionais de clubes femininos, de torcidas organizadas, futebol e futsal amador ou de mulheres no estádio e tais

características não os enquadraram para a análise. Salienta-se, então, que embora o algoritmo sugerisse perfis, foi necessário selecionar aqueles que seriam trabalhados neste estudo. Por fim, os 48 perfis selecionados (tabela 1) falam da modalidade feminina de futebol e também são feitos por mulheres, exceto o *Planeta Futebol Feminino*, que foi idealizado por um homem e possui homens e mulheres produzindo notícias e reportagens.

Tabela 1: mapeamento de iniciativas alternativas produzidas por mulheres

Iniciativa	Abrangência	Link
<i>Amantes do futebol feminino</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/amantesdofutebol feminino/
<i>Anônimas</i>	Nacional/ Internacional	https://twitter.com/anonimaspod
<i>As cabulosas</i>	Clubes	https://www.instagram.com/ascabulosascec/
<i>Base feminina</i>	Nacional	https://www.instagram.com/basefemininaa/
<i>Campeanatas</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/campeanatas/
<i>Central do feminino</i>	Regional	https://www.instagram.com/centraldofeminino/
<i>Clubista FF</i>	Nacional	https://www.instagram.com/clubista_ff/
<i>Copa é copa</i>	Nacional/ Internacional	https://linktr.ee/copaecopa
<i>Cresce futebol feminino</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/crescefutfeminino/
<i>De Primeira - Futebol Feminino</i>	Nacional/ Internacional	https://linktr.ee/ffDePrimeira
<i>Diário ffeminino</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/diario.ffeminino/
<i>Dibradoras</i>	Nacional/ Internacional	https://dibradoras.com.br/
<i>Elas no ataque</i>	Nacional	https://www.instagram.com/elasnoataque/
<i>Empório do Futebol feminino</i>	Nacional/ Internacional	https://linktr.ee/emporiiodoff
<i>Esporte delas/Jornal das Minas</i>	Nacional	https://www.instagram.com/esportedelas/
<i>Esportivas</i>	Nacional	https://www.instagram.com/esportivas/
<i>FF no radar</i>	Nacional	https://www.instagram.com/ffnoradar/
<i>Finta fem</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/fintafem/
<i>Fut das minas</i>	Nacional	https://futdasminas.com.br/

Iniciativa	Abrangência	Link
	Internacional	
<i>Fut Delas Br</i>	Nacional	https://www.instagram.com/futdelasbr/
<i>Fut Girls Brasil</i>	Nacional	https://www.instagram.com/futgirlsbrasil/
<i>Fut Minas</i>	Regional	https://www.instagram.com/futminass/
<i>Futebol feminino do Brasil</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/futebolfemininoxbr/
<i>Futebol para todas</i>	Nacional	https://www.instagram.com/futebolparatodas/
<i>Futebol por elas</i>	Nacional/ Internacional	https://linktr.ee/futebolporelas
<i>FutFem24hrs</i>	Nacional	https://www.instagram.com/futfem24hrs/
<i>Futy Minas</i>	Nacional	https://www.instagram.com/futy_minas/
<i>Galo delas</i>	Clubes	https://linktr.ee/galodelas
<i>Garotas da bola fc</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/garotasdabolafc/
<i>Guerreiras MIL GR4U</i>	Clubes	https://www.instagram.com/guerreirasm1lgr4u/
<i>Joga Delas</i>	Nacional/ Internacional	http://www.jogadelas.com/
<i>Joga pra elas</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/jogapraelas/
<i>Minas do Timão</i>	Clubes	https://www.instagram.com/minasdotimao_/
<i>Mulheres em campo</i>	Nacional/ Internacional	https://linktr.ee/blogmec
<i>Mulheres no futebol</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/mulheresnofutebol_/
<i>Oficial das Minas</i>	Nacional	https://www.instagram.com/oficialdasminas/
<i>Onze Minas</i>	Regional	https://twitter.com/onzeminas
<i>Palpiteiras</i>	Nacional	https://www.instagram.com/palpiteiras/
<i>Peppas na Língua</i>	Clubes	https://linktr.ee/peppasnalngua
<i>Planeta futebol feminino</i>	Nacional/ Internacional	https://planetafutebolfeminino.com.br/
<i>Podcast das Marias</i>	Clubes	http://podcastdasmarias.com.br/
<i>Rainhas do drible</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/rainhasdodrible/
<i>Rainhas do futebol</i>	Nacional	https://www.instagram.com/ra_inhasdofutebol/
<i>Salto na área</i>	Nacional/ Internacional	https://www.instagram.com/saltonaareacast/
<i>Sem Barreira - Futebol Feminino</i>	Nacional/ Internacional	https://linktr.ee/podsembarreira

Iniciativa	Abrangência	Link
<i>SEP Feminino Mil grau</i>	Clubes	https://www.instagram.com/sepfemininomilgrau/
<i>Torcida delas</i>	Nacional	https://torcidadelas.home.blog/
<i>Turbilhão Feminino no futebol</i>	Nacional	https://turbilhaofeminino.com.br/

Fonte: A autora

5.5- Primeira etapa de análise: os aspectos quantitativos das iniciativas selecionadas

Após o mapeamento, criamos algumas categorias que podem ser observadas na tabela 1, como o tipo de cobertura, abrangência e as mídias sociais que utiliza. Todos estes dados nos deram retornos quantitativos. Consideramos as categorias criadas pertinentes, porque respondem a nossa pergunta central de pesquisa, sobre a caracterização das iniciativas feitas pelas mulheres produtoras. A tabela 2 detalha a separação pelo tipo de cobertura, que denominamos em: internacionais/nacionais, nacionais, regionais e de clubes. Tal separação ajuda-nos também a especificar os projetos com a finalidade de esmiuçar as temáticas que são abordadas. Nesta primeira etapa, os 48 perfis elegíveis para o trabalho foram analisados.

Tabela 2: Tipos de cobertura e características

Tipo de cobertura	Característica
Nacional/Internacional	Focadas em futebol feminino internacional e nacional, cobrem o dia a dia dos clubes, das competições e das jogadoras, falando de futebol a um nível global
Nacional	Cobertura exclusiva dos campeonatos brasileiros ou da Seleção Feminina, com o dia a dia, escalação, jogos e competições.
Regional	Cobre o futebol de regiões específicas, focando somente no futebol feminino de determinado estado, não falando, ou falando o mínimo de Seleção brasileira ou outras competições que não a do estado escolhido para a cobertura.
Clubes	Dia a dia dos clubes femininos do Brasil, sendo assim o dia a dia desses clubes, das jogadoras e das competições que eles participam são noticiados.

Fonte: A autora

5.6- Segunda etapa de análise: os aspectos quantitativos das iniciativas com sites.

Nesta segunda etapa, somente algumas iniciativas foram investigadas, optamos então por aquelas que possuíam sites (tabela 3) analisando somente as iniciativas com esta especificidade. Tal escolha se deu pela extensão do corpus e pela similaridade com os sites esportivos, como *Globo Esporte.com*, *Espn*, *Uol*, *Superesportes*, entre outros. Pois, dessa forma, é possível perceber similaridades e diferenças com essa cobertura mais tradicional do futebol. Para determinarmos os sites que seriam escolhidos, fizemos um recorte temporal de um ano, de agosto de 2021 a agosto de 2022. Por conta deste recorte, alguns sites presentes na tabela 1 foram excluídos da análise, como o *Torcida Delas*, porque não foi atualizado no período selecionado. Além disso, outros sites foram excluídos, como o *Pod sem barreira*, que possui o site para divulgar o podcast com pequenos resumos, o *De primeira*, que é interligado ao *Planeta Futebol Feminino (PFF)* e o *Onze Minas*, que durante a pesquisa foi desativado. Por fim, chegamos ao total de 7 sites e um total de 1.116 notícias a serem analisadas, porém, alguns deles com notícias do futebol masculino e/ou outras modalidades, ou escritas por homens. Nesse caso, tais notícias foram consideradas somente na primeira análise quantitativa. Para a análise qualitativa, consideramos somente as postagens que acionaram os domínios de poder e/ou interseccionalidade e que fossem propriamente escritas por mulheres e sobre futebol, reduzindo o número de notícias a 122.

Tabela 3: Iniciativas com site analisadas

Iniciativas	Abrangência	Mídias sociais	Link de acesso	Quantidade de postagens
<i>Dibradoras</i>	Nacional/ Internacional	Site Twitter Instagram Youtube	https://dibradoras.com.br/	246
<i>Fut das minas</i>	Nacional/ Internacional	Site Twitter Instagram Podcast	https://futdasminas.com.br/	148
<i>Rainhas do drible</i>	Nacional/ Internacional	Site Twitter Instagram Youtube	rainhasdodrible.com	55

<i>Planeta Futebol feminino</i>	Nacional/Internacional	Site Twitter Instagram Instagram Youtube Podcast	<u>Homepage - Planeta Futebol Feminino</u>	381
<i>Futebol por elas</i>	Nacional	Site Twitter Instagram Youtube	<u>futebolporelas</u>	196
<i>Peppas na Língua</i>	Clubes	Site Twitter Instagram Youtube	<u>Peppas na língua (peppasnalingua.com.br)</u>	59
<i>Galo delas</i>	Clubes	Site Twitter Instagram Youtube	<u>Sobre – GALO DELAS</u>	29

Fonte: A autora

Nestes portais, como explicitado anteriormente, olhamos para as questões quantitativas, como a quantidade de postagens, o tema principal, a modalidade e o esporte. Além de recorrência dos domínios de poder e da interseccionalidade e qual o tipo de cobertura, episódica ou temática. Por episódica entende-se a cobertura que foca na factualidade do evento e há menos complexidade na maneira de noticiar. São relatos mais rotineiros, quando as notícias acabam de acontecer. Já a temática, notícia com mais complexidade e informações, por meio geralmente de reportagens ou mais reflexões sendo feitas, em que a solução é menos imediata (OBSERVATÓRIO MARTA, 2021).

5.7- Terceira etapa de análise: investigação qualitativa com foco nos domínios de poder e marcadores interseccionais das iniciativas com site

A terceira etapa da análise, tem como foco especificamente os posts que possuíam os domínios de poder e interseccionalidade, elucidando como eles emergem nas postagens, para assim completarmos os objetivos deste trabalho. Tal análise foi empreendida pela análise de conteúdo proposta por Bardin (2004) e com as perspectivas de Collins e Bilge (2021) dos domínios de poder que discorremos no capítulo 4. Em relação a análise de conteúdo, Bardin elucida que o método proposto possibilita que diversos conteúdos sejam. Para isso, ela propõe a análise organizada em três etapas, a

primeira que é a pré análise, momento em que se organiza o material, no caso deste trabalho foi o momento de definição das iniciativas de mídia e o mapeamento.

Após este procedimento, tem a exploração do material, em que se organiza em categorias a partir de características comuns. Neste caso, categorizamos as mídias, abrangência, mídias sociais que utiliza, formato, e quantidade de postagens a serem analisadas. Por último, temos o tratamento dos dados, que são as inferências feitas a partir do corpus selecionado. A imagem 5 sintetiza a maneira como se dá a análise neste trabalho.

Figura 5: Etapas da análise



Fonte: A autora

6- ANÁLISES

6.1- Primeira etapa da análise: investigação quantitativa das mídias mapeadas

A primeira etapa da análise consiste em analisar os dados quantitativos das 48 mídias que foram mapeadas, nesta etapa focamos em três especificidades, tipo de cobertura, modalidade e o gênero de quem escreve. O gráfico 1, aponta para o tipo de cobertura, que dividimos em quatro, conforme tabela 2, que são internacional/nacional, ou global, somente nacional, regional e de clubes. Das 48 mídias mapeadas, o tipo de cobertura que mais se destaca é a nacional/internacional, que é recorrente em 45,8% das iniciativas. Esse tipo de cobertura engloba não só as competições do Brasil, mas também do mundo. Na cobertura global, além das seleções, o futebol da América latina e de outros continentes são mencionados, principalmente do ocidente, através de análises acerca dos jogos e competições.

A iniciativa nacional foi recorrente em 33,3% das mídias, nesta cobertura o foco é na seleção brasileira e no que acontece especificamente nas competições do Brasil. Como, por exemplo, campeonatos estaduais, brasileirão das Séries A1, principal categoria do brasileiro feminino, e A2. Em relação a cobertura de clubes a incidência é de 14,6%, neste caso, a maioria dos projetos são feitos por torcedoras que reúnem as informações do clube do coração nesses projetos, já que, na modalidade masculina há uma cobertura massiva. Nessas iniciativas, o dia a dia do clube, as escalações, os jogos, os bastidores são bastante comentados pelas torcedoras.

Por fim, a cobertura regional aparece em 6,3% do corpus, sendo o menor número dentre as iniciativas mapeadas. Nessas mídias, cobre-se apenas modalidades de determinadas regiões, como é o caso do *Fut Minas* e *Onze Minas*, site que foi desativado no decorrer dessa pesquisa, que falam somente o que acontece na modalidade feminina no Estado de Minas Gerais, principalmente sobre Atlético, América e Cruzeiro. Nesses projetos, o dia a dia dos clubes de determinadas regiões são o foco, como os jogos, competições, contratações e bastidores.

Gráfico 1: Tipo de cobertura



Fonte: A autora

Já o gráfico 2, aborda os produtores de conteúdo, e nas iniciativas mapeadas, 87,5% dos produtores de conteúdo são mulheres e apenas 12,5% homens. A quantificação foi feita a partir de iniciativas que na descrição destacavam também a participação masculina. Apesar disso, a discrepância de colaboração feminina e masculina no resultado é consequência dos critérios da pesquisa, já que nos interessa analisar a produção feita por mulheres. Entretanto, alguns projetos são idealizados por homens, ou contam com a participação masculina. Apesar disso, ainda são projetos interessantes para compreendermos a produção de conteúdo sobre o futebol de mulheres. Um destaque dessa categoria é o *Planeta Futebol Feminino*, que possui o maior número de postagem no período selecionado de um ano. Ademais, outros projetos também contam com a participação masculina, porém, as mulheres são as que mais produzem conteúdo.

Gráfico 2: Produtores de conteúdo



Fonte: A autora

Por fim, temos nesta primeira análise a modalidade (gráfico 3), embora a maioria dos projetos, fale somente de futebol de mulheres, 85,4%, algumas dessas iniciativas também falam da modalidade masculina, 14,6%. Esses números também expressam a delimitação do corpus, já que o objetivo é destrinchar a cobertura da modalidade feminina. Para ambas as modalidades, a cobertura é parecida, desde a cobertura de competições, análises de jogos e tudo que envolve o cotidiano do futebol.

Gráfico 3: Modalidades que são noticiadas



Fonte: a autora

Após essa primeira análise mais geral, que engloba as 48 mídias, bem como as principais especificidades qualitativas, apresentaremos as iniciativas com site que serão analisadas e, depois, a análise quantitativa dessas iniciativas. Esta última análise se centrará nos posts com domínios de poder e marcadores interseccionais.

6.2- Apresentação das mídias com sites

6.2.1- O *Dibradoras*

Começaremos a apresentação com o site *Dibradoras*, projeto que como foi pontuado anteriormente, pode ser considerado um dos principais projetos de mídia focados no esporte feminino. Na seção *Sobre*⁶, as responsáveis descrevem o site como um incentivador da participação feminina no esporte, frisando que o meio esportivo é dominado por homens. As *Dibradoras*, como são intituladas as responsáveis, descrevem a iniciativa como: “*um canal de mídia e uma produtora de conteúdo que desde 2015 apresenta e representa o protagonismo feminino no esporte*”. Além disso, elas afirmam que o objetivo é fazer uma cobertura 100% feminina e contrapor-se à mídia tradicional, que tem uma cobertura majoritariamente focada no esporte masculino. Elas encerram a seção com a seguinte afirmação: “*Porque a gente precisa começar a contar a história delas para que meninas possam se inspirar e aprender desde cedo que os campos, as quadras, os tatames, as piscinas, as bancadas esportivas, e resumindo, o esporte também é lugar delas.*”

O *Dibradoras* tem como idealizadoras três mulheres, Angélica Souza, que é publicitária, Renata Mendonça e Roberta Nina Cardoso, que são jornalistas, no entanto, no período analisado entre agosto de 2021 e agosto de 2022, outras mulheres também assinam, como Mariana Pereira, Júlia Belas e Natália Andrade, todas jornalistas. Ainda que seja um projeto precursor na cobertura do esporte feminino, somente em 2021 elas anunciaram, através do Youtube⁷, um financiamento coletivo para ter site próprio e manter a cobertura das modalidades femininas. Antes, de 2018 a 2021, as *Dibradoras* publicaram dentro do *Uol Esportes*. Renata Mendonça, fundadora da iniciativa, explica que o projeto surgiu no Facebook, em 2015, antes da Copa do Mundo do futebol de mulheres. Depois, elas receberam convites da Central 3, plataforma em que o podcast era hospedado, e do próprio Uol para falarem sobre o futebol de mulheres.⁸

Além do site, o projeto conta com mídias sociais como o Instagram, com 119 mil seguidores, mídia mais seguida das iniciativas aqui mapeadas; O Twitter, 61,359 mil seguidores, e o Youtube, 7047 seguidores, completam o conteúdo produzido no site.

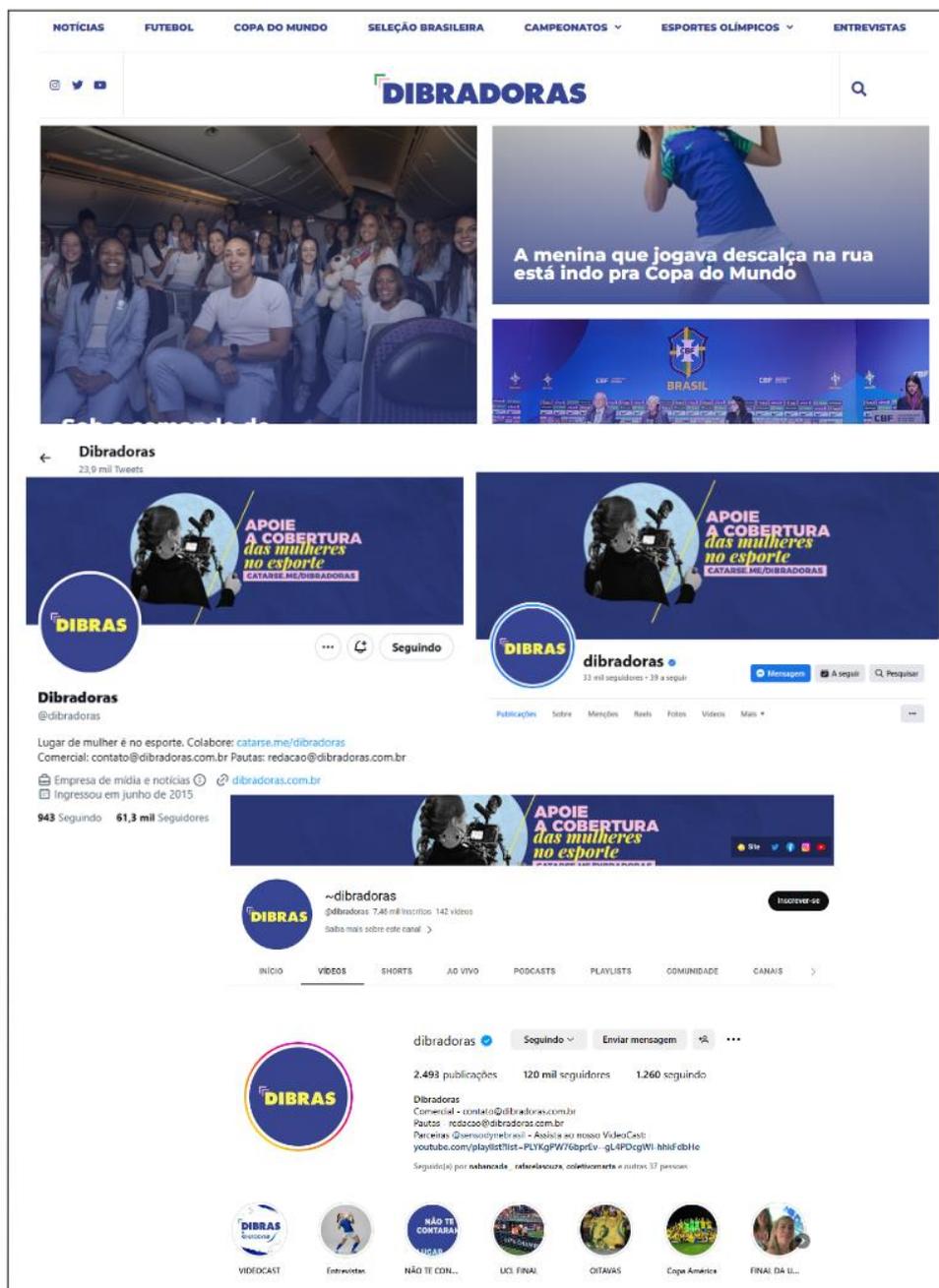
⁶ [Sobre - DIBRADORAS](#)

⁷ Disponível em: [\(536\) Dibradoras no Catarse - YouTube](#)

⁸ Entrevista disponível em: [Por trás dos dibres femininos - Quem são as Dibradoras - Jornalismo Júnior \(jornalismojunior.com.br\)](#)

Como pontuado pelas idealizadoras, o objetivo é dar protagonismo para as mulheres no esporte, por isso, as publicações envolvem diversas modalidades esportivas, ainda que o futebol apareça com mais recorrência.

Figura 6: Mosaico das mídias sociais do Dibradoras

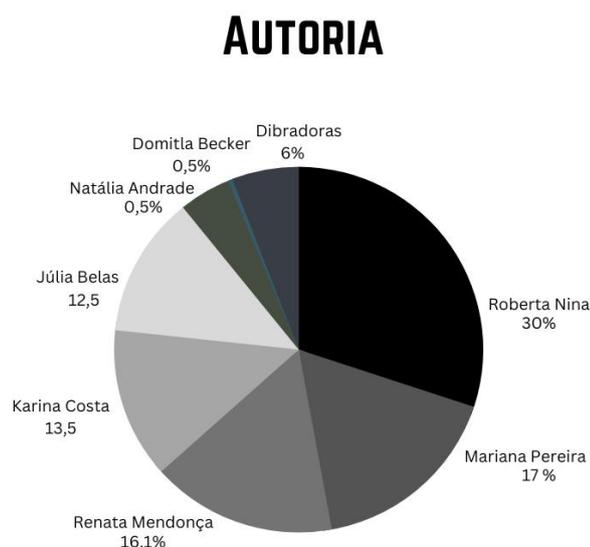


Fonte: a autora

O site possui algumas seções, como *Home*, *Notícias*, *Futebol*, *Seleção brasileira*, *Campeonatos*, *Esportes Olímpicos*, *Entrevistas* e *PES das Minas*. Além de uma parte

Institucional, com o *Sobre*, *Apoie as Dibras* e *Contato*. O *Apoie as Dibras* redireciona para o link do Catarse, plataforma de financiamento coletivo, e reafirma a importância do site para a modalidade feminina, e também da necessidade do apoio para a manutenção do projeto. Com um caráter mais global, como já foi caracterizado anteriormente, o site fala de diversas modalidades esportivas, de futebol no Brasil e em outros lugares do mundo, principalmente do ocidente. O *Dibradoras* é um site, como já dito, 100% feito por mulheres, e sobre mulheres, por isso, somente elas assinam as notícias. Nesse caso, os dados apresentados focam especificamente em quais mulheres produzem conteúdo para o site (gráfico 4).

Gráfico 4: Mulheres que escrevem no *Dibradoras*



Fonte: a autora

Como o gráfico evidencia, Roberta Nina é quem mais assinou as notícias no período analisado, já que aparece como autora em 30% das notícias. Depois dela, Mariana Pereira e Renata Mendonça, que assinaram 17% e 16,1%, respectivamente. Karina Costa aparece em 13,5% das notícias. Além das idealizadoras, três mulheres também assinaram, Júlia Belas, que é recorrente em 12,5% das notícias, Natália Andrade, 4,5% e Domitila Becker que assinou 0,4%. No site apenas 6% das matérias estão sem assinatura, aparecendo somente como *Dibradoras*. Após analisar quem escreve as notícias e as

informações que estavam disponíveis em mídias sociais, somente 2 das mulheres que escrevem são jornalistas negras, as demais, são brancas, assim como as próprias idealizadoras. No entanto, todas elas são mulheres graduadas em áreas da comunicação.

6.2.2- O *Fut das Minas*

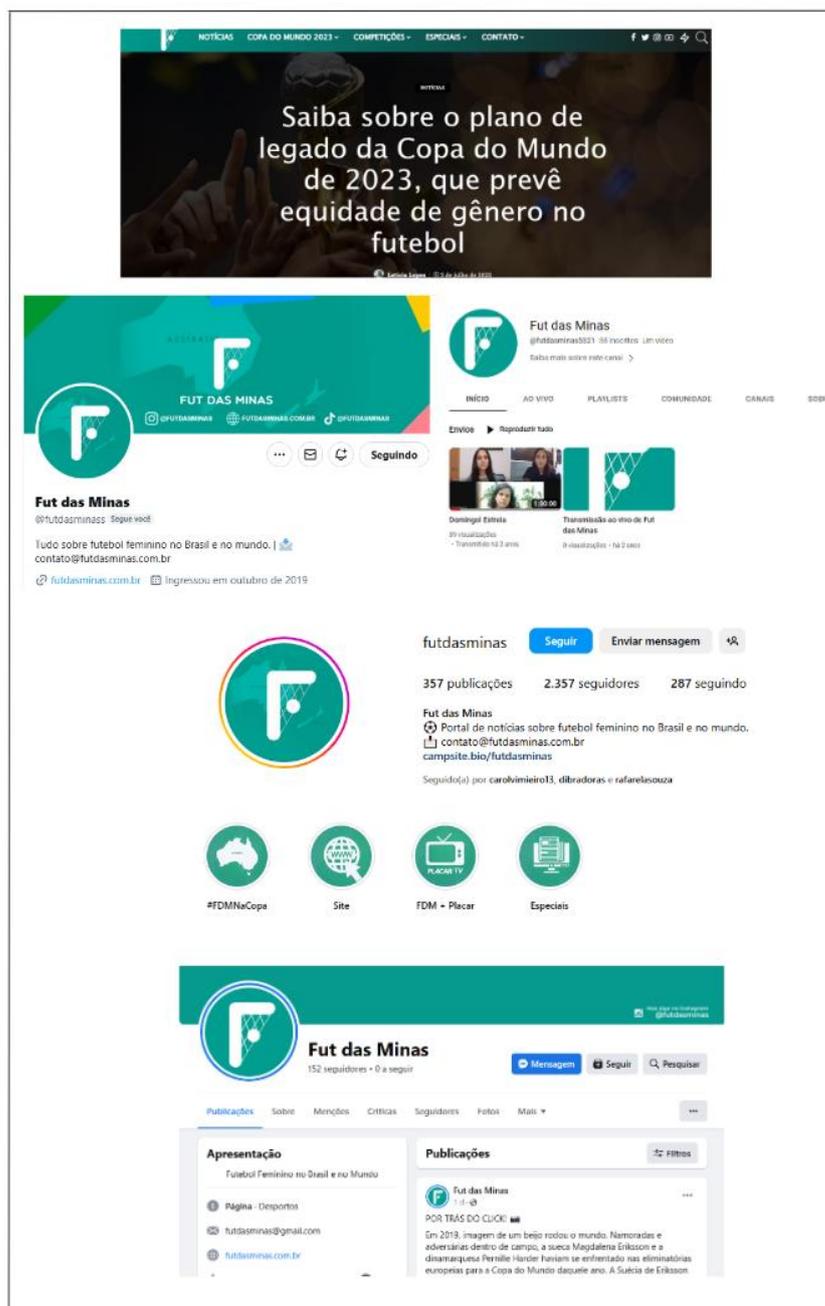
A segunda mídia é o *Fut das Minas*, portal que se dedica exclusivamente ao futebol feminino. No site, é possível visualizar a seguinte descrição: "Lugar *de mulher é onde ela quiser, e sempre que elas estiverem em campo, estaremos aqui, trazendo tudo para vocês.*"⁹ o que evidencia o foco no futebol. No Twitter, a descrição aponta para uma característica que indicamos anteriormente, que é a cobertura mais global do futebol, por falar de futebol de mulheres não só no Brasil.

Não há ainda no site indicações das idealizadoras, ou de quem faz parte da equipe. Mas, ao clicar na aba de *Contato*, há o redirecionamento para a equipe, que é o link do LinkedIn, rede social de negócios. Com as informações contidas na rede, é possível traçar mais algumas características do *Fut das Minas*. Na aba de pessoas do linkedin, há algumas informações das possíveis mulheres que integram a iniciativa. Ainda que o site não revele informações da autora, o LinkedIn indica que a fundadora é Amanda Porfírio, que é jornalista.

A primeira notícia do site é do ano de 2019, e fala sobre o time feminino do Sport. Não há postagens de apresentação ou similares. Amanda Porfírio já no primeiro post, se encarregou de falar sobre futebol. Ademais, esta também é uma iniciativa com múltiplas mídias sociais, como o Instagram (1.983 seguidores), Facebook (152 seguidores), Youtube (38 seguidores) e o próprio LinkedIn. Neste projeto, todas as mídias sociais também são usadas para complementar o conteúdo do site, que foca em reportagens e notícias. O portal possui cinco abas, *Notícias, Competições, Seleção brasileira, Especiais e Contato*.

⁹ - - [O portal de notícias do futebol feminino](#)

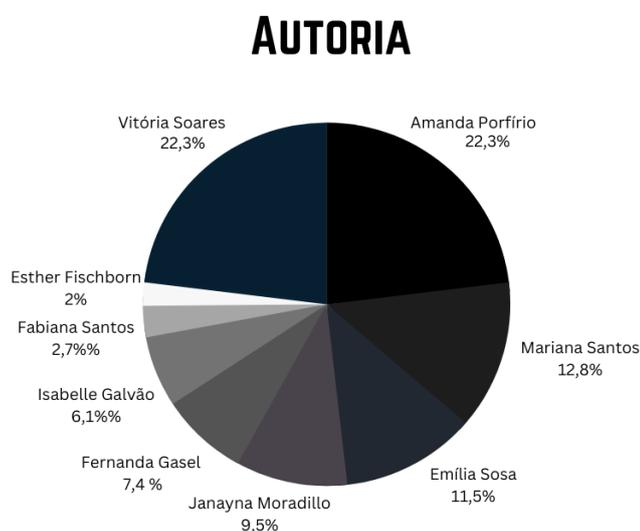
Figura 7: Mosaico das mídias sociais do *Fut das Minas*



Fonte: a autora

Ao analisar os dados coletados do *Fut das Minas*, se vê similaridades com o *Dibradoras*. Primeiro, que site também é uma iniciativa que fala somente da modalidade feminina, focando exclusivamente no futebol, e que é escrita somente por mulheres. No período de um ano, nove mulheres escreveram para o site (gráfico 8).

Gráfico 5: Autoria do *Fut das Minas*



Fonte: a autora

Amanda Porfírio, a idealizadora, assina 22,3% das notícias, mesmo número de Vitória Soares. Mariana Santos escreveu 12,8%, Emília Sosa 11,5%, Janayna Moradillo 9,5%, Fernanda Gasel 7,4%, Isabelle Galvão 6,1%, Fabiana Santos 2,7% e Esther Fischborn 2%. Assim como no *Dibradoras*, todas as mulheres são jornalistas, em formação ou já formadas. Contudo, não há informações de Fabiana Santos e Esther Fischborn. Em relação às autoras, nota-se que todas são mulheres brancas, a maioria do sudeste e com pelo menos uma graduação no currículo.

6.2.3 O Rainhas do Drible

O *Rainhas do drible* tem como slogan “A voz feminina dentro e fora do futebol”. No site é possível visualizar várias mulheres que seriam colaboradoras. Na aba de *Equipe*, há 18 mulheres como colaboradoras, mas sem indícios de quem idealizou. No Instagram, seis mulheres aparecem como sendo da Equipe, Alana Katrine, estudante de jornalismo, e Cearense; Mariana Costa, jornalista e baiana; Julya Fonseca, jornalista e paraense, Duduia Miranda, estudante de jornalismo e paulista; Mariana Teodoro, publicitária e mineira, e Beatriz Cruz, que é paulista e não identifica sua formação. Vê-se, portanto, que o *Rainhas do Drible* é formado por mulheres de diferentes regiões, informações obtidas pelas informações disponibilizadas no site.

No site, a aba *Rainhas do drible*, possui a descrição do projeto e o objetivo pelo qual ele foi criado: “*Rainhas do Drible são aquelas mulheres fortes que levantam a cabeça para driblar qualquer situação difícil que é imposta pela vida. E foi daí que nós surgimos.*”¹⁰ Ainda nessa aba, elas contam que reuniram esforços para derrubar barreiras e serem ouvidas. Em relação ao conteúdo, há crônicas, matérias e opiniões como categorias e também há cobertura da modalidade masculina. Em relação ao futebol feminino, a cobertura é nacional, embora e como veremos a seguir, fala-se menos da modalidade feminina. O site¹¹ tem também como extensão o Instagram (8.775 seguidores), Twitter (13.347 seguidores), Youtube (488 seguidores) e Facebook (12 mil seguidores).

¹⁰ Disponível em: [O Rainhas do Drible – A voz feminina dentro e fora de campo](#)

¹¹ Após a análise quantitativa o domínio do site não foi renovado.

Figura 8: mídias sociais *Rainhas do Drible*

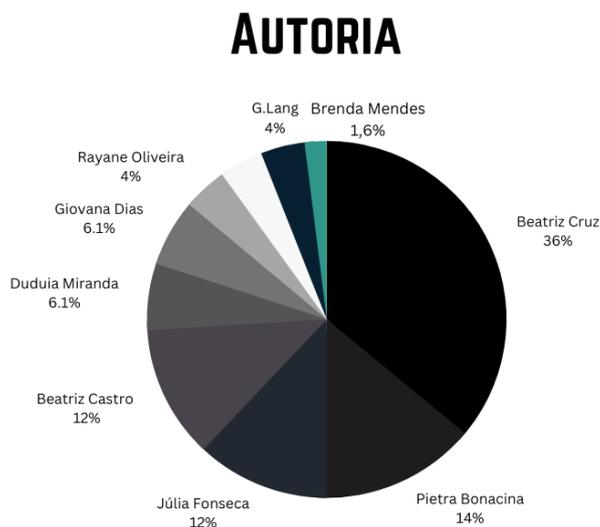
The image shows two screenshots of the 'Rainhas do Drible' social media presence. The top screenshot is a YouTube channel page. The banner features a quote: "É A VOZ FEMININA DENTRO DAS ARQUIBANCADAS." and the text "RAINHAS DO DRIBLE" with a trophy icon. The channel name is "Rainhas do Drible" with the handle @rainhasdodrible6076, 488 subscribers, and 24 videos. The bio states: "Uma equipe formada por mulheres que amam e vivem o futebol. Quer...". Navigation tabs include INÍCIO, VÍDEOS, PLAYLISTS, COMUNIDADE, CANAIS, and SOBRE.

The bottom screenshot is a Facebook profile page. The cover photo features a banner with the text "A VOZ FEMININA DENTRO E FORA DO CAMPO" and images of women playing soccer. The profile picture is the Rainhas do Drible logo. The name is "Rainhas Do Drible" with 12 mil likes and 12 mil seguidores. The bio includes: "Criador(a) de conteúdo digital", "A voz feminina dentro e fora de campo", and "Feito por mulheres!". It also lists "Seguido(a) por mulheresencampo_, airabonim, jogadess and outras 7 pessoas". Below the bio are three categories: "EQUIPE", "Templões", and "CAMISETAS". At the bottom, there is a post preview with the same banner image and the text "Rainhas do Drible @rainhasdodrible", "A voz feminina dentro e fora de campo | Parcerias - rainhasdodrible@gmail.com", "Esportes, fitness e recreação", "Brasil", "Ingressou em novembro de 2012", and "1.083 Seguindo 13,3 mil Seguidores".

Fonte: a autora

Em relação a colaboração do site, 14 mulheres escreveram para o *Rainhas do Dribles* no período.

Gráfico 6: Autora Rainhas do dribble



Fonte: a autora

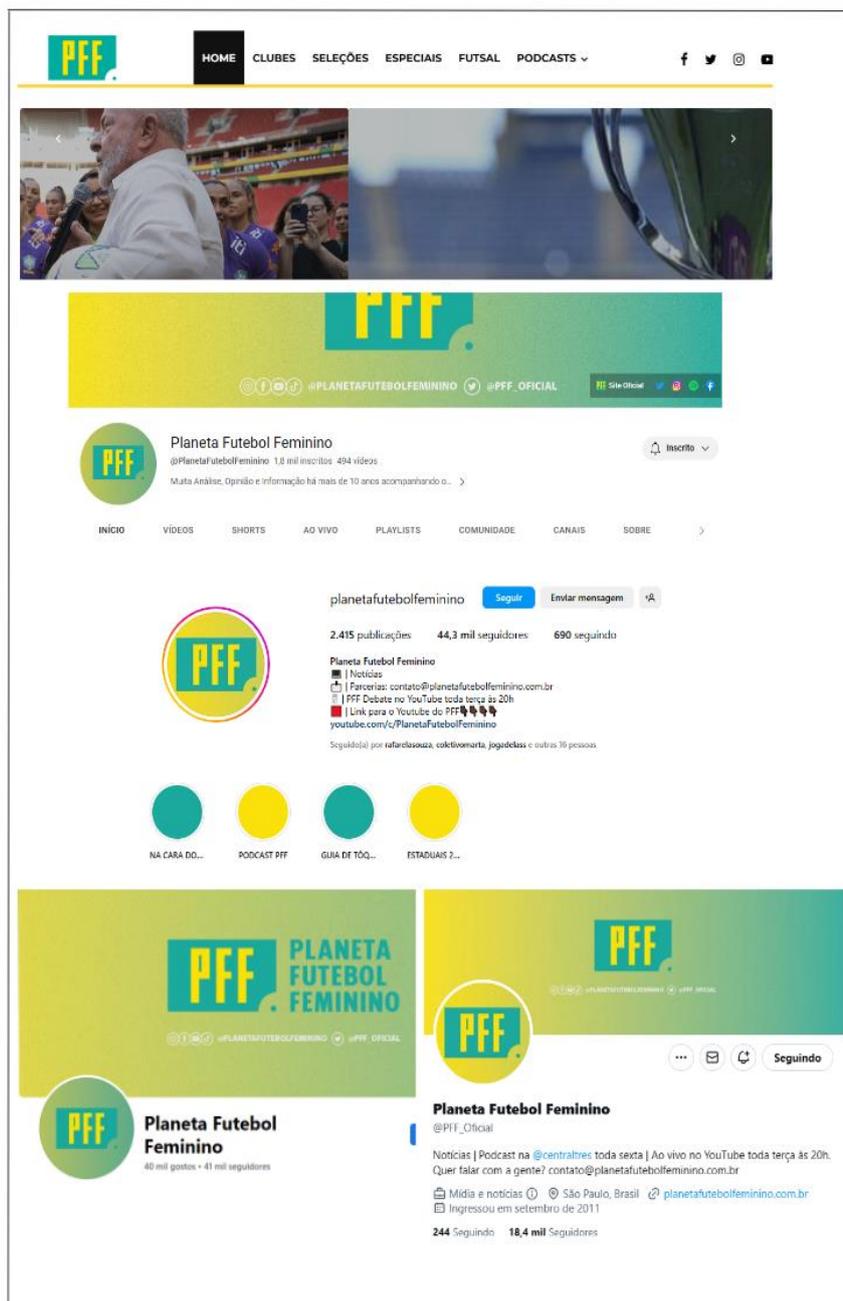
Beatriz Cruz escreveu 32,7% das notícias, seguida de Pietra Bonacina 12,7% e Julya Fonseca 10,9% e Beatriz Castro 10,9%. Além delas, Giovanna Dias, Duduía Miranda, Rayane Oliveira, Mariana Silva, G.Lang, Brenda Mendes, Bianca Ramos, Sarah Rodrigues, Bruna Santos e Barbara Pessanha também colaboram com o site.

6.2.4- Planeta Futebol feminino

O *Planeta Futebol Feminino* é um site idealizado por Rafael Alves, jornalista que se dedica ao futebol de mulheres. No site, além da colaboração feminina, há também homens comentando. Apesar disso, por se tratar de um projeto que fala exclusivamente de futebol feminino e com um número de postagens alto, por isso consideramos importante para o trabalho. O *PF* possui Instagram (44.200 mil seguidores), Youtube (1.071 seguidores), Twitter (18.352 seguidores), Facebook (41.000 mil seguidores) e também podcasts, ou seja, também é uma mídia que utiliza diversas mídias sociais para divulgar a modalidade. No twitter, se denomina como o “O canal da maior paixão

nacional” centrado principalmente nas análises dos jogos. Em relação à organização, o site é dividido em Home, Clubes, Seleções, Especiais, Futsal e Podcast, o *PPF* possui relação com 3 podcasts *De primeira*, *Passa no DM* e *Podcast PFF*.

Figura 9: Mosaico mídias sociais do PFF



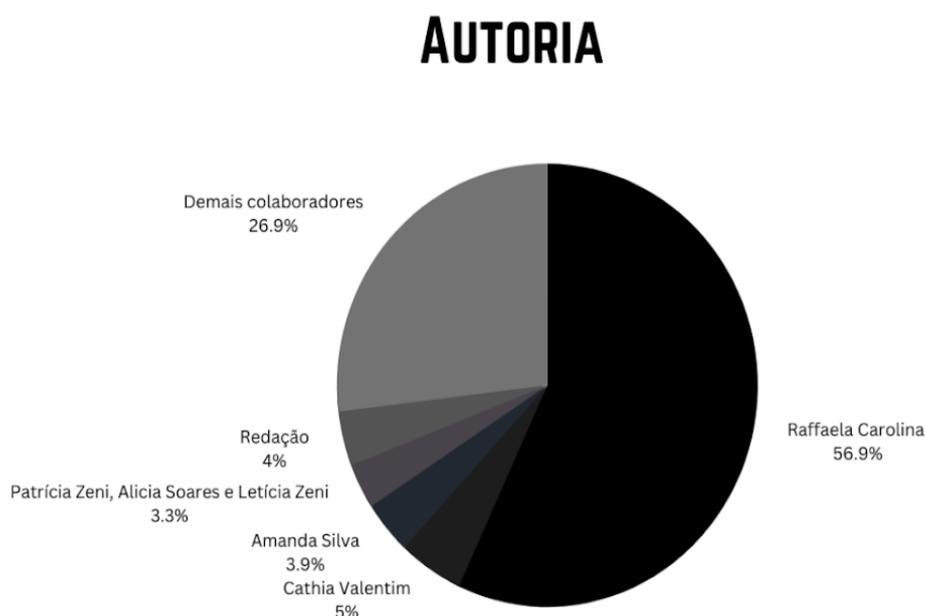
Fonte: A autora

O projeto faz a cobertura do futebol nacional e internacional e é destaque na cobertura massiva dos jogos da modalidade. Não há no site e demais mídias sociais muitas informações de quem escreve, mas, no período analisado, ao menos 6 mulheres e 5 homens escreveram, com destaque para Raffaella Carolina, que assinou 55,9% do total geral das notícias. No Instagram, Raffaella informa ser editora de algumas iniciativas que falam de futebol feminino, como o próprio *PFF* e o *De primeira*, podcast associado ao

site. O perfil dela nas mídias sociais é um grande acervo do futebol de mulheres e ela aparece no Twitter e Instagram comentando as partidas.

Assim como a primeira parte da análise mostra, alguns sites possuem colaboração masculina, esse é o caso do *PFF*. Embora nosso objetivo seja as mulheres produtoras de conteúdo, também mapeamos essa informação para compreendermos essas iniciativas. Embora o site em questão possua homens na colaboração, a grande maioria das notícias é escrita por mulheres. Das 383 notícias do *PFF*, 71,3% são escritas por mulheres e 28,7% por homens (imagem1), números que mostram que apesar de idealizado por Rafael Alves¹², as mulheres possuem protagonismo na hora de escrever no site.

Gráfico 7: Autoria *Planeta Futebol Feminino*



Fonte: a autora

Sendo assim, apesar da colaboração masculina, 6 mulheres colaboraram com o *PFF* no período de um ano analisado (gráfico). Além delas, algumas notícias são assinadas pela redação e também por colaboradores homens, incluindo Rafael Alves, o

¹² Rafael Alves é um jornalista negro que nas mídias sociais, como o Instagram, apresenta-se como editor chefe do *Planeta Futebol Feminino*, comentarista na Cazé TV, apresentador do *PFF* e também do podcast do paulistão feminino. Em todas as iniciativas Rafaela fala de futebol de mulheres e é um nome importante para a modalidade.

idealizador do projeto. Raffaella Carolina é a mais recorrente nas notícias, com assinatura em 56,9%, Cathia Valentim escreve 5%, Patrícia Zeni, Alicia Soares e Letícia Zeni somam 3,3% juntas. Notícias sem autoria somam 4% e 26,9% são de colaboradores homens.

6.2.5 *Futebol por elas*

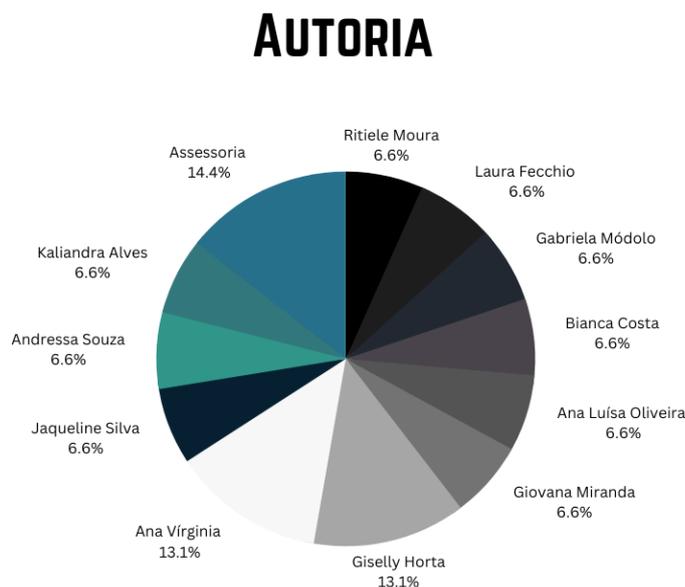
O *Futebol por elas* é um site que faz cobertura do futebol feminino nacional e internacional, além da cobertura do futebol masculino. Inclusive, a grande maioria dos posts no site são sobre a modalidade masculina, alguns com reflexões sobre o futebol de modo geral, assim como outras modalidades esportivas, embora o futebol seja o mais recorrente. Além do site, outras mídias sociais são utilizadas como o Instagram (20 mil seguidores), uma das iniciativas com mais seguidores, o Youtube (22 seguidores), o Twitter (1249 seguidores), o Facebook (261 mil seguidores) – página com mais seguidores e mais ativo nesse conjunto analisado. No site há 10 abas, *Início, Categorias, Competições, Direto Do Grid, Futebol Hermano, Estaduais, Europa, Linha de Saque, Seleções, Outros*. Para além das assinaturas, não se localiza mais informações das colaboradoras e as demais mídias também não dão tal informação.

Figura 10: Mosaico das mídias sociais do *Futebol por elas*

The image shows a screenshot of the website 'Futebol por Elas' and its LinkedIn profile. The website header includes navigation links: Início, Categorias, Competições, Direto Do Grid, Futebol Feminino, Estaduais, Europa, Linha de Saque, Seleções, and Outros. Two featured articles are visible: 'Martha De Oliveira' (Direto do Grid) and 'Kalidra Alves Dias' (Copa do Brasil). The LinkedIn profile for 'Futebol por Elas' (@FutebolporElas) shows 165 inscritos and 16 vídeos. The profile picture is a circular logo with the text 'COPA DO MUNDO FEMININA' and 'FUTEBOL POR ELAS'. The bio states: 'Uma equipe formada por salto alto com intuito de quebrar o paradigma de...'. The LinkedIn post shows the profile name 'Futebol por Elas' with 248 mil gostos and 261 mil seguidores. The bio on LinkedIn reads: 'O mundo é delas e o futebol por elas. Site esportivo formado por 25 mulheres. Esportes, fitness e recreação. Rio Grande do Sul, Brasil. futebolporelas.com.br. Ingressou em fevereiro de 2018. 254 Seguindo 1.246 Seguidores. Seguido por Blog Camisa 14, Oriando Prada BRASIL e outros 15 que você segue'.

Fonte: A autora

No LinkedIn do *futebol por elas* se define o projeto como “Portal feito por mulheres apaixonadas por futebol e futsal”, em Sobre a descrição diz que “O Futebol por Elas é um site esportivo que surgiu em 2015 e com uma equipe 100% feminina”. Ainda na rede mencionada, encontram-se informações acerca da localização das colaboradoras, e a grande maioria se encontra no sudeste, informação importante para a caracterização desses projetos. Para além das informações de localização, não foi possível localizar mais referências das autoras.

Gráfico 8: Autoria do *Futebol por elas*

Fonte: a autora

O *Futebol por elas* possui somente mulheres na colaboração e doze escreveram para o site no período de um ano, além disso, há notícias que também são assinadas pela assessoria. A autoria dos posts é bastante equilibrada, uma característica dessa iniciativa, grande parte das colaboradoras escreveram em 6,6% das notícias, com exceção de Giselly Horta e Anna Virgínia, que assinam 13,1% das notícias.

6.2.6- *Peppas na língua*

O *Peppas na língua* é um projeto que fala exclusivamente do Palmeiras, feminino e masculino. O site é um projeto recente e as primeiras postagens são de 2022 (grande maioria dos que foram catalogados são de agosto de 2022). As postagens não possuem assinatura, mas, identifica-se pelo menos duas mulheres que assinaram, Mariana Beltramine e Marcela Permuy.

As *peppas*, termo que faz referência ao desenho *Peppa Pig*, que tem como protagonista uma porquinha, explicam na apresentação do projeto, que o torcer não tem limites: “*Sim, esse mesmo que você lê é um blog feito por torcedoras que cantam e vibram pela Sociedade Esportiva Palmeiras na beira do campo, no sofá de casa, no bar com a*

galera e até em outros continentes. O torcer não tem limites, não tem idade e acima de tudo não tem gênero. Futebol é de todo mundo!” Elas ainda ressaltam que ser mulher e torcedora é um desafio, mas, enquanto torcedoras do Palmeiras existe acolhimento e, por isso, comunicam sobre o Palmeiras. As postagens, que são do futebol feminino e masculino, falam de jogos dos times das duas modalidades e a maioria dos posts do período analisado refletem sobre o ser torcedora.

O site é dividido em *Home, Sobre, As Peppas, Crônicas, Jogos, Opinião das Peppas, Contato*, destaque para a aba de Opinião das Peppas, em que há reflexões que vão além das análises do jogo e comenta-se assuntos pertinentes ao esporte, que nem sempre são tematizados, como, por exemplo, racismo na Libertadores e arbitragem feminina. Além do Instagram (2.267 seguidores), o projeto também tem perfil no Youtube (1044 seguidores), Facebook (2.500 seguidores) e Twitter (882 seguidores).

Figura 11: Mosaico mídias sociais Peppas na língua



Fonte: A autora

O Peppas na língua é um site que fala somente do Palmeiras, e é idealizado por mulheres. No site não há menção a colaboradores homens, porém, não há autoria nas postagens ou menção a quem colabora. O único esporte noticiado é o futebol, nas duas

modalidades, feminina e masculina, assim como postagens que refletem sobre as mulheres no ambiente futebolístico.

6.2.7- *Galo Delas*

O *Galo Delas* é outra iniciativa que fala de futebol de clubes, fazendo a cobertura do time feminino do Atlético Mineiro, Galo. O time feminino, que é chamado de Vingadoras, possui ampla cobertura das mulheres que compõem o site. No total são 7 colaboradoras e Renata e Patrícia são as fundadoras. Na aba *Sobre* tem informações de todas as mulheres. Além das fundadoras, integram o time Petra, Bárbara, Marcella, Betânia e Jeanne. A partir das fotos disponíveis, nota-se a diversidade racial de quem escreve no blog. Na descrição de cada uma delas, fala-se sobre suas profissões e também da paixão pelo Galo.

Todas as colaboradoras são graduadas e algumas com pós-graduação, como mestrado e doutorado em andamento. Além da aba sobre a página tem: *Inicial* e *Contato*, o site é bastante organizado e reúne informações das Vingadoras falando do cotidiano, como jogos e análises e o diferencial são as postagens com referências acadêmicas para a reflexão do ambiente esportivo.

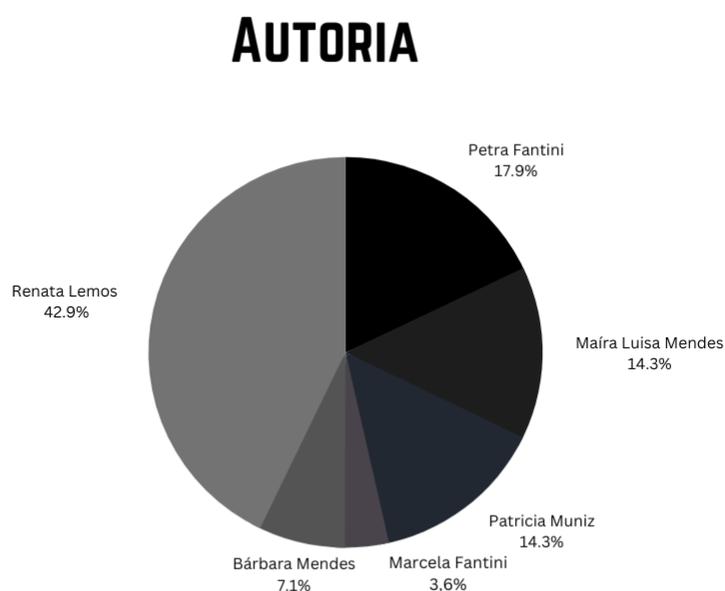
Figura 12: mosaico das mídias sociais do Galo Delas



Fonte: A autora

Assim como os demais projetos, o *Galo Delas* tem Instagram (5.778 seguidores), Twitter, que descreve a iniciativa como “*Página dedicada ao futebol jogado e vivido pelas mulheres alvinegras*” (1901 seguidores) e Facebook (1500 seguidores).¹³

Gráfico 9: Autoria do *Galo delas*



Fonte: a autora

No *Galo Delas*, somente mulheres escrevem sobre o futebol de mulheres do Galo. Seis mulheres assinam as notícias, Renata Lemos assina 42,9% das notícias, Petra Fantini 17,9%, Maria Luísa Mendes e Patrícia Muniz 14%, Bárbara Mendes 7,1% e Marcela Fantini 3,6% (gráfico 38). Por se tratar de um iniciativa de clubes, somente o futebol é noticiado, só que ao contrário do *Peppas na língua*, as mulheres do *Galo Delas* falam somente do futebol feminino.

¹³ Todos os dados das mídias sociais foram coletados no dia 16/06/2023

6.3 Segunda etapa da análise: investigação quantitativa das iniciativas com sites

Nesta seção, iremos destrinchar os dados quantitativos das 1116 notícias analisadas, dos 7 blogs elegíveis para a análise. Começaremos então pelas informações da cobertura que os sites fazem, conforme mostra a imagem abaixo.

Infográfico 1: síntese da cobertura da modalidade feminina



Fonte: a autora

Para iniciar a categoria, as modalidades noticiadas são majoritariamente femininas, 77,3% do total das notícias analisadas. Isso se dá pelos parâmetros do mapeamento, ainda assim algumas iniciativas também falam de esportes masculinos, como o *Rainhas do dribble*, em que a maioria das notícias são o futebol masculino. E o *Futebol por elas*, em que somente 7,3% das notícias são sobre a modalidade feminina. O *Peppas na língua*, também cobre o futebol de homens, mas com menos discrepância que as demais iniciativas.

Em relação a quem escreve, as mulheres são as principais produtoras, 75,9% das notícias são assinadas por mulheres. Mas, como vimos na análise anterior e na apresentação dos sites/blogs, o *Planeta Futebol Feminino* e o *Futebol por elas* também possuem homens como autores. Em relação a modalidade/esportes, o futebol é o principal, aparecendo em 93,5% das iniciativas, o que também se dá pelos critérios de seleção. Contudo, outras modalidades também emergiram na análise, como o vôlei, que apareceu 1,3% das notícias. Outros esportes apareceram 5,3% das vezes e incluem modalidades olímpicas e paraolímpicas.

O *Dibradoras* foi um dos sites que mais noticiaram para além do futebol, por conta do período de análise que englobou as Olimpíadas e as Paraolimpíadas. Entre os esportes que apareceram estão ginástica, boxe, e-sports, vela, atletismo, natação, luta olímpica, levantamento de peso, vôlei de praia, arremesso de dardo, saltos ornamentais, skate, pentatlo moderno, marcha atlética, atletismo, salto à distância, lançamento de disco, flag, tênis, basquete, esqui e fórmula 1, todos com incidência muito baixa. O futebol, principalmente o de mulheres, é o protagonista de todos os sites que analisamos.

Por fim, a última categoria diz respeito a cobertura temática e episódica das notícias. Em 2021, o Observatório das Desigualdades de Gênero no Esporte constatou que a grande maioria das notícias do jornalismo esportivo tinham uma cobertura mais episódica. O relatório, que é de notícias de 2020 e 2021, analisa mídias tradicionais e também iniciativas alternativas. Nas notícias que analisamos, a cobertura episódica também foi a mais recorrente, 83,3% e somente 16,7% é temática. Podemos mencionar o *Dibradoras* como iniciativa com mais número de postagens temáticas. Em 2021, a iniciativa já se destacava na cobertura temática, o mesmo se repete no período analisado neste trabalho. Já que, mais de 40% das postagens feitas é com enquadramento temático.

A respeito do enquadramento temático e episódico, podemos associar a maior recorrência da cobertura episódica, ao que Rowe (2007) diz sobre o jornalismo esportivo ser o “departamento de brincadeira da mídia” e, que por isso, se isenta de discussões

importantes. Dessa forma, as iniciativas alternativas reproduzem esta lógica do jornalismo esportivo tradicional. Pois, as principais notícias com enquadramento temático são sobre temas que envolvem discussões sobre diferenças de gênero no esporte e suas implicações para a modalidade feminina, casos de racismo, machismo, entre outros. E, como os dados mostram, é mais recorrente notícias sobre o cotidiano da modalidade.

A partir dos dados obtidos, é possível colocar o *Dibradoras* como destaque na cobertura do esporte feminino, incluindo o futebol, seja pelas abordagens feitas, seja pelas temáticas ao falar de atletas mulheres. Tal vertente vai ao encontro do que Toffoletti (2017) diz, ao afirmar que mídias alternativas, como denomina a autora, possibilitam que novas narrativas sobre as mulheres sejam contadas. Nesse sentido, é possível afirmar que o portal contribui para essas novas narrativas em que mulheres são protagonistas.

Os demais sites possuem menos enquadramentos temáticos, a exemplo do *Planeta Futebol Feminino*, que possui mais notícias com foco central nos resultados dos jogos. Essa cobertura é feita de maneira massiva, porque o site é o que mais tem postagens sobre o futebol de mulheres. Embora a cobertura episódica seja também a mais comum da mídia tradicional, em se tratando de futebol de mulheres, ter tal tipo de cobertura mostra comprometimento em noticiar amplamente os resultados da modalidade.

Além disso, muitas postagens são análises do jogo, com detalhes que evidenciam que são feitas por quem conhece, de fato, a modalidade feminina, as competições e as jogadoras. E, principalmente, que não são feitas de modo protocolar, para cumprir agenda no site. No *Planeta Futebol Feminino*, nota-se, que as/os colaboradoras/os trabalham em prol da modalidade e se dedicam a contar histórias sobre ela, ainda que pelos resultados dos jogos e competições. Desse modo, embora o enquadramento seja muito parecido ao que já é feito na mídia tradicional, diferencia-se pela escolha da modalidade noticiada. Vê-se, portanto, que as iniciativas possuem similaridades com o jornalismo esportivo tradicional. No entanto, diferencia-se pela temática ao falar do futebol de mulheres e por ser um espaço que possibilita a presença feminina enquanto produtoras de conteúdo.

6.3.1 Os domínios e poder das iniciativas analisadas

Ao longo deste trabalho, destacamos a importância dos domínios de poder para compreender as iniciativas que falam do futebol de mulheres. Dessa forma, esta seção analisa especificamente como eles emergem nas notícias que analisamos. Conforme

mostra a imagem 14, os domínios são acionados em somente 13,6% das notícias mapeadas.

Infográfico 2: domínios de poder nas iniciativas mapeadas



Fonte: a autora

Constatar domínios de poder nas notícias, significa dizer que há reflexões acerca da estrutura, da cultura, da disciplina e de como as mulheres se relacionam com as desigualdades no esporte. O *Dibradoras* é a iniciativa que mais os aciona, emergindo em 153 notícias, com ênfase no domínio estrutural, que incide 72 vezes. Seguido do domínio cultural, 47, interpessoal 23 e, por último, o disciplinar que foi acionado 10 vezes. *Galo Delas* e *Fut das Minas* são outras iniciativas com números consideráveis de domínios.

Contudo, o *Dibradoras* continua sendo a iniciativa com mais discrepância nesta categoria, bem como a de cobertura temática. *Rainhas do dribble*, *PFF*, *Futebol por elas* e *Peppas na língua* acionam menos os domínios e possuem poucas notícias em que eles

emergem. Ou seja, há poucas reflexões sobre como o ambiente esportivo podem oprimir determinados grupos e mais resultados dos jogos, característica, que como já mencionamos, é similar à da grande mídia. A baixa recorrência dos domínios de poder se relacionada ainda com o tipo de cobertura, que é mais episódica e por isso, menos reflexiva.

6.3.2 Marcadores interseccionais

Para finalizar esta etapa da análise, analisamos os marcadores interseccionais e quantas vezes eles emergem no conjunto de notícias analisadas. As intersecções de opressões foram menos recorrentes que os domínios de poder, a imagem a seguir mostra as informações a respeito dos marcadores.

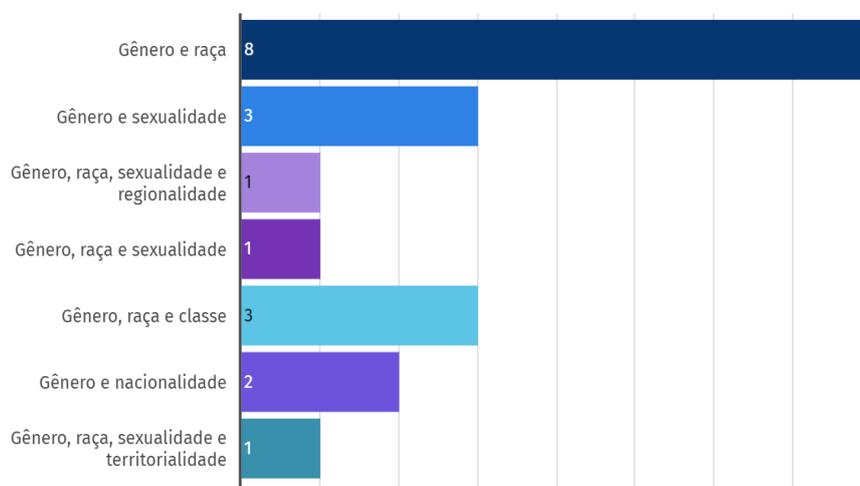
Infográfico 3 marcadores interseccionais

Marcadores interseccionais



Foram identificados marcadores interseccionais em **1,7%** das notícias mapeadas

MARCADORES ACIONADOS



Fonte: a autora

Conforme mostra a imagem, somente 1,7% das 1116 notícias, ou seja, somente 19 interseccionam as opressões, número muito baixo e menos expressivo que os domínios de poder. 12 das 19 vezes em que a interseccionalidade aparece é no *Dibradoras. No Fut das Minas* a ocorrência é ainda menor, totalizando 3 notícias. As intersecções mais comuns são de gênero e raça e aparecem quando relacionados a grandes figuras do esporte, como Formiga. Um fato interessante é que embora Formiga seja do Nordeste, a regionalidade não é tão mencionada, emergindo poucas vezes. *Rainhas do Drible, Planeta Futebol Feminino e Peppas na Língua*, possuem pelo menos uma notícia com marcadores. Ao passo que o *Futebol por elas* não possui nenhum.

No *Galo Delas*, quando acionados, os marcadores que aparecem são gênero e raça e gênero e sexualidade, também muito comum nas outras iniciativas. A diferença é que nessa iniciativa é que elas não vieram acompanhados de figuras centrais, como Formiga, mas sim por meio de reflexões mais amplas de como essas opressões atuam no futebol. Os dados mostram que poucas intersecções são feitas ao refletir sobre as opressões e desigualdades no futebol. Ainda que baixo, o que mais aparece é gênero e raça e gênero e sexualidade, mesmo que pouco aborde acerca da sexualidade das jogadoras.

A ausência de marcadores interseccionais nas notícias sobre o futebol de mulheres, revela que ainda há poucas discussões que envolvem as múltiplas opressões no ambiente esportivo. Sendo assim, nem mesmo iniciativas alternativas feitas por mulheres refletem sobre as formas de poder que incidem sobre mulheres atletas. Na última etapa de análise, evidenciaremos como os domínios de poder e também a interseccionalidade emergem nas notícias e faremos uma análise qualitativa dos dados analisados nesta seção.

6.4- Terceira etapa de análise: investigação qualitativa das iniciativas com site

Após uma análise mais quantitativa das mídias aqui analisadas, neste momento faremos uma análise qualitativa. Das 1116 notícias somente 122 acionam domínios de poder e/ou marcadores interseccionais. Para chegar neste número, houve uma análise dos temas acionados e depois disso, seleção daquelas que possuíam marcadores interseccionais e os domínios de poder. A maioria das notícias são do *Dibradoras*, no entanto, como mostramos anteriormente, todos os projetos acionam pelo menos um marcador. Na próxima seção, iremos começar analisando o domínio de poder que mais emergiu, o estrutural.

6.4.1- O domínio estrutural de poder e a prevalência sobre os demais

Collins e Bilge (2021) utilizam os domínios de poder como ferramenta analítica para, também, compreender a interseccionalidade a partir deles. De acordo com as autoras, o domínio estrutural se relaciona com as instituições sociais, como o mercado de trabalho, a moradia, a educação e a saúde e como essas podem oprimir determinados grupos, que são considerados minoritários, ainda que não numericamente.

No caso de mulheres, é importante mencionar que estruturalmente, há uma série de problemáticas que envolvem a modalidade e, por isso, as principais confederações do futebol são responsáveis pela falta de organização da modalidade feminina. Fato menos recorrente no futebol masculino, que conta com protagonismo. Nesse sentido, as competições femininas são mais desorganizadas, menos valorizadas e conseqüentemente, as mulheres são mal remuneradas, seja nas premiações das competições, seja nos salários do dia a dia.

A título de explicação, o futebol profissional, não só no Brasil, se organiza por meio das entidades, que são responsáveis pelas regras de jogo e transferências, campeonatos, e demais aspectos relacionados ao futebol. Dentro dessa organização, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) seria a entidade máxima, que regula e norteia as demais instituições ao redor do mundo. Além da FIFA, cada continente possui sua federação, assim como os países, no caso do Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol, a CBF. Os estados também possuem representantes esportivos, que são as federações estaduais (MOSCA, et al., 2010).

O futebol feminino e masculino são regulados a partir dessas instituições, ainda que elas negligenciem a modalidade feminina, contribuindo para a perpetuação das opressões. O domínio de poder estrutural se relaciona então principalmente a como essas instituições contribuem para as opressões operarem, principalmente pela falta de investimentos na modalidade e as conseqüências disso. Um exemplo é que o brasileiro feminino, maior competição nacional do Brasil, só passou a ser organizado pela CBF em 2013 (PASSERO, et al., 2020). No futebol masculino, as mesmas entidades também falham em determinados aspectos, no entanto, isso ocorre de formas distintas, e não para contribuir para a profissionalização tardia e dificuldades relacionadas à estrutura de fato. Assim sendo, Collins e Bilge (2021) explicam que:

Apesar desse interesse crescente, as vantagens financeiras oferecidas às jogadoras de elite são irrisórias em comparação com as oferecidas aos homens. Essas estruturas de gênero no futebol- por exemplo, a Copa do Mundo masculina foi criada em 1930, e a feminina, apenas sessenta anos depois, em 1991- promovem um acúmulo de vantagens e desvantagens baseadas no gênero dentro do domínio estrutural do poder da Fifa. (Collins e Bilge, 2021, p.23)

Desse modo, ao analisar os projetos selecionados, nota-se que o domínio estrutural é o que mais se sobressai, emergindo 109 e isso se revela através dos questionamentos das mulheres acerca de como essa estrutura, como mencionam Collins e Bilge (2021), que funciona, em certa medida, na modalidade masculina, ainda é tão falha com o futebol de mulheres. As mesmas entidades que se encarregam do futebol masculino, ao organizar competições da modalidade feminina contribuem para a falta de organização, crítica muito presente no conjunto de posts analisados. O domínio estrutural se materializa ainda por meio de diversas reflexões que são caras à modalidade, como falta de investimentos, descaso com modalidade, assédios, entre outros. Ainda é possível ver o domínio sendo acionado para reflexões da evolução, pautadas a partir do descaso com a modalidade. A tabela a seguir sintetiza a maneira como o domínio estrutural foi acionado.

Tabela 4: Domínios estruturais e como são acionados

Como o domínio estrutural é acionado:	Definição:	Exemplo:
Falta de estrutura/ planejamento para os jogos	Campos ruins, competições mal formuladas, arbitragem, falta de ferramentas tecnológicas, como o var e similares.	Vale reforçar que há uma reivindicação clara há algum tempo das jogadoras para que exista VAR em todas as rodadas do Brasileirão feminino, assim como existe no masculino. Mas é preciso que essas cobranças sejam feitas formalmente pelos clubes (ou melhor, pelos presidentes deles) junto à CBF para que haja realmente uma mobilização em prol da melhoria da arbitragem nos jogos das mulheres." Disponível em: https://dibradoras.com.br/2022/03/22/polemicas-de-arbitragem-movimentam-a-terceira-rodada-do-brasileirao/

Falta de investimento nos times profissionais ou nas categorias de base	Times em condições precárias, ausência de categorias de base, salários atrasados, condições de treinamento ruim e similares.	"Só que ali é até os 16 anos, depois elas tem que ir para clubes e muitas param de jogar. Isso precisa ser visto com outros olhos pela própria Federação Paulista, pela CBF e, talvez, tornar uma obrigatoriedade: para que um clube dispute um campeonato estadual, tem que ser base sub-15, sub-13, porque tem muita menina boa." Disponível em: https://fudastinas.com.br/promessas-topper-luiara-gandolfi/
Aumento de investimentos na modalidade	Discussão do domínio estrutural que se pauta pelo aumento de investimento, boa gestão, organização dos clubes, contratação de profissionais que entendem da modalidade	"A Espanha vem se fortalecendo no cenário mundial do futebol feminino e investindo na formação de atletas. O país conquistou seu primeiro título no futebol das mulheres em 2018, quando foram campeãs mundiais Sub-17. No mesmo ano, foram vice-campeãs mundiais no Sub-20 e viram a Primera Iberdrola (a liga nacional de clubes do país) e a Copa da Rainha alcançarem um sucesso enorme, com grande interesse da mídia e do público, inclusive nos estádios" Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/10/09/bola-de-ouro-espanholas-sao-maioria-entre-as-indicadas-ao-premio/
Desigualdade salarial	Diferença salarial da modalidade feminina e masculina, assim como das premiações, que são reguladas pelas entidades	"Atualmente a prática do esporte se consolida cada vez mais entre as meninas e mulheres e o Brasileiro Feminino segue quebrando recordes de audiência, engajamento e público. O que ainda não evoluiu no futebol delas – até então -, foi a premiação, que segue com os mesmos valores há cinco anos." Disponível em: https://dibradoras.com.br/2022/03/03/vai-comecar-o-brasileirao-feminino-10a-edicao-promete-ser-a-mais-competitiva-de-todos-os-tempos/
Falta de oportunidade	Ausência de oportunidades para treinadoras, jogadoras, árbitras, dirigentes e jornalistas	"Mesmo eu tendo me formado na Europa, tendo jogado, feito cursos, ter um tempo maior de formação do que algum menino recém-formado, quem seria contratado seria o menino que acabou de sair da faculdade e nem se especializou em futebol." Disponível em: https://dibradoras.com.br/2022/03/08/visibilidade-e-luta-aumentam-numero-de-mulheres-em-cursos-da-cbf/
Aumento de profissionais como técnicas, dirigentes, jornalista e afins no ambiente esportivo	Reconhecimento do aumento, apesar das dificuldades, de mulheres no ambiente esportivo.	"Apesar de todas as dificuldades de um país racista e sexista em sua estrutura, com um jornalismo ainda muito elitizado, mulheres negras estão assumindo papéis importantes e ocupando espaços que lhes foram negados. Todos os dias do ano, é importante consumir e compartilhar o trabalho dessas – e de tantas outras – mulheres negras que trabalham com o que amam e merecem cada vez mais visibilidade para o seu talento." Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/11/20/alem-de-karine-as-pretas-que-estao-mudando-a-cara-do-jornalismo/

Descaso com a modalidade por parte de entidades, federação e clubes	Como entidades, federações e clubes são omissos com a modalidade, contribuindo para ambientes pouco favoráveis para o esporte	“Independentemente dos problemas financeiros pelos quais o clube passa, não dá para aceitar as condições de trabalho às quais essas atletas estão sendo submetidas. Não há justificativa para não fornecer uniformes para elas treinarem, comida para elas se alimentarem. São custos básicos, e não é a economia deles que vai fazer o Vasco se recuperar das dívidas que tem.” Disponível em: https://dibradoras.com.br/2022/01/05/vasco-ja-revelou-marta-e-hoje-vive-situacao-vergonhosa-no-futebol-feminino/
Evolução da modalidade	Melhora da estrutura para a modalidade feminina, como as competições e as categorias de base	“A divisão A-3 ajudará muito no aumento do mercado de trabalho para as atletas, além de incentivar o fortalecimento das categorias de base dos clubes, que ganham um calendário maior e mais estruturado”, destaca Aline Pellegrino, Coordenadora de Competições Femininas da CBF, em nota. Disponível em: https://futdasminas.com.br/o-que-esperar-do-futebol-feminino-em-2022/
Assédio/machismo/discriminação	Situações que envolvem mulheres em situação de assédio, machismo e discriminações no ambiente esportivo	[...] Ela, que era Diretora da Mulher e de Operações de Jogo, não tinha o mesmo acesso às instalações que os outros membros da diretoria – todos homens. Além da dificuldade de acesso para que mulheres alcançassem cargos diretivos, ela relata casos em que não podia exercer as suas funções e direitos por ser mulher. Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/12/01/ex-diretora-do-nautico-que-denunciou-assedio-se-inspirou-em-funcionaria-da-cbf/
Descaso da entidade/federação s/clubes com atletas e pioneiras	Como que as entidades do futebol, bem como as instâncias que a envolve trata com descaso grandes atletas da modalidade feminina	É inadmissível o atraso na divulgação de um evento que marcaria o adeus de uma jogadora do tamanho de Formiga. Além dele, os preços cobrados pelos ingressos (R\$ 80,00 o mais barato) e a pouca distribuição gratuita prejudicou e muito o espetáculo tão esperado. Era a 1ª vez na história que a CBF se prestaria a homenagear uma jogadora e, mesmo com mulheres ocupando cargos importantes na gestão da modalidade – especialmente Duda Luizelli, como Coordenadora de Seleções -, algumas decisões dependeram do aval de pessoas que têm, de fato, o poder da caneta na entidade. Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/11/26/formiga-merecia-mais/

Fonte: A autora inspirada em Azevedo 2021.

Sendo assim, vê-se que as mulheres que produzem conteúdo sobre o futebol de mulheres, refletiram de diversas maneiras sobre como a estrutura do ambiente esportivo é excludente com as mulheres, seja jogadoras, profissionais de mídia, ou gestoras. Em

alguns casos, ainda é possível visualizar que eles foram acionados para mostrar a evolução da modalidade e dos acessos de mulheres a ele. Discussão essa que é pautada a partir de como a estrutura pode ser mais profissional e acolhedora com as atletas e consequentemente com a modalidade.

6.4.2- O domínio cultural e a relação com as transmissões dos jogos

Collins e Bilge (2021) definem o domínio cultural como aquele em que se “normalizam atitudes e expectativas culturais em relação às desigualdades sociais” (p. 23). Sendo assim, um ambiente que é culturalmente associado aos homens, contribui para essas desigualdades. Elas ainda complementam que o domínio cultural se relaciona com a mídia e as mensagens culturais que essas perpetuam sobre raça, gênero, sexualidade e demais. Tais mensagens dão uma visão de que o futebol é justo e igualitário, mesmo que o domínio estrutural exemplifique que determinadas estruturas não são justas.

Nesse sentido, tanto as transmissões quanto a falta delas na modalidade feminina promovem ideias de que o futebol de mulheres é menos importante que o de homens. Embora, culturalmente, seja ele o amplamente transmitido, ancorado na perspectiva de que o futebol é justo para todos e ganhar seja meramente competência (COLLINS E BILGE, 2021). A luz disso, o domínio cultural é acionado justamente em postagens que falam sobre a falta de transmissão. O que podemos associar as mensagens culturais que as instituições e a mídia passam, ao não fazerem a cobertura da modalidade, é de que o futebol feminino não é interessante. Identificamos então duas formas principais, e por isso aqui mencionadas, em que o domínio emerge: na transmissão, que quando é feita atrai público, e na ausência dela.

Tabela 5: O domínio cultural de poder e como é acionado nas postagens:

Como o domínio cultural é acionado	Definição:	Exemplo:
Falta de transmissão	Notícias que falam de como a ausência de transmissão é prejudicial para a modalidade feminina. Assim como das dificuldades enfrentadas para que os jogos sejam transmitidos.	"O problema é que os clubes não usaram do seu direito. Em 2020, Atlético e Cruzeiro transmitiram as partidas em que foram mandantes em suas TVs institucionais. O Ipatinga/Ideal conseguiu uma parceria com um canal do YouTube para que exibisse seus jogos. Mas o América não o fez. Assim, o jogo entre Galo e América, por exemplo, só foi assistido por quem estava lá, trabalhando, inclusive quem aqui vos escreve." Disponível em: https://galodelas.com.br/2021/10/19/aquele-futebol-que-voce-nao-viu/
Reflexões sobre a evolução da transmissão	Foco principalmente em como a transmissão é importante para a modalidade e ajuda na propagação de novas mensagens culturais sobre a modalidade, como por exemplo é de que é um espaço feminino e que pode ser tão rentável quanto a feminina.	Se antes era quase impossível conseguir assistir a jogos do Brasil com as mulheres em campo na TV – só havia transmissões da CBF TV -, a partir de 2019 isso se tornou frequente. Quando a Globo não exibia, o Sportv mostrava os jogos da seleção, que agora também foram negociados com a emissora para esse ano e o próximo. https://dibradoras.com.br/2022/01/28/com-supercopa-globo-aposta-no-futebol-feminino-e-fecha-transmissoes-ate-2024/

Fonte: A autora inspirada em Azevedo 2021.

A postagem do *Galo Delas* evidencia a ausência de transmissão, e é um exemplo de como a mídia coopera para que o futebol de mulheres seja menos visto que o masculino, porque a mensagem cultural que se passa é que ele é menos importante e, por isso, menos transmitido. Ademais, as postagens que refletem sobre a evolução da transmissão pautam a discussão justamente sob a perspectiva de que a modalidade quando é transmitida, divulgada e comentada, pode atrair tanto público quanto a masculina.

6.4.3- O domínio disciplinar e a regulação das mulheres no ambiente futebolístico

Para Collins e Bilge (2021), o domínio disciplinar diz sobre regras e regulamentos baseados no gênero, raça, sexualidade, classe entre outros. As autoras explicam então como no futebol, o domínio aparece:

No futebol, o poder disciplinar entra em cena quando certos meninos e meninas são proibidos ou desencorajados de jogar, enquanto outros recebem treinamento de alto nível em instalações de primeira para aprimorar seus talentos. Muitos são simplesmente informados de que são do sexo errado ou não têm nenhuma capacidade. Em essência, as relações de poder interseccionais utilizam categorias de gênero ou raça, por exemplo, para criar canais para o sucesso ou a marginalização, incentivar, treinar ou coagir as pessoas a seguir caminhos prescritos (Collins e Bilge, 2021, p.26).

Dessa maneira, entende-se que o ambiente futebolístico regula a inserção no esporte, através de leis, como o Decreto-Lei nº 3199, ou, através de impedimentos simbólicos. Como a percepção de que mulheres não poderiam praticar algumas modalidades, porque ia contra o que era entendido de feminilidade na época e que resultou no decreto mencionado (VIMIEIRO, et al., 2020). Contemporaneamente, jornalistas mulheres estão em maior número nas reportagens e não como apresentadoras (FIUZA e PRADO, 2018; MIRANDA e SILVA, 2017). O domínio disciplinar emerge nas postagens analisadas de algumas maneiras. Primeiro, por meio dos impedimentos para a mulher jogadora de futebol, e do Decreto-Lei nº 3199, que é lembrado ao falarem de como a modalidade feminina e masculina são tratadas de maneiras diferentes. Depois, por meio de impedimentos simbólicos que dificultam a inserção em determinados cargos no futebol, bem como da manutenção do esporte.

Como o domínio disciplinar emerge:	Definição:	Exemplo:
Proibição do futebol	A partir do Decreto-Lei nº 3199 como o acesso, manutenção e oportunidades no futebol ainda são difíceis para as mulheres.	80 anos após o decreto lei que impediu mulheres de praticarem alguns esportes por quatro décadas (devido às “condições da sua natureza”), passamos a refletir como isso impactou diretamente no crescimento do futebol delas. Até então, só sabíamos cobrar por ouro olímpico. Disponível em: https://dibradoras.com.br/2022/02/11/mulheres-na-gestao-do-futebol-feminino-pioneirismo-empenho-e-visao-de-negocio/

Dificuldade de acessar determinados cargos	Reflete-se principalmente como adentrar alguns espaços são mais difíceis, como por exemplo, mulheres treinadoras, árbitras e na gestão do futebol. Bem como a dificuldade do futebol profissional em determinados países, com culturas diferentes da praticada no ocidente.	"Quando essa mulher passa a ter acesso ao esporte ela rompe com uma hegemonia masculina e sua expressão, o resultado são mais barreiras para impedir a equidade, promovendo o desequilíbrio e assimetria nestes ambientes, sendo ornados de diversas formas de preconceitos, desde o físico, como a mulher precisa ter o padrão de beleza midiático, assédio, impossibilidade de se desenvolver na carreiras e as múltiplas barreiras colocadas por terceiros, que simplesmente assumem que ela não é capaz pelo fato de ser mulher." Disponível em: Por trás das câmeras de Tati Mantovani Futebol por Elas
--	---	--

Fonte: A autora inspirada em Azevedo 2021.

Vê-se então, que o domínio disciplinar, assim como apontam Vimieiro, *et al.*, (2020), é aquele que gerencia as relações de opressão, porque regula o acesso de mulheres em determinados ambientes. Seja por meio de leis, seja por meio de outros mecanismos impeditivos, que as impossibilitam de exercerem suas funções no ambiente esportivo, enquanto jogadoras, árbitras, gestoras ou jornalistas. Nesse sentido, o domínio disciplinar nos posts analisados aponta justamente para essa relação.

6.4.4- O domínio interpessoal e a reflexão sobre a mulher no futebol

O domínio interpessoal, como já falamos anteriormente, é aquele em que determinados grupos refletem sobre as formas de opressão que recaem sobre eles e como isso impacta-os no cotidiano.

O domínio interpessoal destaca a importância da opressão cotidiana e de como esses encontros rotineiros com esse outro que nos regula acaba tendo efeitos na subjetivação e na forma como as mulheres vêem certos espaços e papéis como adequados ou não para elas. (Vimieiro, *et al*, 2020, p.10-11).

Posto isso, no conjunto de posts que analisamos, o domínio interpessoal também foi acionado, ainda que em menor número, e principalmente no *Peppas na língua*. Contudo, quando emergiu falou sobre a relação de quatro tipos de profissionais com os demais domínios de poder: de jogadoras, técnicas, jornalistas e gestoras.

Como o domínio interpessoal aparece:	Definição	Exemplo
--------------------------------------	-----------	---------

Reflexões acerca do ambiente esportivo como torcedora	Torcedoras que refletem em como o ambiente esportivo pode ser opressor a elas por meio inclusive de assédios, mas, além deles também, como a afirmação de que o futebol não é para mulheres e as consequências disso.	"Mas o mais importante: não sofri nenhum assédio. Não passei por nenhuma situação constrangedora. Me senti empoderada naquela arquibancada e percebi que ali era o meu lugar sozinha ou acompanhada, homem ou mulher. "Disponível em: https://www.peppasnalingua.com.br/2022/08/o-dia-que-fui-ao-estadio-sozinha-pela.html
Como jornalista	Jornalistas que compreendem a estrutura excludente do jornalismo esportivo.	"Os homens sobem um degrau, a gente tem que conseguir uns quarenta pra conseguir chegar no mesmo nível desse primeiro que eles subiram" Disponível em: https://www.futebolporelas.com.br/post/por-tr%C3%A1s-das-c%C3%A2meras-de-tati-mantovani
Como jogadora	Jogadoras, pioneiras, ou não, que falam do ambiente esportivo como um espaço de inúmeras dificuldades para as mulheres atletas e das opressões que sofreram ao longo da carreira.	"Nos anos 90, era bem difícil das pessoas aceitarem a nossa orientação sexual, sempre fomos taxadas, não só por jogar futebol, mas também por nossas escolhas. Vejo que tudo acontece pelo momento, hoje futebol feminino tem vez e, de certa forma, temos uma proteção de uma família que nos aceita, da modalidade que é aceita no país, querendo ou não de algumas pessoas e o nosso posicionamento correto que não agride ninguém. Estamos apenas nos mostrando para o mundo e dizendo quem somos", reforçou a atleta. Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/11/25/formiga-fizemos-o-alicerce-agora-elas-constroem-a-pilastra-para-sustentar/
Como gestora	Profissionais envolvidas com a gestão do futebol, feminino ou masculino, falam sobre as opressões sofridas no ambiente esportivo.	"Eu não podia entrar na parte de hotel do centro de treinamento do clube porque eu era mulher, nunca pude andar no ônibus, no Timbus, porque me era proibido. Eu não podia andar com todos os jogadores quando os diretores andavam", lamenta. Ela já teve, inclusive, que viajar no próprio carro para um jogo em Aracaju, um trajeto de cerca de sete horas, por não poder ir no mesmo veículo da delegação. Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/12/01/ex-diretora-do-nautico-que-denunciou-assedio-se-inspirou-em-funcionaria-da-cbf/

Fonte: A autora inspirada em Azevedo 2021.

A partir da tabela, fica exposto que embora o domínio estrutural seja o mais acionado, o interpessoal também foi nesse conjunto de posts, geralmente, por meio de entrevistas, que ecoam a voz das profissionais do futebol e suas relações com o esporte, e com os desafios que elas enfrentam. Finalizamos então a análise de como os domínios

de poder emergem nos posts aqui analisados. Na seção seguinte iremos falar dos marcadores interseccionais.

6.4.5- Poucos marcadores para além de gênero

Após analisar a interseccionalidade por meio dos domínios de poder, neste momento, iremos analisar os marcadores interseccionais que foram recorrentes nas postagens das mulheres produtoras. Na segunda etapa da análise, ficou exposto que a interseccionalidade, tal como propõe Crenshaw (1989), é pouco acionada. Entretanto, um dos objetivos do trabalho, perpassa por compreender a produção de conteúdo sobre futebol de mulheres para além do gênero, interseccionando também raça, sexualidade, corporalidade, entre outras categorias. Nesse sentido, embora os domínios de poder (Collins e Bilge, 2021) interliguem as opressões, porque pensa-se em como estruturas de trabalho, a cultura, e as regulações, simbólicas, ou não, operem sobre determinados grupos, os marcadores interseccionais de Crenshaw (1989) também foram analisados.

Raça, sexualidade, classe, regionalidade foram alguns marcadores que também emergiram, mas, se deu principalmente por meio de figuras centrais e importantes para o futebol, como Formiga, Marta e Cristiane. Formiga foi tema de mais de uma postagem que falava de raça, o que mostra a importância de mulheres negras ocuparem espaços como o futebol, território que é historicamente excludente (Franco Júnior, 2007). No *Galo delas*, a análise não se dá por meio das jogadoras, e sim, a partir de uma discussão mais ampla, o que difere das demais postagens. Posto isso, a tabela abaixo auxilia-nos na demonstração de como a interseccionalidade emergiu e como as jogadoras pioneiras, Marta, Cristiane e, principalmente, Formiga são essenciais para a discussão.

Tabela 6: A interseccionalidade nos posts analisados.

Como a interseccionalidade é acionada:	Definição:	Exemplo:	Quantidade
Por meio de Formiga	Postagens que utilizam somente Formiga como figura central acionando marcadores interseccionais, por isso, possui reflexões mais profundas sobre os	"Falar da atleta Formiga é tão necessário quanto é chover no molhado. Hoje, Dia Internacional da Luta Contra a Discriminação Racial, precisamos ouvir não a atleta que mais vestiu a camisa da seleção. Mas a mulher, nordestina, lésbica, negra e que pra nossa honra é também jogadora de futebol." Disponível em:	4

	marcadores de gênero, raça, classe e regionalidade.	https://dibradoras.com.br/2022/03/21/len-daria-formiga-levanta-bandeira-contra-racismo-e-homofobia-nossa-liberdade-nao-tem-preco/	
Por meio de Cristiane, Formiga e Marta	Postagens que além de Formiga também falam de Cristiane e Marta e também acionam marcadores interseccionais	"Mas aprendi a lutar, desde sempre. Mulher, pobre e preta no Brasil nasce chorando porque sabe que não vai ter um segundo em que a trajetória não seja resumida a luta e resistência. Nunca foi fácil né? Mas um dia talvez seja menos difícil." Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/08/03/carta-para-cristiane-marta-e-formiga/	1
Por meio de jornalistas e outras profissionais do futebol.	Utilizam jornalistas para interseccionar opressões.	"A falta de diversidade racial em transmissões esportivas no Brasil é fato conhecido e registrado. Quando questionadas sobre esta crítica, a resposta das lideranças, muitas vezes, é de que não se sabe onde encontrar esses profissionais. Escolas particulares, universidades e redações jornalísticas são ambientes com pouca diversidade racial, e quando se trata de mulheres negras, a representatividade é menor ainda." Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/11/20/alem-de-karine-as-pretas-que-estao-mudando-a-cara-do-jornalismo/	2
Reflexões mais amplas	Nessas postagens não aparece nenhuma figura central, as reflexões são feitas a partir de uma visão ampliada do ambiente esportivo e das intersecções que ele possui.	"Quantas mulheres, ainda que maioria dentro das quatro linhas, ainda não são representadas quando falamos ou pensamos em discutir o gênero no futebol? Quando as interseccionalidades serão de fato pensadas nesse contexto como atravessamentos e não como uma série de critérios separados que se adicionam conforme uma pessoa ou outra entra em cena? As mulheres negras, as mulheres pobres, as mulheres mães, as mulheres lésbicas, mulheres trans (como mencionado anteriormente), mulheres com deficiência, entre outras, são lembradas e levadas em consideração nas discussões da modalidade? A quem serve apagar	5

		nossas diferenças em nome de uma categoria universalizante?" Disponível em: https://galodelas.com.br/2022/03/08/honramos_nome_de_quais_minas/	
A partir de acontecimentos de jogos	Relações principalmente de gênero e raça são acionadas para falar de casos de racismo em partidas e competições, nem sempre por meio de profundas reflexões, às vezes, somente por meio de notas rápidas.	"Após a cobrança de pênalti, houve uma confusão dentro de campo, mas a geradora da transmissão não mostrou o que aconteceu no gramado. Vic Albuquerque foi filmada aos prantos enquanto as atletas batiam boca dentro de campo. A arbitragem conversou com as atletas e o jogo seguiu. Em seu perfil oficial no Twitter, o Corinthians relatou que a jogadora Adriana foi chamada de "macaca" pelas atletas do Santa Fe. Um episódio lamentável e que não foi punido dentro do campo de jogo." Disponível em: https://dibradoras.com.br/2021/11/16/corinthians-faz-8x0-no-nacional-denuncia-racismo-na-partida-e-e-finalista-da-libertadores/	2

Fonte: A autora inspirada em Azevedo 2021.

Nesta tabela, adicionamos a aba “quantidade” para ilustrar como a interseccionalidade aparece, em muitos momentos por meio de Formiga, jogadora pioneira da Seleção brasileira. Como é possível ver na tabela, ela aparece em cinco postagens que tem intersecções, além de ser as discussões mais complexas sobre essas opressões, indo além da simples menção a elas. Porém, para além da figura de Formiga, a interseccionalidade também emergiu em postagens mais amplas, como análises de pais de atletas no ambiente esportivo¹⁴, ou como no próprio post utilizado para exemplificar a categoria.

Jornalistas esportivas e outras profissionais negras também foram centrais para as discussões interseccionais. Contudo, Formiga segue sendo a personagem principal de tais reflexões. Além do mais, quando a discussão se pauta a partir dos resultados dos jogos,

¹⁴Disponível em: <https://futdasminas.com.br/promessas-topper-luiara-gandolfi/>

com casos de racismo como no exemplo, a intersecção não é trabalhada em profundidade, sendo apenas mencionada, de maneira breve.

6.4.6 - Os sites e o ecossistema comunicativo

Ao esmiuçar as iniciativas com sites, encontramos algumas especificidades em alguns deles. Ao refletirmos sobre as diferentes funções e papéis que elas parecem desempenhar neste contexto, pensamos que esses projetos, em conjunto, formam um ecossistema comunicativo da cobertura do futebol de mulheres no Brasil, analisaremos aqui as que mais se destacam neste ecossistema comunicativo.

Ao longo da análise, notamos que algumas iniciativas possuem cobertura muito parecida a da mídia tradicional, ao noticiar o pré, o jogo, e o pós-jogo, como é o caso do *Planeta Futebol Feminino*. Ainda que parecido com a mídia tradicional, as iniciativas são relevantes porque se encarregam de narrar o futebol de mulheres, contribuindo então para a visibilidade da modalidade. Ademais, ainda dentro dessa cobertura mais episódica, o *FFF* é um site feito por quem realmente entende e se dedica à modalidade, o que fica explícito nos posts de caráter mais analítico dos resultados dos jogos.

Em outras iniciativas, como o *Dibradoras*, há uma posição mais política, porque muitas notícias, mesmo a de resultados de jogos, possuem críticas à organização das competições, ao descaso com a modalidade e com as jogadoras. Além disso, quando acionados, os marcadores são interseccionados de maneira mais complexificada, não havendo apenas uma breve menção, por isso, é o projeto com mais cobertura temática. Isso evidencia a consciência política e social de quem escreve e que coloca o *Dibradoras* nesse espaço politizado.

Já o *Galo Delas* se destaca pelas postagens que são mais acadêmicas, que se materializam através das referências utilizadas e a escrita mais técnica. Usadas para falar do ambiente esportivo e das relações que se estabelecem através dele, principalmente das exclusões e dos preconceitos que também se revelam no futebol. A tabela a seguir exemplifica essas observações a partir de postagens dos sites, que mostram tais características.

Tabela 7: Ecossistema comunicativo das mídias analisadas.

Mídia:	Tipo de cobertura:	Definição:	Exemplo:
<i>Dibradoras</i>	Cobertura temática e política	Cobertura mais temática com reflexões políticas e sociais mais aprofundadas, presente em grande parte das postagens. Por isso, há muitas críticas às instituições responsáveis pela organização do futebol. Assim como a abordagem de temas caros à sociedade e ao futebol, como assédio, machismo, racismo e o próprio papel da mídia esportiva.	"Nos últimos anos, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol vem registrando o aumento de casos de racismo e injúria racial no esporte. E o futebol feminino não fica à parte. Comentários sobre cabelos e aparência de atletas, perseguições online como foi o que aconteceu com Isinha, do RedBull Bragantino após a conquista da série A2 em 2021 vem se repetindo."Disponível em: https://dibradoras.com.br/2022/03/21/lend-aria-formiga-levanta-bandeira-contra-racismo-e-homofobia-nossa-liberdade-nao-tem-preco/
<i>Planeta Futebol feminino</i>	Cobertura episódica e análises de resultados	Cobertura episódica com pré/jogo/pós-jogo, no entanto, com análises mais profundas de diversas competições, não só do Brasil.	"Agora, para volta, será necessário escalar uma montanha gigante. A virada é missão quase impossível. Mas as Lobas também são capazes de executar tarefas praticamente impossíveis. A passagem para o mata-mata da Champions veio superando adversidades. Fora da zona de classificação, as alemãs precisavam bater o Chelsea – atual vice-campeão da competição – por dois ou mais gols de diferença. Resultado: partida excepcional e goleada por 4 a 0, despachando as inglesas e carimbando a vaga como primeiro do grupo (detalhe: contra o Barcelona, placar com 4 gols de diferença leva a partida para a prorrogação)". Disponível em: https://planetafutebol feminino.com.br/arbeits-fussball-leidenschaft-wolfsburg-em-busca-de-um-milagre/

<i>Galo Delas</i>	Cobertura com postagens mais acadêmica e ora temática, ora episódica	Postagens que se dividem entre temáticas e episódicas, com mais recorrência de notícias episódicas, mas, quando possuem notícias temáticas se dá por meio de linguagem e referências mais acadêmicas.	No futebol, conforme menciona Mariane da Silva Pisane, em seu texto "Lesbianidade em campo: afeto e desejo entre jogadoras de futebol brasileiras", há um controle exacerbado das condutas femininas para, inclusive, enquadrá-las nas possibilidades de participação, também dentro das quatro linhas. E assim, mulheres jogadoras e lésbicas rompem com as expectativas dos clubes, conforme entendem o futebol como um espaço de formação de novas alianças e novos relacionamentos, inclusive amorosos." Disponível em: https://galodelas.com.br/2021/08/29/visibilidade-lesbica-no-futebol/
-------------------	--	---	---

Fonte: A autora inspirada em Azevedo 2021.

Os exemplos dados anteriormente contribuem para compreendermos as dinâmicas desse ecossistema de forma mais ampliada, para além da análise pontual de cada uma dessas iniciativas. Nesse sentido, cada uma delas cumpre uma função dentro da cobertura da modalidade feminina, só que, todas elas, mesmo as não mencionadas, fazem uma cobertura significativa para o futebol de mulheres. Na sessão de considerações finais fizemos um panorama geral das informações mencionadas ao longo das análises.

7. O APITO FINAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DESTE TRABALHO

Após o desenvolvimento deste trabalho, algumas considerações podem ser feitas acerca dos resultados que foram obtidos. Começaremos então pelas primeiras percepções quantitativas das mídias feitas por mulheres e sobre o futebol de mulheres. Vimos nas primeiras 48 iniciativas mapeadas que os formatos utilizados por elas são diversos, seja pela multiplicidade de mídias sociais utilizadas, Instagram, Twitter, blogs, Facebook e o Youtube, seja pela temática abordada. Dentro das categorias criadas para análise, futebol internacional, nacional, regional e de clubes, o tema mais abordado é o futebol internacional e nacional, que fala de seleções, competições ao redor do mundo e também dos clubes brasileiros.

Nas 48 iniciativas o que foi menos recorrente é a cobertura do futebol regional e também de clubes. O regional ainda menos recorrente como vimos anteriormente e as que foram encontradas estão situadas no Sudeste. Esta informação pode ajudar a explicar o fato de a regionalidade não ser tão recorrente nas postagens. Ao longo do mapeamento, já imaginávamos que encontraríamos mais iniciativas sudestinas, ainda assim, o número ultrapassou nossas expectativas.

Ainda sobre a primeira etapa da análise que se deu de maneira quantitativa, nota-se que a maioria das iniciativas são feitas somente por mulheres, no entanto, um número menor também possui homens na colaboração. Aqui, se faz necessário mencionar o *Planeta Futebol Feminino*, que faz uma extensa cobertura do futebol de mulheres internacional e nacional. O site possui análises mais profundas da modalidade, foi idealizado por Rafael Alves, jornalista negro que se dedica a falar do futebol de mulheres não só no PFF. Recentemente, durante a Copa do Mundo que aconteceu em 2023, Rafael fez parte do time da Cazé TV¹⁵. Além disso, o site conta com outros homens na colaboração, no entanto, o protagonismo feminino é perceptível na iniciativa.

Outro ponto pertinente é a centralidade do futebol nas iniciativas mapeadas, embora um dos critérios de seleção tenha sido justamente a temática ser sobre futebol. Algumas delas também falavam de outras modalidades, porém, com menos frequência, que o futebol de mulheres. Outras modalidades apareceram principalmente em grandes eventos, como as Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2021, que foi tematizada em diversos

¹⁵ A Cazé TV é uma iniciativa que vem se destacando na cobertura do esporte no Brasil.

momentos no *Dibradoras*, por exemplo. Por fim, o futebol de mulheres também foi o mais abordado nas iniciativas, o que também se dá pela delimitação do corpus. Porém, ainda assim, algumas mídias também falavam do futebol de homens, e algumas com mais recorrência do que o de mulheres, como é o caso do *Rainhas do Dribles* e principalmente o *Futebol por elas*, em que mais de 90% das postagens eram sobre o futebol de homens.

Em se tratando da segunda etapa de análise, em que nos debruçamos sobre as 7 iniciativas que possuíam sites, algumas categorias também foram criadas. Como o esporte, a modalidade, a menção aos domínios de poder, os domínios acionados, a menção a interseccionalidade, quais intersecções eram feitas e se as postagens eram temáticas ou episódicas. Nesta etapa, confirmamos algumas informações obtidas na primeira etapa da análise, como o futebol sendo o mais noticiado e a modalidade feminina a mais mencionada.

Já quando analisamos a recorrência dos domínios de poder e da interseccionalidade, vimos que nem sempre eles foram acionados. Em algumas iniciativas aparecerem com uma frequência baixa, como o *Futebol por elas*, em que menos de 1% das postagens acionaram os marcadores. Esses marcadores apareceram com mais frequência no *Dibradoras*, e, podemos mencionar a iniciativa como um exemplo na cobertura do futebol de mulheres. Na iniciativa é perceptível que as idealizadoras fazem do blog um espaço mais politizado para falar sobre a modalidade feminina. E abordam as discussões com uma cobertura mais temática que episódica, que é comum na mídia tradicional, como constatado pelo observatório Marta (2021) e também observado no conjunto de iniciativas aqui analisadas.

Já na terceira etapa de análise, que nos encarregamos de analisar somente as mídias com domínios de poder e marcadores interseccionais, observa-se que o domínio estrutural é o mais acionado. Principalmente porque fala acerca da maneira como a estrutura oferecida ao futebol de mulheres é inferior ao que é ofertado ao futebol de homens. E assim, competições, centros de treinamentos, salários, são inferiores aos do futebol de homens. O domínio cultural é o segundo mais recorrente, sendo acionado para falar da transmissão e falta dela, discussão presente em muitas iniciativas. Afinal, quantos jogos não vimos porque não foram transmitidos? E a partir disso, quanto da história da modalidade não foi apagada? Questionamentos esses presentes em alguns posts sobre a modalidade e que motivaram esta investigação.

O domínio disciplinar e o interpessoal são acionados menos vezes e por vezes, quando se fala do domínio disciplinar discute-se sobre a proibição da modalidade. Assim

como das dificuldades das mulheres de adentrarem alguns espaços, como cargos de gestão ou na arbitragem. O domínio interpessoal foi acionado em maior número no *Peppas na língua*, iniciativa que reflete, em muitos momentos, sobre a cultura torcedora e como ela é machista com as mulheres e como as mulheres driblam isso, quando adentram o ambiente esportivo e assumem o protagonismo.

A interseccionalidade emergiu em menos postagens que os domínios de poder e quando acionada a discussão foi pautada principalmente por meio de figuras como Cristiane, Formiga e Marta. Mas, sobretudo por meio da figura de Formiga, jogadora que fala mais abertamente sobre as opressões que perpassam sua existência e o futebol. A partir desta informação, fazemos duas inferências, a primeira sobre a importância de mulheres negras ocuparem o futebol, porque a partir delas discussões importantes são feitas. Como, as múltiplas opressões que delineiam determinados grupos.

A segunda, sobre a necessidade dessas discussões serem feitas para além dessas grandes figuras, para ampliar as discussões. Entendemos a importância dessas jogadoras, mas, entendemos também que as discussões de gênero, raça, classe, sexualidade, regionalidade, e demais, não deveriam centrar-se nelas. Nem por meio das falas das jogadoras, jornalistas e demais profissionais negras, que muitas vezes são utilizadas para falar sobre o tema.

Outra observação a respeito da interseccionalidade é a profundidade das discussões, nem sempre as discussões são complexificadas, e muitas postagens, são, como mencionamos, aspas das falas de Formiga ou de outras jogadoras. Algumas das discussões mais complexas são realizadas por Nathalia Andrade no site do *Dibradoras*. A jornalista negra, que é mineira, por muito tempo dedicou-se a falar do futebol de mulheres no blog *Onze Minas*, blog que também foi mapeado, porém, desativado durante a análise. Relacionar Nathalia às discussões mais aprofundadas sobre a interseccionalidade é reconhecer que enquanto mulher negra, a jornalista possui olhar e experiências aguçados para a temática.

O blog feito por Nathalia ter sido desativado nos faz questionar quantos empecilhos ela enfrentou e enfrenta para falar do futebol de mulheres, ainda que na mídia alternativa, e imaginamos quantos desafios foram superados até a decisão de desativar o site. Ainda em relação a interseccionalidade, a baixa recorrência de intersecções mostra que não se reflete sobre como jogadoras brancas e negras vivenciam de modos distintos as opressões do esporte. E, de como o esporte é mais acessível para mulheres brancas. Ou ainda, de como a sexualidade, a regionalidade e demais, são componentes essenciais para

entender esta vivência e o próprio ambiente esportivo. Chama a atenção o fato de gênero e raça serem mais frequentemente interseccionados, ao passo que a regionalidade é pouco acionada, mesmo que duas das principais jogadoras que já passaram pela seleção sejam do Norte e Nordeste.

Em relação às características gerais dos blogs, nomeamos de ecossistema midiático as especificidades que cada um possui. Todas as iniciativas possuem conteúdos produzidos em múltiplas mídias sociais e possuem um espaço muito importante na comunicação da modalidade feminina. No entanto, nos blogs, alguns deles se destacam pelas características mais específicas, o *Dibradoras*, como mencionado brevemente, ocupa uma posição mais política que os demais. Através de uma cobertura temática, que faz críticas e cobra as instituições que organizam a mobilidade, bem como reflete sobre a própria mídia esportiva e o seu papel no ambiente futebolístico. Já o *Galo Delas*, possui uma perspectiva mais acadêmica, com referências e discussões comumente feitas na academia. Já o *Planeta Futebol Feminino* possui uma cobertura majoritariamente episódica, no entanto, notícia extensamente resultados de jogos e competições. Algo muito parecido com o que a mídia tradicional faz com a modalidade masculina, só que no *FFF*, feito no futebol de mulheres.

Durante a análise, enfrentamos algumas dificuldades como sites que foram desativados durante a análise, como o *Onze Minas*, e alguns que ficaram fora do ar durante o período de análise e foram reativados, um exemplo é o *Rainhas do Drible*. Notamos que nessas iniciativas, somente o *Dibradoras* possui campanha de arrecadação para o site, os demais não indicam campanhas de financiamento.

Nos propomos no início deste trabalho, responder a seguinte questão: *Como se caracterizam os projetos de mídia esportiva alternativa produzidos por mulheres e que se dedicam a cobrir o futebol de mulheres no Brasil, e como os domínios de poder e a interseccionalidade são acionadas nessas iniciativas?* Após terminá-lo podemos dizer que os projetos de mídia feito por mulheres são múltiplos, realizados a partir de diversas mídias sociais e cada um deles comunica de uma maneira ao seu público. Falando especificamente dos blogs isso também se aplica, cada iniciativa utiliza o espaço para noticiar o futebol de mulheres à sua maneira, alguns de forma mais temática, outras de maneira mais episódica. Porém, em todas as iniciativas nota-se a persistência em falar de uma modalidade menos tematizada na mídia tradicional.

Ainda em relação a caracterização desses projetos, notamos, a partir de informações contidas nos blogs, que as mulheres que falam de futebol de mulheres na

mídia alternativa reproduzem um estereótipo de jornalistas da mídia tradicional. E, na grande maioria dos casos, são mulheres brancas do Sudeste que escrevem sobre a mobilidade feminina. Esta informação se comprova no mapeamento, em que nenhuma iniciativa regional foi do Sudeste. Ademais, algumas iniciativas possuem outras configurações, mas, nesta investigação podemos afirmar, que ainda há um padrão sendo reproduzido. Desse modo, a mídia alternativa é sim um espaço para novas narrativas do futebol de mulheres, como sugere Toffoletti (2017), e constatamos com a investigação. Apesar disso, nas mídias mapeadas e nas informações disponibilizadas, nota-se que mesmo a mídia alternativa é ocupada por mulheres brancas, graduadas e da região sudeste. Reconhecemos ainda, que esta informação precisa ser melhor investigada, em pesquisas futuras que se debrucem sobre a informação.

Já os domínios de poder e a interseccionalidade são menos recorrentes do que supomos ao começar esta pesquisa. No entanto, como dissemos anteriormente, são acionados principalmente para discutir a estrutura do futebol de mulheres e como ela dificulta a popularização. E a interseccionalidade por meio de jogadoras, como Formiga e também jornalistas negras. Ademais, há também discussões em que a interseccionalidade não é acionada através de mulheres negras, mas, as discussões mais complexificadas são feitas a partir delas. O que nos leva a afirmar que ainda há uma dificuldade de intercruzar opressões para fazer determinadas análises.

Ao iniciar este trabalho, muitas questões nos perpassavam, imaginávamos encontrar nas iniciativas abordagens diferentes do jornalismo tradicional. No entanto, muitas das iniciativas reproduzem o que é feito no jornalismo tradicional. Pressupúnhamos ainda que a interseccionalidade apareceria com mais frequência, o que também não se materializou ao longo da análise. Ainda assim, é importante ressaltar a necessidade dessas iniciativas para a modalidade feminina, porque elas ajudam a popularizar a modalidade, fazendo uma cobertura extensa do futebol de mulheres, tal qual se faz do futebol de homens na mídia tradicional. Desta forma há uma contribuição para que a história seja escrita, contada e principalmente, documentada.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. S. (DES)**POLITIZAÇÃO, AGROTÓXICOS E SAÚDE: disputas hegemônicas entre o governo Bolsonaro e as Bruxas Sem Terra**. 2021. Dissertação de mestrado.
- BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. Dissertação de mestrado.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BRUM, A; CAPRARO, A. M. Mulheres no jornalismo esportivo: uma “visão além do alcance”? **Movimento (Porto Alegre)**, p. 959-971, 2015.
- COLLINS, P. H. BIRGE, S. Interseccionalidade/ Patricia Hill Collins, Sirma Birge; tradução Rene Souza. – 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2021.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 241-282, 2013.
- CORRÊA, L. G. et al. Entre o interacional e o interseccional: Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. **Revista ECO-Pós**, v. 21, n. 3, p. 147-169, 2018.
- CRENSHAW, K. “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”. *University of Chicago Legal Forum*, vol. 1, art. 8, 1989.
- FORTES, R. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, vol. 18, núm. 2, março-agosto, 2011, pp.598-614. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- FORTES, R. Um balanço dos estudos de esporte no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2012. In: **Revista Contracampo**, v. 30, n. 2, ed. Págs: 83-98. agosto-novembro ano 2014. Niterói: Contracampo, 2014.

FRANCO JÚNIOR, H - A dança dos deuses: futebol. Cultura, sociedade/ Hilário Franco Júnio. -1 ed- São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOELLNER, S; V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto, 2009.

HALL, H. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed:PUC-RIO: Apirucri.2016.

JANUÁRIO, S. B. Marta em notícia: a (in) visibilidade do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 2, n. 1, p. 28-43, 2017.

JANUÁRIO, S. B. Modos de ver: a (in) visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo**. 2015.

JANUÁRIO, S. B; R, LIMA, C. A; LEAL, D. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatorio (OBS*)**, v. 14, n. 4, 2020.

LAGO, C; KAZAN, E; T, Manuela. **Jornalismo e estudos de gênero: e a interseccionalidade, onde está. Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Intercom, 2018.

MORAES, E. Mulher não joga futebol no ‘país do futebol’? Questões sobre a invisibilidade e o silenciamento de histórias de mulheres futebolistas no Brasil. **Anais do VI Encontro Estadual de História-ANPUH, BA**, 2012.

MOREL, M; MOURÃO, L. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências e Esporte**, v. 26, n. 2, 2005.

MÓSCA, H. M. B; SILVA, J. R. G; BASTOS, S. A. P. Fatores institucionais e organizacionais que afetam a gestão profissional de departamentos de futebol dos clubes: o caso dos clubes de futebol no Brasil. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 10, n. 1, 2010.

MOURÃO, L; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 26, n. 2, 2008.

PACHECO, L; T.; SILVA, S; R. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.

PASSERO, Julia Gravena et al. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, v. 26, 2020.

ROWE, D. Sports journalism: Still the toy department' of the news media? **Journalism**, v. 8, n. 4, p. 385-405, 2007.

RUPPI, L. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

SALVINI, L; JÚNIOR, W. M. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista Placar na década de 1990. **Sociologias Plurais**, v. 1, n. 1, 2013.

SALVINI, L; JÚNIOR, W. M. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013.

SANTOS, D.S; MEDEIROS, A.G.A. O futebol feminino no discurso televisivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, p. 185-196, 2012.

SILVA, G; C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.

TOFFOLETTI, K. **Identification, Participation, Representation**. First published 2017 by Routledge 711 Third Avenue, New York, NY 10017. 2017 Kim Toffoletti.

VIMIEIRO, A. C. **A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens**. *Contracampo*, v. 31, n. 1, p. 23-59, 2014.

VIMIEIRO, A. C. **O torcedor como produtor: por uma abordagem comunicacional das culturas esportivas**. Ana Carolina Vimieiro. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

VIMIEIRO, A. C; CLEMENTINO, A.V. Q; SILVA A. Q; CARMO, G.M.S do; QUINTELA, G. P; CARVALHO ALVES, L.E; ANDRADE, M. C. G de. **É mais que preconceito! Dimensões da opressão de gênero no esporte a partir da análise do Podcast das Marias**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.